



nuno r.



o aumento da realidade

O Aumento da Realidade (2014)

Nuno R.

O manuscrito é de 2014
As fotos da capa são de 1997, reveladas no
estúdio da Escola Superior de Jornalismo

Texto, fotos e capa de Nuno R.

Geodivórcio
emulWorm
speechCrawler
Facsimile
Tactoo™
Subversivos
Youcon™
Preal™
Adopt-a-Drone
Wikimercado
Ilofilia
Utokopia
Supercolonos
Baby Crunchers
HumBio™
Antes, Blinds
Mercado de Eventuais
Os Semeadores
Insularidade
Elsies™
Taylormaid™
ActuaLove™
Churchland Test
GenderCast™
Caszandra

Anexo: Alfabeto castiano unificado

Geodivórcio

Antes do fim, foram ao globo. Entraram na sala, caminhando perto um do outro. Os dedos de um tocando os dedos do outro, amenizando o balancear dos braços correspondentes. Resistiam a dar-se as mãos enquanto avançavam até chegarem ao simulacro da Terra.

Apertaram-se as mãos como procurando a certeza que ainda não tinham segurando a força um do outro, não se olhando ainda. A mão restante, espalmaram-na no identificador do seu lado, que lhes leu a impressão das palmas.

Olharam-se então. Largaram as mãos e foram para os seus locais. Afastaram-se. Cada um olhou o ponto luminoso que lhe correspondia.

Ponto azul. Costa Rica.

Ponto vermelho. Timor.

O globo terrestre, um holograma a três dimensões à sua frente, começou a girar.

Rodava o simulacro esférico, no sentido do passado.

Olhavam e viam números.

A data.

Ano. Mês. Dia. Hora. Segundos.

Dizem a palavra em uníssono e o software é accionado.

“Divórcio.”

Uma vertigem em direcção ao início.

O holograma girou, numa aceleração fantástica.

Olharam-se, como para reconhecer o espanto um do outro. Ou para terem a certeza de ainda ali estarem, na mesma viagem ao passado.

A Terra desacelerou até à imobilidade.

Começou a piscar o ponto azul, na Costa Rica.

O tempo avançou, já no sentido do presente.

Agora a Terra tem um contorno de luz. Está dividida em dois hemisférios. A noite e o dia.

Passado um ano, minutos no simulacro, começou a piscar o ponto vermelho em Timor.

Cada um via o seu ponto agora.

À medida que a Terra holográfica girava, cada ponto deixava um rasto de luz. Rasto vermelho. Rasto azul. Terra riscada de vermelho. Terra riscada de azul.

Os equinócios e os solstícios vinham e passavam. Alterava-se o limite entre a sombra e a luz, como uma afirmação da ausência do sol, que ali não era senão sugerido pela sua acção na terra.

Anos passavam em minutos. Muitos minutos em muito poucos segundos.

Ao 23º ano, na Ilha de São Miguel, o ponto azul e o ponto vermelho convivem na proximidade um do outro. Até que coincidem em púrpura.

Olham a cor diferente e não querem, ali na mesma sala, reconhecer nos olhos um do outro reflexos de uma tonalidade que já não existe.

Anos avançam.

A superfície do planeta é riscada.

Uma relação, por breves anos, vive uma arritmia de púrpura, de intervalos de azul e vermelho, num mesmo espaço do planeta. Para dar lugar de novo a duas cores.

Vermelho e azul avançam em locais diferentes.

São Paulo.

Açores.

Até que, uma hora/segundo antes da entrada na sala, volta a existir púrpura no simulacro.

emulWorm

Levantou o dedo do enter. Devagar. Como se esperasse ver um cogumelo atómico. Olhou o ecrã. O dedo a dobrar, recolhendo-se em punho. Tudo em câmara lenta. Mesmo a respiração suspensa.

Os caracteres brancos surgiam, nervosos, sobre o fundo preto. Paravam de repente, como se hesitassem sobre a sua função. O cursor piscava. E a seguir vinham mais caracteres, uma inundação de eloquência. Nova pausa, mais ou menos demorada. Uma frase, a seguir ao cursor. Alguma semântica, aos solavancos. E novos assomos de abundância. Pedro olhava o ecrã e na sua cabeça tudo aquilo era música. Uma espécie de ruído muito acelerado. Um ritmo. Um rufar de tambor, uma urgência. Conhecia cada linha de código, cada versão de cada secção do programa. Cada actualização. Imaginava aquilo como uma digestão muito rápida. Uma espécie de sistema nervoso que digerisse as próprias instruções e se instituisse de autoridade, a seguir, com aquela construção lógica, sabendo o que fazer. Como em algo vazio mas que originasse as infinitas formas e sobretudo fosse cosmos e exercício da abstracção da lógica, ali estava um processo a decorrer em que o seu intelecto ia criar procedimentos. Agradava-lhe a limpeza daquilo tudo. A objectividade. A elegância com que se podia perceber os erros e corrigi-los. A possibilidade infinita de inovar e acrescentar. Na programação encontrava transcendência. Poesia, mesmo. Até quando uma linha de código de outra pessoa lhe parecia desajeitada, redundante, agradava-lhe ver alternativas semânticas, outros usos, semelhanças e inovações. Devorava sucessões de caracteres em linhas de código com a mesma voracidade que um pianista executava uma pauta de música barroca. Tinha uma curiosidade exegeta, rigorosa e voraz.

Agora era inevitável. A glória invisível ou o bug incorrigível. Tinha desencadeado um processo apoteótico. Ou apenas feito o upload de mau código. E se alguém detectasse o seu eventual mau código, poderia não ter segunda oportunidade. Fez tudo o que era possível para não haver rasto. Não lhe interessava o mérito, nem estava numa egotrip. Queria simplesmente saber se era possível concretizar o seu sonho.

A lógica, sabia bem, podia muito bem ser uma armadilha estrutural. Não era porque tudo batia certo, porque a semântica tinha sido corrigida e afinada e o código tinha uma elegância que o seduzia que o resultado haveria de ser o desejado. Por isso, nas fases alpha de um projecto, os bugs eram tão reveladores. Por isso, ver pela primeira vez o código de um programa cujo funcionamento interno desconhecia totalmente era como ver as entranhas de um animal, num ritual de voodoo. Era, ainda, um processo divinatório. Com regras, mas insuficientes e baseado sobretudo em desejo e angústia.

O que ele desenhava era tão elegante que, custava-lhe manter-se modesto, tinha de funcionar. Encontrou uma forma de otimizar as formas habituais de usar remotamente recursos alheios. Sobre tudo para não ser detectado. Mas também porque o que iria fazer necessitava de uma rede, com o que se habituou a chamar nódulos, por não encontrar nome definitivo, onde havia processadores à boleia dos quais a sua rede se instalava. Na prática, cada nódulo necessitava de recursos mínimos e ele contava não ser detectado, porque estava a usar um sistema muito complexo, que espelhava as já existentes darknets. Os seus nódulos ora se instalavam nos computadores

peçoais infectados com rootkits, que se tinham tornado zombies e que eram presas fáceis, ou apanhavam boleia das redes criadas para fazer funcionar sistemas como o Tor ou a Freenet, passando a usar alguns recursos desses computadores, como se fosse código legítimo e beneficiando das camadas de encriptação dessas redes. A sua própria rede invisível de nódulos estabelecia-se e comunicava entre si usando as darknets, colectando dados encriptados num servidor com vários espelhos.

O documento que a IntelligenceLeaks traria à luz do dia mais tarde confirmaria um documento da HackersLeaks que o denunciou. Ler-se-ia, no que parece ser o relatório da detenção, com o nome do preso rasurado, que houve um uso indevido de vários sites governamentais, não identificados. O que foi noticiado é que esses sites seriam os que o caso Snowden revelou pertencerem à rede da NSA e que permitiriam, entre outras coisas, pesquisar internamente grande parte dos dados pessoais dos cidadãos do mundo. Aparentemente o que irá falhar no seu plano é o uso dos servidores da NSA. A sua hùbris consistiu em achar que poderia enfiar a mão no ninho de víboras sem ser mordido. Sem que as víboras sequer o detectassem.

O plano é optimista. Sem dúvida megalómano. E incompleto. Não sabe quanto tempo precisa para recolher dados. Pensou primeiro em dois meses. Sabe que quando desligar a rede, acabou. E ou falhou de vez ou tem na mão uma bomba. E por isso, depois de largar o crawler, vai passando o tempo, cinco dias, três semanas, um mês e meio, três meses e pensa, talvez agora, talvez mais um pouco, mais um pouco, se aguardar mais um pouco é melhor. Por segurança, não tem nenhum canal de comunicação directa com os servidores que recolhem os dados finais encriptados. O protocolo que termina tudo é extremamente complexo. A rede tem de ser desligada, antes de qualquer passo. A impossibilidade de qualquer comunicação com os servidores, ou do seu rastreamento, foi assegurada desde o início. O protocolo é iniciado e a rede é desmantelada como se nunca existisse. Os nódulos desaparecem sem rasto, o código desaparece dos computadores. Os servidores recolheram dados encriptados, em momentos diferentes, sem qualquer ligação entre si, através das camadas de protecção das darknets, sem terem ligação entre si. Ficou tudo desligado, está tudo completo. E depois, com a maior elegância, a maior simplicidade do mundo, é como se recolhesse uma encomenda de um dos servidores, escolhido aleatoriamente - existem nove espelhos. É, será simples. Recebe a informação. Um segundo protocolo é iniciado. É enviado um sinal a um outro computador, zombie, que tem a informação de onde estão os espelhos. A informação, que de qualquer forma tinha um alto nível de encriptação, é para sempre destruída nos outros servidores. Ninguém, alguma vez, saberá que foi ele que esteve a escutar o mundo.

Só que não consegue decidir-se a parar. Vai em quase quatro meses. Deixa de ir trabalhar, mete férias. E continua indeciso, fica paranóico. Chega aos seis meses. Inventa uma baixa médica.

E é então que lhe tocam à porta.

speechCrawler

Ainda adolescente, tornou-se um milionário accidental. Começou tudo numa mera aposta feita por orgulho intelectual, aos 16 anos.

Nunca culpou os pais por o terem colocado naquele programa para crianças sobredotadas. Mesmo se a sua incapacidade crónica de adaptação se traduzia numa timidez blindada. Ficou sinceramente grato, para sempre, por sair do liceu. Tarde demais, na sua opinião. Aos 14 anos, entrou na universidade. Com um currículo adaptado, em que foi possível escolher cadeiras que, segundo os pedagogos, fariam a ponte nesta transição. Eram também uma espécie de mosaico temporário que lhe agradava. Não teve, nos primeiros seis meses, de escolher definitivamente um curso. Pôde aprender de tudo. Aos 16, no entanto, já sabia que a linguística era a sua paixão e a programação um talento natural. Com a ajuda dos professores, ia procurando um doutoramento que pusesse o seu talento a trabalhar em prol da sua paixão.

Os dois primeiros anos foram difíceis, ainda assim, no convívio com os colegas. A filosofia do programa em que estava inserido era uma noção vaga de integração, que não se concretizava em nada. Havia outros dois alunos na mesma situação que ele, no PJT, Programa de Jovens Talentos. O mais novo dos três, muito falador, parecia-lhe infantil. Não tinha nada em comum com ele, a não ser algumas afinidades em relação à astrofísica. E um outro da sua idade quase exacta, tirando uma diferença de 1 dia, 87 minutos e 28 segundos como ele gostava de lhe lembrar. Dava-lhe a ideia de ter algum tipo de autismo, ou talvez simplesmente não desejar ou não conseguir comunicar de forma eficiente ou sequer regular. E que, de qualquer forma, era rigorosa e intensamente protegido pela família, que lhe prescrevia horários e hábitos, forma de se vestir e comportar. Uns tios, parecia-lhe, que o iam levar e buscar todos os dias e lhe arranjavam a gola da camisa e falavam com ele de forma incessante no caminho até ao carro e desde o carro, e ficavam a olhar para ele, até ele desaparecer pela porta do edifício principal ou por ela surgir. Todos os outros colegas, mais velhos, mostravam-se demasiado interessados nos rituais de acasalamento ou nos desportos, para se iniciar qualquer aproximação. E, de vez em quando, em formas mais ou menos disfarçadas de bullying.

Nunca sofreu violência física directa. Mas alguns colegas, vários anos à sua frente no gozo da puberdade, talvez para compensar o que imaginavam ser uma ameaça intelectual que não podiam aceitar, um embaraço, gozavam com ele de forma trapalhona, espalhafatosa e sem sentido. Com o tempo, a sua timidez foi desaparecendo. Mas no início, tornou-o um alvo. Ou, sendo ele um alvo, não lhe permitia comunicar eficientemente a sua dor.

Lembra-se do início, de ficar paralisado. Talvez como nas descrições de biologia, o seu corpo escolhesse, entre as duas opções mais interessantes *fight or flee*, uma terceira, que também fazia parte dos comportamentos de alguns animais: ficar imóvel, ridiculamente esperando passar um perigo que estava longe de ser letal. Ainda chegou a temer uma outra reacção involuntária, que a evolução ainda não eliminou de vez: a de libertar excreções, urina e fezes, ao mesmo tempo que se finge, através da imobilidade, a morte, para num último recurso afugentar o predador por via da repugnância. Nunca lhe aconteceu, além de paralisar, mijar-se pernas abaixo, ou pior, enquanto o grupo de atletas dizia piadas estúpidas, que nem conseguia escutar. Mas prestava

muita atenção aos movimentos, ou o que lhe pareciam os movimentos dos seus intestinos: como que um recuar, um arrepio de gruta orgânica, e até aos sons das suas entranhas, num processo interior de constrangimento e risco. Fora de si, falavam com ele e riam-se. Riam-se e entreolhavam-se como que a constatar, uma e outra vez, que ele era mesmo motivo de galhofa. E ele não escutava, aquelas vozes misturavam-se, torpes e ininteligíveis, ele quedava-se, muito concentrado em não se mijar pernas abaixo e em desejar que aquilo acabasse. Acabava sempre. Mas mudou. Não foi sempre assim. Passou a deixar de se incomodar com as suas entranhas.

Tinha uma curiosidade científica. Se era alvo de piadas e um grupo inteiro de pessoas se ria dele, queria saber qual o conteúdo das anedotas, que efeito tinham quando contadas, qual a dinâmica que se estabelecia entre contador e ouvinte, o que dizia a anedota sobre o alvo da anedota, qual o objectivo da anedota, porque usavam eles humor e se aquilo era mesmo humor ou se era outra coisa disfarçada de humor, embora houvesse riso envolvido. Escreveu mesmo algumas linhas introdutórias, como nas teses que apresentava aos professores. Ficou entusiasmado. Ansiava pelo próximo encontro.

De vez em quando passava por colegas que tinham estado em confrontos, e esperava ser abordado, mas isso não acontecia. A princípio não encontrava nenhuma explicação. Eles nem pareciam dar pela sua presença. Pensou que haveria uma correlação entre o número de indivíduos envolvidos e a probabilidade de ocorrência de um episódio. Mas chegou a encontrar um grupo grande de indivíduos, entre eles praticamente todos os que estiveram em episódios onde o rodearam, e ninguém o abordou. Por vezes havia um olhar, é certo. Chegou a parecer-lhe haver um sorriso trocista, mas não teve a certeza.

Leu vários livros de sociologia, mas percebeu que as suas indagações sobre dinâmica de grupos seriam, só por si, um estudo específico, paralelo, eventualmente complementar. Estava muito interessado em perceber como funcionava um grupo e o que determinava que indivíduos diferentes se agregassem à volta de um interesse comum num momento e noutro momento isso simplesmente não acontecesse. Mas, por enquanto, o que desejava mais que tudo era compreender o que se passava quando, até agora, estava desligado do mundo a vigiar os seus intestinos, rodeado por rapazolas com mais 15 centímetros de altura que ele, com 20 anos acabados de fazer, muito divertidos com algo que a ele lhe tinha estado vedado. E que, tudo indicava, era ele próprio.

Na verdade, nunca chegou a perceber. E a própria decisão que tomou, de fazer uma investigação a emular o método científico, olhada uns meros 24 meses depois, quando estava prestes a fazer 17 anos, lhe parecia quase infantil, embora olhasse para trás com alguma ternura. Quase como se aqueles 24 meses tivessem sido passados, afinal, num daqueles engenhos de hibernação prolongada, que se vêem nos filmes de ficção científica. E que lhe tivesse permitido envelhecer apenas 24 meses mas acordar muitos anos depois, ainda sem saber muito bem o que mudou à sua volta, ao abrir a porta do engenho no fim da longa viagem.

Durante a viagem na universidade, deixou de ser uma vítima passiva. Simplesmente passou a ser uma vítima activa. O que confundiu completamente a acção dos seus atormentadores. Ele parecia estranhamente sereno, perscrutador. E de vez em quando fazia mesmo perguntas. Deixou de ser, de

um instante para o outro, um miúdo assustado, nervoso, ridículo, que nem reparava que tinha os atacadores de uma das sapatilhas desapertados. Quando gozavam com ele por causa da cor da camisola, ficava a olhar para a camisola. Parecia surpreendido. Às vezes fazia uma pergunta sobre a cor da camisola de um deles, que era a mesma cor. Às vezes explicava-lhes coisas, por exemplo como é que a cor se formava, como era de certa forma uma ilusão, que os nossos olhos nos ofereciam, e como até poderíamos dizer que nem era com os olhos que víamos, mas com o cérebro. Às vezes, até, oferecia-se para os ajudar a melhorar as notas na cadeira de Óptica.

Eles, rapidamente, deixaram de lhe achar piada. De vez em quando, ele tinha uma piada preparada. Notaram que ele devia procurar online por piadas. A princípio, a piada tinha a ver com a última vez que estiveram juntos. Se eles tinham estado perto de um banco, era uma piada sobre um rapaz e um banco. Se eles tinham gozado com ele por gaguejar, era uma piada sobre um gago. Mas depois, a piada era algo que eles nunca tinham escutado. Era algo que pegava no que já tinha acontecido, várias vezes, era como uma fábula moral, que os envolvia. Uma vez, 8 estudantes universitários encontraram um miúdo com os atacadores desapertados. O que os irritava é que as piadas com que ele aparecia os faziam rir. Eles a princípio escutavam porque um deles, que se calhar tinha a função de fazer os outros escutar piadas, os mandou calar talvez com a esperança de que ele dissesse algo tão ridículo que eles se iriam rir no fim. E, de facto, riram no fim.

Ele foi-se embora, depois de contar a primeira surpreendente piada. Mas eles apareceram no dia seguinte e disseram-lhe, de chofre, conta uma piada. E ele contou. E depois, apareceram cada vez menos, até que ficou só um, que se tornou amigo dele. Era o que mandava calar os outros. E contavam piadas um ao outro. Até que já não sabiam mais piadas. E aí começaram a falar de coisas sérias. Isto demorou seis meses. E o Pedro, nesta altura, tinha apenas menos 12 centímetros de altura que o Matias. Quando acabou o Doutoramento, aos 18, eram quase da mesma altura. E foi aí que o Matias começou a treinar com ele, com as máquinas do ginásio, e lhe ensinou como ganhar um pouco mais de músculo, coisa que afinal acabaria por agradar ao Pedro, que era um rapaz alto e magro, confiante nas suas capacidades intelectuais e inseguro em praticamente tudo o resto.

Antes ainda de fazer 17 anos, conversava com o Matias, que tinha beneficiado muito do seu apoio nos estudos. Matias era um rapaz esperto de 20 anos, mas, até conhecer o Pedro, pouco aplicado. Era um apaixonado pelas grandes causas, e às vezes entregava-se a assomos idealistas, mesmo se misturava datas e nomes. Tinha a tendência de atribuir o mérito histórico sobretudo aos líderes e menos às massas. O Pedro, devoto da semântica, da linguagem, do engenho humano e da técnica, era naturalmente céptico em relação ao discurso e desconfiava sempre da retórica. Considerava o discurso algo que poderia ser produzido de forma desapaixonada. Para ele o discurso era, quase por definição, artifício. Logo, tinha método que poderia ser aprendido, reproduzido, fabricado, aperfeiçoado. Sem emoção.

Os dois entregavam-se a debates sobre alguns exemplos históricos, como o discurso que estava preparado para John F. Kennedy ler, caso a primeira missão tripulada à Lua corresse mal e, por exemplo, os astronautas envolvidos morressem, e que é, concordavam o Pedro e o Matias, um discurso absolutamente inspirador. O argumento de Pedro é que esse discurso foi

escrito previamente, sem ter acontecido nada, antes mesmo da viagem. O que o inspirou não foi uma desgraça épica, nem a noção concreta do sacrifício dos astronautas. Foi a necessidade táctica de ter à mão, para ler de imediato, algo que pudesse inspirar uma nação e que transmitisse certos valores. Foi escrito com frieza, recorrendo a talento semântico. Matias, um defensor absoluto de Kennedy, ficava indignado com a explicação fria de Pedro, um miúdo 4 anos mais novo que ele e que falava da história do século passado como se tivesse 150 anos. O que conseguia ripostar era que as palavras daquele discurso, que tinha lido depois de Pedro as ter fornecido, a partir de livros da Biblioteca da Universidade, mesmo se tivessem sido escritas de antemão, estavam perfeitamente de acordo com o comportamento daquele líder. E que o mais importante era isso, haver coerência entre as ideias nos grandes discursos e o comportamentos dos grandes líderes.

Foi a partir destas discussões que Pedro fez a aposta que mudaria a sua vida. Desde há um ano que andava envolvido em programação semântica, que era já um esforço grande de antecipar o seu futuro. Queria ir o mais longe possível na análise em grande escala de estruturas de linguagem. Fez muitas experiências de recolha de padrões, quer para tentar perceber como funciona a linguagem, a partir da amostra mundial disponível, quer para conseguir perceber o que é possível melhorar tecnicamente, a nível da programação. Tinha sido amplamente citado pelos seus pares, nas publicações da especialidade. Quer por linguistas, pelos modelos que propôs, quer no mundo da programação, por algumas soluções que tinha encontrado. Com o Matias, apostou que conseguia fazer um programa que era capaz de imitar o discurso de qualquer líder mundial vivo ou morto, que tivesse um mínimo de palavras publicadas e disponíveis online. Matias insistiu sempre no carácter único do espírito humano. E recusou-se a admitir que o software pudesse imitar, de forma automática, sem a intervenção do génio humano, algo como o discurso de Martin Luther King nos degraus do Lincoln Memorial, em que se escutam as palavras “I have a dream that one day this nation will rise up and live out the true meaning of its creed” ou que algo como “ask not what your country can do for you ask what you can do for your country” pudesse vir não de uma mente humana mas de um programa de computador a emular os valores de uma política, o pensamento de um líder.

No dia da aposta, Pedro chegou a casa e sentiu-se envergonhado. Matias, pensou, era o seu único amigo. Era um amigo verdadeiro. As conversas com ele eram estimulantes. Sempre o sentiu como um igual. Sempre foi tratado com respeito e, no fundo, foi ele que o resgatou de um trajecto de vitimização. Não se reconhecia nesta insistência, até ao limite de uma aposta. Quase lhe parecia que estava a fazer tudo para derrotar a posição do amigo, a todo o custo. De qualquer forma, sondando bem o seu íntimo, acreditava piamente que a sua posição era a correcta. Ia tentar escrever o programa. Mas ia também tentar não ferir o amigo, nem levar longe demais as discussões. Não podia perder aquela amizade.

Como facilmente percebeu, aquilo que por orgulho se propôs fazer era algo titânico. Decidiu começar um projecto open source e ver se mais pessoas aderiam à ideia, porque ia precisar de muito código, de muito boas ideias e, se possível, de muito boas cabeças a pensar. No dia seguinte de manhã tinha o nome, speechCrawler, tinha comprado um domínio .org e tinha escrito um wiki a explicar do que se tratava o projecto. Quando deu por ela, tinham passado 10

horas em frente ao computador. Em 5 meses, com uma média de 8 horas em frente ao computador, escreveu a maior parte do código. Formalmente, mais de 300 pessoas se juntaram ao projecto open source, mas só cerca de 50 contribuíam com código e dessas só 7 fizeram contribuições de monta. Uma delas, um sueco de 70 anos, ou pelo menos alguém que dizia que era sueco e que tinha 70 anos, escreveu pelo menos um quinto do código.

Foi possível reunir pessoas com alguma rapidez porque o seu nome gozava de algum prestígio graças aos artigos que já tinha publicado e ao grande número de citações. Quando se soube que ia abrir a possibilidade a quem quisesse de trabalhar com ele num projecto destes, houve programadores e linguistas interessados em todo o mundo. Passado mais de meio ano, o projecto era um monte de código e quase o dobro em páginas de documentação, ainda não havia nenhuma previsão de quando se iria compilar pela primeira vez aquele código e muito menos de quando poderia ser testado no Bug Test Humans. Mas isso não retirava o entusiasmo a um grupo de 25/30 membros mais activos do projecto que continuavam a discutir o que aquilo significava e se mantinham em contacto. Houve um encontro, na Universidade onde Pedro tinha começado a fazer o seu Doutoramento, depois da insistência da Universidade, de Matias, que tinha um fair play tremendo, e de todos os membros do projecto. A timidez social de Pedro foi vencida e lá se fez o encontro, com mais de 150 membros do projecto, que se chamou speechCrawler alpha 0.01 e foi durante esse evento que Pedro recebeu o seu convite para trabalhar, com um salário milionário, antes ainda de fazer 17 anos, com a condição de não dizer a ninguém o que ia passar a fazer.

Facsimile

Pai, posso ir buscar a esfera? Sim. A criança levantou-se, cerimoniosa, com cuidado para não parecer ansiosa, os olhos antecipando uma alegria conhecida. Tinha o zelo de quem executa um ritual. E abriu a gaveta à sua frente, depois de se inclinar ligeiramente. Retirou a caixa a imitar madeira, com as duas mãos. Era uma boa imitação, de madeira escura, com um belo nó e veios, a simular a elegância de algo que teria sido vivo e que envelheceu, antes de ser cortado, aplainado e usado como utilidade. O material era sintético, feito por máquinas, por robôs industriais, quase num só gesto. E depois um processo de rigorosa eficiência permitia que o acabamento lhe desse este aspecto mais agradável à vista, e dado a nostalgias, ainda que o toque traísse a verdadeira natureza do que ali estava a ser manuseado.

Sentou-se no sofá. No início, aquela redundância ritualista impacientava o pai, mas depois houve um processo de tolerância progressiva e agora existia até uma certa satisfação em saber que podia contar sempre, de cada vez, com o mesmo comprometimento feliz daquele pequeno humano. Era gratificante aquele entusiasmo. A criança abria a caixa nos joelhos, colocava aquele receptáculo aberto na mesa baixa no centro da sala. Olhava, sorridente, para o pai. Retirava a esfera com as duas mãos, de forma gulosa. Mais tarde, antes de guardar a esfera, tinha o cuidado de a limpar. Um gesto desnecessário, devido ao revestimento que repelia partículas de pó. O pai fora obrigado a reservar um pano para o efeito. Continuavam os passos, os gestos, sempre repetidos com o mesmo cuidado, a mesma alegria serena. Ia até ao leitor, que estava na estante central, e colocava a esfera, que descia até ao seu equador e via as mudanças de cor, ainda antes do som surgir.

Tinham um leitor de nível 2. Identificado como um círculo com um 2 no centro. Quando a abstracção do dinheiro era ainda demasiado abstracta para a sua compreensão, a criança insistiu sempre que o pai comprasse um leitor de nível 1. Depois compreendeu, finalmente, de forma suficientemente razoável, o que seria o pai ter que comprar algo que equivaleria a 500 salários, ou cerca de 40 anos de trabalho. Demorou horas, e teve de explicar muito bem que demorou 15 anos para poupar o suficiente para poder comprar aquele leitor. E que a maior parte das pessoas tinham de poupar durante mesmo muito tempo e só podiam comprar um leitor de nível 3. No final, ficou orgulhoso por ter escutado as palavras “acho que já percebi, papá”, o certo é que nunca mais aquela criança insistiu na compra de algo tão caro.

Com o seu leitor, conseguiam ler todas as esferas do fabricante SonicBoomBox, que tinha um catálogo de 25 esferas. O círculo que circunscrevia um 2, tinha a cor da SonicBoomBox, verde, sendo a cor a única distinção em relação aos outros leitores de nível 2. Havia leitores com o círculo de cor azul, vermelha, amarela e cor-de-rosa. Consoante tivessem sido adquiridos à zSound, à Echoplay Corps, à MagneticVybes ou à Lis.sun. Ao comprar o leitor, tinham adquirido esta esfera que agora começavam a escutar. Tratava-se de Hey Jude, dos Beattles. A criança sabia de cor cada palavra da canção, e durante o dia era comum trautear a letra. Mas enquanto escutava, não. E se às vezes o pai cantava por cima da música, ficava zangada. Era como se quisesse beber cada átomo de som. No início, quando o pai tinha levado para casa o leitor, a criança insistira para que lessem repetidamente a esfera. E o próprio pai o queria fazer, porque estava deslumbrado. Tinha

poupado anos para poder ser proprietário daquele objecto. Queria usufruir dele, como uma criança. Mas rapidamente o pai colocou limites. Não podiam ficar horas de volta da esfera, a escutar a canção. Curiosamente foi a criança que propôs a actual frequência: escutar apenas uma vez por semana. No início o pai procurou negociar, propondo desde logo uma vez por dia, três vezes por semana, e ainda assim escutar duas, três vezes seguidas, mas a criança foi inflexível. Com o tempo, o pai veio a dar razão à criança. O silêncio, a ausência de música, ao longo da semana, faziam com que aquela única audição fosse especial. Passado meio ano, chegados a este momento, o pai, não se atrevendo a dizer à criança, pensava em comprar uma nova esfera.

Havia uma forma de receber a esfera de imediato. Em vez de ficar a poupar cerca de 5 anos, para depois pagar o equivalente a 25 salários, poderia aceder ao phonocredit, que lhe permitiria receber a segunda esfera no próprio dia em que assinasse o contrato de crédito. Pagaria não 25 salários, mas 75. Ficaria a pagar a segunda esfera durante 15 anos. O phonocredit era o único sistema de crédito autorizado para a aquisição de esferas e funcionava com todos os cinco fabricantes, com uma única modalidade, uma única taxa de juro. Se por um lado o negócio só parecia bom para a empresa de crédito, os últimos 15 anos já tinham sido anos de esforço para que as contas batessem certo. Os próximos 15 bem podiam ser semelhantes. Ou melhores, visto que agora tinha bastante prática em fazer ginástica financeira para que o dinheiro esticasse.

Ainda assim, estava a gostar destes últimos meses, em que tinha folga para respirar e até estava a poupar. Custava-lhe abdicar do que era, sem dúvida, a segurança financeira da criança que ali à sua frente escutava, extasiada, uma canção como se fosse algo encantatório. Sabia que esta mesma criança lhe suplicaria para gastar o dinheiro na compra da esfera, por isso tinha de guardar o dilema para si.

Enquanto tentava trazer à memória duas ou três melodias, fantasiando sobre qual a criança gostaria mais, o silêncio interrompeu os seus pensamentos. Chegou ao fim "Hey Jude". Foi a criança a primeira a falar. Pai. Diz. Quero fazer música. A música já está feita, o que estás para aí a dizer. Não pode estar toda feita, pai. E mesmo se estivesse, quero fazer música, quero tocar.

Levantou-se e tirou a esfera do leitor. Como se interrompesse um silêncio perigoso. Voltou a colocá-la. E depois olhou para a esfera, imaginando o gesto que fez, ainda com o impulso de voltar a tirar a esfera. Como se esse gesto interrompesse não o silêncio, mas uma melodia pífida, um veneno.

O que dizes? Queres tocar o quê, criança tola?

Hoje na escola estivemos a falar da Revolta do Silêncio, do Acto da Insonorização. Não explicaram muito. Disseram que a sociedade se uniu. Que nos ofereceu as esferas. E melhorou para sempre e sempre a qualidade do som e da música, nas nossas vidas.

O pai escutava, olhando o chão, sabendo que a criança olhava para ele fixamente, buscando os seus olhos, como que procurando a verdade. Sabia que a verdade não estava no chão. Talvez temesse que a criança a encontrasse olhando nos seus olhos. Falou, erguendo os olhos, com as mãos. E que mais?

Foi isso pai. Mas vimos fotos. Havia pessoas a tocar. Era assim que se dizia? Tocar. As pessoas tocavam nos instrumentos. Com as mãos. E às vezes

com a boca. Sopravam e mexiam e tocavam. E era assim que saía o som. Algumas fotos tinham legenda. Clarinete. Piano. Guitarra. É isso que eu quero fazer pai. Música. Quero tocar nos instrumentos para sair música.

No dia seguinte foi trabalhar e era como se os sonhos tivessem lavado todas as dúvidas. Acordou com as forças retemperadas. Com uma vaga noção de fantasia, de possibilidades em aberto. Preferiu nem se esforçar em se lembrar do que quer que tinha sonhado. A sensação que o acompanhava, durante a manhã, era suficiente, como um membrana aquosa volátil, que não queria perturbar. Via o mundo como algo mais brilhante, potencialmente mais belo, nessa manhã, como no meio segundo antes de um mergulhador chegar à superfície do mar, ainda completamente submerso, mas já beneficiando da força do sol filtrada pela última barreira de água. Tudo era suficientemente desfocado, para que as formas lhe agradassem, e podia inventar o que as coisas eram. Preferia assim, em vez de se precipitar para a superfície e apanhar uma desilusão. Começou a trabalhar e a sensação tornou-se ainda mais difusa. Apenas a memória de uma impressão. Ficou registada, como um conjunto de imagens, e esse conjunto ficou guardado como uma sensação a que ainda conseguia aceder, desencadeando emoções correspondentes. E fazia-o, quer inadvertidamente, o que lhe agradava, como a um raio de sol inesperado na pele, quer num fluxo de pensamentos que procurasse reorientar, usando esse dispositivo como uma forma instantânea de se sentir bem.

Ao almoço sentou-se sozinho na copa, sem se preocupar em procurar companhia para comer. O que, não sendo habitual, não era, ainda assim, um comportamento bizarro, nele ou nos colegas de trabalho. Havia tantos horários diferentes e tantas ocasiões em que se comia fora de horas que acontecia haver quem acabasse a comer sozinho. Enquanto se distraía mentalmente a rever as brincadeiras do dia anterior e a conversa a seguir à audição da esfera e dizia a si próprio que aquela criança era mais sábia que ele, sentou-se um colega a seu lado.

Cumprimentaram-se e falaram de banalidades por segundos, voltando a mastigar a comida. O colega, como se fosse a mesma banalidade, mencionou que tinha uma nova esfera. Ah, isso é ótimo. Usaste o phonocredit? Não. Os ouvidos dele ficaram subitamente focados naquela resposta. Não. Uma palavra redonda. Percebeu que o colega queria dizer-lhe qualquer coisa. Ele sabia que o colega sabia que ele sabia que ambos ganhavam o mesmo. Conheciam-se relativamente bem. Trabalhavam no mesmo departamento e quase que se podiam chamar amigos. A compra de um leitor é algo que se costuma falar a toda a gente. É mesmo costume convidar os amigos. Um e outro convidaram a família, amigos e conhecidos quando tinham comprado os leitores de nível 2. Tinha estado presente quando o colega tinha comprado o leitor dele, há cerca de 2 meses. Como é que ele tinha agora comprado uma esfera, no valor de 25 salários? Não precisou de perguntar.

Já ouviste falar de uma esfera universal? Claro que já tinha ouvido falar de esferas universais. Eram proibidas. Existiam os leitores universais, mas não eram comercializados. Apenas algumas instituições ou pessoas os utilizavam para fins científicos, ou lá para o que era. Eram leitores que conseguiam ler qualquer esfera. Nunca tinha visto nenhum, nem sabia como é que funcionava. Mas as esferas universais eram esferas que funcionavam em qualquer leitor. Eram, supostamente, vendidas no mercado negro. E eram proibidas. A pena por ser apanhado com uma esfera universal era prisão. A única coisa que o

fazia acreditar que realmente existiam tais esferas era existir, na lei, a penalidade para a posse de tal objecto. E estava especificada ao pormenor. Se a esfera fosse uma esfera de nível 1, a pena era de 2 anos de prisão, para esferas de nível 2, 8 anos de prisão, para esferas de nível 3, 15 anos de prisão e para esferas universais, cujo conceito em si, era absolutamente ilegal, uns intimidantes 50 anos de prisão.

Compraste uma esfera universal? Sim. Na prática é uma esfera de nível dois, que funciona em qualquer leitor de nível 2, de qualquer fabricante. Mas em nenhum dos outros. O nome esfera universal não faz sentido, digamos que é universal no universo dos leitores de nível 2. Isso dá-te 8 anos de prisão. Tens noção disso? E acreditas nisso? Conheces alguém que tenha ido para a prisão por escutar música? Faz algum sentido 8 anos de prisão por ter uma esfera em minha casa? És doido. Posso ser doido, mas tenho uma esfera novinha em folha com o "I Got You Babe". Já me cantaram essa música uma vez, deve ser bonita. Podes crer, se quiseres, eu empresto-te a esfera, é universal, toca no teu leitor, mesmo se não é zSound, como o meu.

Quando chegou a casa, a criança correu para o ecrã. Ficou um minuto de braços cruzados, de cara impaciente, exagerando a sua impaciência, soprando, inchando as bochechas e o peito de ar e rodando o queixo para o lado e para cima. Chegou mesmo a bater o pé mas como se começou a rir, parou de imediato.

O pai, depois de pousar o que tinha a pousar, casaco e pasta e outras coisas de adulto e também o que tinha acabado por transportar e que pertencia à criança, foi ter com o pequeno humano. Imitou primeiro o gesto de bater o pé e riram-se os dois. Depois encheu as bochechas o mais que pode, como numa competição, e virou o queixo ainda mais para cima. A criança pôs-lhe a língua de fora e fez o que devia ser um gesto interrogativo com as duas mãos mas que foi interrompido subitamente, desta vez com verdadeira impaciência, e terminou com as duas mãos na cintura. O pai pôs-lhe a mão na cabeça e imitou o som de um robô, talvez o som de um robô muito antigo ou um robô que fizesse som de propósito para ser cómico e virou a cabeça da criança para si. Baixou-se e olhou a criança nos olhos. Disse-lhe. Trinta minutos. Trinta minutos e a seguir estudos e depois vemos se ainda sobra tempo para nós. Eu fico sempre com o tempo que sobra não é? A criança deitou-lhe a língua de fora de novo. E o pai piscou-lhe o olho.

Quando a criança acabou de estudar estava já sonolenta e então o pai levou-a para o quarto dela, para que dormisse. Esperou meio segundo, porque sabia que a criança iria, meio a dormir, meio a sonhar, pedir-lhe que lesse uma história, já com os olhos fechados diria, estás a fazer batota, tens que ir buscar o livro, o pai diria, mas eu sei a história de cor, mas assim não é a mesma coisa, pai, mas tens os olhos fechados, qual é a diferença, a criança, a bocejar, vai buscar o livro pai, estou a pegar no livro, eu sei pai, tu sabes tudo, não te escapa nada, nem a dormir, pois sei, pai. Era uma vez.

Tactoo™

Somos todos da mesma cor. Juntos, olhares nas fachadas laterais do prédios, a ver a frase. O instante inicial da campanha, em sincronia. Um segundo antes, toda a cidade tinha ficado quase às escuras. Todos os ecrãs, de todos os tamanhos, em bares e restaurantes, nas casas, em cartazes, pequenos, médios e gigantes, todas as fachadas-emissoras dos prédios, tudo se desligou, desvanecendo imediatamente para a escuridão, por meio de um nostálgico e fugaz traço horizontal branco sobre fundo negro. Mesmo, inesperadamente, a maior parte dos telemóveis. E a seguir a frase que anunciou a comunhão. Púrpura. A pulsar. Somos todos da mesma cor. Nas ruas, as pessoas olhavam a frase, como se fosse o local mais interessante para confirmar que afinal tudo iria ser surpreendente, como previsto.

Mesmo quem não tinha aderido se sentia, em geral, cativado pelo efeito. Rosto púrpura. Sorrisos brancos em rostos púrpura, braços esticados, dedos a apontar. Sorrisos púrpura a confirmar, tu também, somos todos. Somos todos da mesma cor. Menos os que não tinham aderido. Um pigmento, uma ideia, uma campanha a unir todos.

Sorrindo, na rua, olhavam ainda para a frase, que ia tremeluzindo agora em tons de púrpura diferente. Algumas pessoas abraçavam-se, quem sabe querendo muito desempenhar o papel tão belo que ali se dispunha a ser representado. Genuinamente felizes. Muitas olhavam para o ecrã do telemóvel, que também mostrava a frase, com a cor púrpura, nos seus tons tremeluzentes. A frase surgiu, palavra a palavra. Desta vez, apareceu um rosto completamente púrpura, de etnia diferente para cada palavra, e a palavra tapava-lhe completamente a boca. Rosto a rosto, em cabeças tridimensionais, recortadas para efeito de design, coloridas de púrpura, surgiram. Cada rosto com sua palavra, no lugar da boca. A palavra era um espaço branco. Um recorte.

Somos.

Todos.

Da.

Mesma.

Cor.

Nos telemóveis. Nos ecrãs todos. Nas fachadas-emissoras. E logo a seguir, a pele das pessoas começou a mudar de cor, mantendo a sincronia da população aderente à campanha. As pessoas encostavam os braços, para ver o caleidoscópio em mutação ter a sua continuidade assim, em membros de corpos distintos. Chegavam-se para mais perto, para fazer manchas psicadélicas humanas. Saltavam para cima e para baixo, e perguntavam aos outros que efeito tinha de longe. Houve quem procurasse fazer desenhos com o corpo no chão. Inevitavelmente, quem quisesse escrever, com o seu e vários outros corpos humanos, a frase da campanha. Mas perceberam que quem tinha aderido à campanha tinha todas as funções do telemóvel em suspenso, menos a aplicação da campanha. Eventualmente isto permitiu a quem não tinha aderido também participar de algum modo. Os que não mudavam de cor, tendo uma aborrecida pigmentação de aspecto humano, passaram a ser os fotógrafos de serviço.

Vinte e quatro horas de todas as cores, sempre em sincronia, marcaram a primeira campanha global da Tactoo. Todos os que se inscreveram através da aplicação móvel, nos quiosques NFC, usando uma de várias formas de reconhecimento biométrico ou deixando que o assistente IA tomasse a iniciativa de se inscrever, passaram a ostentar um logótipo da UNESCO (patrocinadora da campanha) obrigatório na palma direita, com 5 cm de diâmetro e 25% de opacidade e tinham disponível um logo oficial não obrigatório para o ponto de referência “coração”, 5 cm abaixo do mamilo esquerdo, com 75% de opacidade, com 9 cm de diâmetro.

A Tactoo Inc. não revelava, no seu site tactoo.inc, mais do que “a nossa tecnologia baseia-se em inovadoras formas de usar a natural pigmentação da pele”. E não tinha revendedores nem franchisados, mas começava a abrir uma rede de lojas, que se estava a espalhar rapidamente às capitais do mundo. Passado um ano, tinha já 45 lojas, todas em capitais, nos cinco continentes. E vendia, sem portes de correio, para o resto do mundo, absorvendo, imaginava-se, o prejuízo, quando era caso disso. O que é que vendia? Gotas.

O modelo de negócio da Tactoo Inc. foi, desde o início, difícil de entender, para quem estava habituado a lidar com dinheiro convencional. Por um 1฿ (um Bitcoin), um utilizador tinha direito a instalar a aplicação no computador e em qualquer outro dispositivo e tinha direito a um frasco. As instruções diziam que se devia misturar duas gotas num copo de água por dia. E que um frasco dava para seis meses. Para continuar a ter o efeito pretendido, seria necessário comprar mais um frasco, no final dos seis meses. Ninguém sabia que papel desempenhava a aplicação, para que cada efeito Tactoo fosse activado. De novo, a explicação, se é que merece esse nome, era evasiva, “Os efeitos são activados e geridos na aplicação Tactoo, a partir do seu painel de controlo.” Era a única frase que se referia a essa parte.

Ninguém da empresa alguma vez se prestou a dar esclarecimentos públicos. Houve uma grande reacção por parte da comunidade de tatuadores, subitamente convidados quase diariamente pelos programas de debate-flash de 2 minutos, para dar a opinião sobre algo que ainda ninguém sabia o que iria ser. Online houve muitos comentários e entrevistas no vlogs, de pessoas a falar das suas tatuagens e do que significa sofrer para ver a pigmentação mudar, de como é suposto ser um processo e não um clique a mudança de pele. Os fóruns de body mod andavam em alvoroço. Alguns a tentar ver como poderiam incorporar esta tecnologia, muitos a achar que finalmente o mainstream estava a conseguir comercializar algo que não conseguia nem queria entender.

Enquanto a sociedade se entretinha a discutir e a reflectir tudo o que a Tactoo Inc. se abstinha de comentar, a empresa da aplicação que permitia mudar a pigmentação da pele instantaneamente e quantas vezes se quisesse, aplicando os desenhos desejados, continuava a acumular Bitcoins. Corria o rumor que os accionistas estavam também à frente da maior Bitcoin Farm do mundo, numa região montanhosa na fronteira entre a Índia e a China, talvez em Gangotri, ou Tabo. O mercado negro prosperava. Vendiam-se frascos por dinheiro, a quem não queria ter de tratar em Bitcoins, ou não percebia o que isso era, e havia quem ganhasse dinheiro no câmbio. Havia quem dissesse que todo o negócio da Tactoo Inc. era um esquema para ganhar dinheiro no câmbio do Bitcoin. Ou que era uma gigantesca operação de lavagem de dinheiro. Ou uma operação de charme para vender a ideia de passar a usar o Bitcoin às massas. Ou as três coisas, simultaneamente, ou alternadamente.

Quando alguém pagava 1฿ tinha direito, além da aplicação e das gotas, a 100 taks (abreviatura para Tactokens, nome que nunca pegou). Era com taks que comprava pacotes especiais, dentro da aplicação, e que tinha acesso a mais funcionalidades. Quando o dinheiro virtual se acabava, era altura para comprar mais, com mais Bitcoins. Na aplicação, podia-se simplesmente mudar a cor da pele. O que custava 5 taks e implicava usar um logótipo obrigatório da Tactoo que ocupava todo o dorso da mão esquerda, com opacidade 75%. Com 25 taks podia escolher-se um dos desenhos patrocinados. Imensas marcas, de todas as áreas, tinham entrado na corrida aos patrocínios. Empresas como a Coca-Cola, a Monsanto, a Zara, a BP e mais cerca de 570 marcas, só nos primeiros 3 meses. Os utilizadores tinham como critérios de busca, se assim o desejassem, o tamanho do logo e a sua opacidade, se a sua preocupação fosse a descrição. De qualquer forma, 90% das marcas optava por colocar-se na palma da mão. A palma da mão direita estava reservada para campanhas de solidariedade e de interesse social. E a mão esquerda para tudo o resto. As marcas podiam escolher colocar-se na palma, ficando o logo escondido quando o punho fechava, ou no dorso, sempre visível. Na campanha da UNESCO o logo obrigatório era na palma direita, na parte de dentro da mão, fácil de esconder com o punho fechado. A opção básica de alterar a cor da pele implica usar o logo Tactoo, Inc. no dorso a mão esquerda, sempre visível.

Há vários pacotes disponíveis, por 75 a 100 taks, de várias marcas, da Kodak ao Instagram. E que têm ferramentas de criação de desenhos, que permitem usar tatuagens, ou outros desenhos e aplicá-las no corpo.

O ZBrush desenvolveu uma ferramenta para tatuadores e designers gráficos que permite criar tatuagens que depois são exportadas para a aplicação e colocadas à venda no Mercado Tack. É também através dessa ferramenta que um Tactoo'r (lido tactooer) pode exportar e vender um desenho/tatuagem que lhe tenha sido encomendado. O Mercado Tack é uma aplicação multi-plataforma onde são transaccionados desenhos e pacotes. O ZBrush tem também um pacote no Tactoo Inc., por 500 taks, já com centenas de desenhos e com integração total com o Mercado Tack e com várias ferramentas de edição avançadas. O logo ZBrush foi o primeiro logo dinâmico. É uma pulseira para o pulso esquerdo, com imagens em constante mutação.

Nunca foram divulgados números oficiais sobre que percentagem da população mundial utiliza a bioengenharia e a aplicação desenvolvidas pela Tactoo, desde que foram colocadas no mercado há três anos e meio. Mas agora, numa rara declaração à imprensa, no que parece uma, ainda assim discreta operação de charme, a empresa dá alguns números incompletos. Fala no sucesso da primeira campanha de solidariedade social. Num crescimento de 27% na implantação da marca e numa taxa de adesão à campanha de cerca de 93% dos utilizadores do seu produto. Indica, brevemente, concluindo que esta será a primeira de muitas campanhas do género e que não existe nenhum custo para qualquer instituição de solidariedade social que queira associar-se à marca.

Subversivos

João Semil jura a pés juntos que é um subversivo.

Há pessoas que são capazes de tudo para pôr a circular um meme e ter os seus 15.000 likes de fama. Diz-se perseguido pelo Facebook, já tendo tido, segundo afirma, mais de 100 perfis apagados pela maior rede social do mundo. E exige um pedido de desculpas pessoal de Elliot Zuckerberg pela forma como considera estar a ser tratado pela comunidade de quase 2 mil milhões de, se não pessoas, pelo menos avatares, onde aparentemente os avatares de João Semil não encontram poiso fixo. Curiosamente, foi a Youcon que decidiu contactar Semil, avisando-o de que não pode ter ao mesmo tempo um perfil em cada uma das duas comunidades, revelando a uma grande maioria de utilizadores desta nova rede social um dos pormenores dos termos de serviço mais controversos e que teria até aí passado despercebido, enterrado no meio de páginas por ler, passadas à frente entre cliques apressados. Semil encontrou mais uma acha para a sua fogueira de indignações. Profere acusação atrás de acusação de monopolismo, de tecnocracia, de oligopsismo, do centro da sua paranóica constelação egótica, escrevendo com toda a insolência a partir do seu perfil Youcon, partilhando automaticamente cada publicação para todas as redes vagamente sociais conhecidas. Diz que é oficiosamente a pessoa com mais perfis online activos e que o livro do Guinness se tem negado sistematicamente a tentar, ao menos, oficializar o mérito do seu recorde.

Contactou todos os órgãos de informação conhecidos e desconhecidos, usou os mais diversos métodos e continua a descobrir novos meios manuais e formas automáticas, recorrendo a software legítimo e a código que costumamos considerar no mínimo adware, para contactar autores de blogues e quaisquer outras publicações. O seu objectivo é, rigorosamente, entrar em contacto com todos os que lêem e todos os que escrevem online. Se há alguém que ouse afirmar na sua presença que se tem esforçado mais em contar a sua história pessoal do que ele, terá de levar com a épica narrativa de um David com os alucinados Golias da desinformação aliados com moinhos e ventanias e tempestades que poderes ocultos semearam e ainda um Quixote que se rebelou contra não se sabe que metáfora, antes de a espuma na boca e o volume dos berros dar lugar a um olhar desvairado e um dedo acusador suspenso e um peito arfante, silêncio e um constrangimento pegajoso. É nesse anti-clímax que nunca sabemos se afinal um pouco de riso poderia sarar tudo ou, pelo contrário, levar à violência.

A sua história chegou, de facto, com tanto esforço sistemático, a muita gente. O seu método de contactar rigorosamente tudo e todos valeu-lhe, por diversas vezes, que os seus endereços de email fossem bloqueados pelas ferramentas anti-spam e teve mesmo visitas inesperadas a sua casa de vários tipos de autoridades, e até um interrogatório por funcionários do governo com cinematográficos sobretudos mas sem óculos de sol, que não identificaram o ramo a que pertenciam. Nesse embate de João Semil contra os Golias, ou seriam talvez os moinhos, quem ganhou foi mesmo Semil, porque os funcionários do governo, já de sobretudos despidos, foram bombardeados com mais perguntas do que aquelas que conseguiram fazer. Talvez porque estivessem impedidos de recorrer à tortura, ou não fosse caso de passar a

esse procedimento - até sobre isso João Semil os questionou ferozmente - não puderam obter respostas mas foram forçados a submeter-se a centenas de perguntas, disparadas a um ritmo admirável.

João Semil afirma que há poucas coisas tão tristes como não se acreditar na verdade. Diz que irá lutar com o que lhe resta de sossego e dignidade para defender a verdade, porque se trata da sua vida. Não acreditarem na sua verdade, protesta, é negarem-lhe a sua vida.

Diz, escreve, que tem 34 anos. Foi contactado aos 17, segundo afirma. Da pessoa que falou com ele, uma mulher de menos de 30 anos, nunca obteve o nome. O nome verdadeiro. Quando Semil lhe perguntou como se chamava, ela respondeu Ana. Mais tarde, quando Semil a tratou por esse nome, ela disse que afinal se chamava Beatriz. E ainda usou, das 7 ou 8 vezes que falou com ele, mais dois ou três nomes diferentes. Acabou por desistir, na altura, de descobrir o seu nome verdadeiro e procurou convencer-se, com algum sucesso, que uma identidade misteriosa tinha algo de charmoso. O que lhe foi proposto parecia-lhe inovador, simples e ao mesmo tempo desafiador. A princípio não percebeu o que lhe estavam a propor, através daquela mulher vagamente atraente. Ela olhava a direito, sorria pouco, sobretudo quando parecia notar que o silêncio do olhar começava a pesar. Falava o necessário, muito através de perguntas, mas que não pareciam evasivas. Era como se as perguntas fossem, ao mesmo tempo, evidências ditas com uma acentuação interrogativa e um convite a que ele, tímido e desconfiado, desse a sua opinião. Quando ela escutava, parecia humilde, atenta, serena.

Agora, escreve, ao olhar para trás, diz que foram muito cautelosos na abordagem, que souberam manipulá-lo com precisão. Se alguma agressividade inusitada colidisse com a sua timidez, ou uma sensação de bizarria espicaçasse a sua habitual desconfiança em relação a estranhos, ele teria recuado antes de aquela mulher poder chegar a formular a proposta, ao terceiro encontro.

A palavra subversivo só a apanhou anos depois, num encontro fugaz com um outro subversivo, igualmente apanhado nas malhas desta organização tentacular, adjectivo seu. Mas nunca mais o viu, aliás como a mais ninguém da organização, o que impossibilita a prova da verdade e o fim do martírio que tem sido a sua vida. Viu esse companheiro de infortúnio num local público. Sentiu alguém a agarrar-lhe o braço, perto do cotovelo direito. Percebeu pela força dos dedos, desagradável e desnecessária, intrusiva, que alguém o tocava de forma intencional. Quando olhou, os dedos do intruso eram já dois braços a conduzi-lo, a apressá-lo para um canto, de forma a que caminhassem os dois de forma eficiente, quase sincronizada. Passou-se tudo num segundo. O estranho falou enquanto andava e nunca olhou para ele, antes parecia alarmado, vigilante, como um animal selvagem, frágil, como uma presa. Talvez por isso se tenha deixado conduzir, e não tenha gritado. Aquele estranho contactou João Semil e disse-lhe, somos subversivos os dois, temos de fazer algo. Com que idade é que foste contactado? Semil não sabia o que responder. O homem de cerca de 40 anos que falava com ele acrescentou, eu estava quase a fazer 17 anos, foi uma mulher. Costuma ser assim, são mulheres que contactam os rapazes. Geralmente também são mulheres a contactar as raparigas, mas nem sempre, depende dos perfis psicológicos. Eles estudam-nos durante anos, tens noção disso. João Semil percebeu que estava mesmo diante de alguém com uma história como a sua. Só conseguiu balbuciar, quem

são eles? Mas o homem tinha dito, quase ao mesmo tempo, atropelando as suas palavras, eu volto a procurar-te, não é seguro, tenho a certeza que me seguem. E foi a única vez que alguém mencionou algo que validou a sua história.

Esta organização sem nome nunca o ameaçou, nunca o voltou a contactar, nunca mais deu sinal de vida, depois da proposta aceite e que João Semil, aliás, cumpriu escrupulosamente. Bastou-lhes o silêncio, este terrível silêncio, com que ignoram obscenamente Semil, para torturar e fazer definhar a vida que aos 17 anos haveria de mudar para sempre, mantendo-se, para quem estava à sua volta, numa continuidade invisível, numa normalidade ilusória.

Ao terceiro encontro, a mulher de múltiplos nomes falsos já tinha explicado a João Semil que ele era muito promissor. Tinha vencido a insegurança dele, que não se achava nada de especial, com cautela, sem cair na asneira de o bajular, sabendo que ele era ao mesmo tempo demasiado esperto e desconfiado e que nunca esperava nada de bom das pessoas. Isto foi a tática dela, percebe agora Semil. Disse-lhe ela que via nele um jovem que simplesmente tinha o potencial de aproveitar o que estava ao alcance de toda a gente. Que a vida quotidiana podia ser absolutamente banal, ou que podia ser uma aventura especial. Os lábios contorcidos, numa espécie de aborrecimento divertido, de João Semil, foram uma espécie de convite a que continuasse. Isto não é espiritualidade embalada, João, disse ela. Os genes, as circunstâncias, a educação que se teve, isso não controlamos, mas há coisas que podemos controlar. Há muito que podemos fazer. E tudo começa aqui. O dedo indicador tocou na própria cabeça. E depois na de João Semil, com um sorriso amigável. Ali, escreve ele, envergonhado, o facto de eu ser um rapaz sensível ao charme de uma mulher mais velha pode ter tido alguma influência. Mas até aí ela soube não exagerar na dose. Fez-me sempre acreditar que eu estava no controlo da situação. Que era uma decisão minha, tomada por eu ser um jovem especial.

A aventura, afinal, começou sem dados suficientes para que João Semil soubesse em que é que se iria tornar a sua vida afinal. Depois do terceiro encontro, em que ele aceitou começar algo que ainda tinha apenas contornos indefinidos, tudo se foi encaixando.

Antes de conhecer aquela mulher, a sua vida estagnara. Ao quarto encontro, tinha já encontrado emprego na Universidade. E ia candidatar-se no próximo ano lectivo, para entrar no curso que sempre tinha sonhado. Estava a estudar diariamente. E acreditava que ia conseguir entrar. Olhando para trás, para as últimas 5 semanas, era difícil de acreditar que tinha passado de um extremo ao outro. Quando conheceu a mulher sem nome recebia pouco mais de 9500Σ por mês, o que apenas lhe dava para comer duas sopas por dia num dos centros solidários, depois de pagar o quarto. No orfanato onde cresceu era aos 17 anos que tinha de sair, e por isso estava por sua própria conta desde há 10 meses. Dormia geralmente numa camarata de um dos centros, mas nem sempre havia lugar. De qualquer forma, no final do mês, nem sempre tinha Σ suficientes, para sopa ou para dormidas. Sabia o que era dormir ao frio e sabia o que era passar fome.

Não era, ainda assim, um derrotista nem demasiado amargo. Imaginava simplesmente que iria morrer cedo e que o mundo iria ser inclemente. Não acreditava que existia bondade suficiente para o salvar. Aceitava as coisas como as via. Estar fora do orfanato era suficientemente bom. Protegia-se como

podia, para que não tivesse de suportar vezes demais sofrimento que não merecia. Era um lutador, mas fugia de todas as batalhas que pudesse evitar, porque sabia que um estômago vazio corrói a nobreza da ética guerreira.

Quando tinha saído do orfanato, com excelentes notas, queria continuar os estudos e seguir para a universidade, mas foi definhando, sem dinheiro, perdendo a capacidade de acreditar que isso alguma vez seria possível. Com uma tenacidade improvável, sobreviveu, sem ninguém que desse por ele ou o ajudasse mais do que o imediato de lhe estender o prato de sopa que ele pagou. Para poder comer e dormir, inscreveu-se no Programa Eventual. No início recebia 13200Σ. Esse valor subiu, um mês, acima dos 18500Σ, quando morreram cerca de 3000 pessoas numa derrocada no metro e houve um surto de gripe suína que matou mais de 80 pessoas na cidade e a região esteve de quarentena. Mas durante os últimos 10 meses, quase nunca subiu dos 10000Σ. E houve um mês que desceu mesmo abaixo dos 8000Σ mensais. Nunca conseguiu poupar de um mês para o outro. Conseguiu emagrecer, muito. Em dias maus, levantava a camisola e olhava as costelas no espelho e imaginava que ir perdendo peso assim era uma espécie de talento seu, mórbido e inevitável. Tentava rir-se, como se alimentasse uma piada privada, cruel. Às vezes conseguia, se tossisse sem contar.

Um terceiro factor, o mais difícil de compreender, pode ajudar a explicar a confiança que João Semil decidiu depositar na mulher que mudou a sua vida, desaparecendo a seguir sem deixar rasto. Ou talvez seja afinal o mais simples. Ela nunca se referiu à precariedade em que ele vivia. Era como se desconhecesse por completo que ele, pesando pouco mais de 60 Kg, lábios gretados e roupa gasta, larga demais para os ossos com que a preenchia, umas sapatilhas pelo menos um número acima do seu e luvas, que tirava de imediato ao chegar da rua, que eram pequenas demais e tinham vários buracos, vivia dos sigmas e que a flutuação do Mercado de Eventuais se reflectia directamente no seu estômago. Qualquer que fosse a razão da ignorância formal das suas circunstâncias que aquela mulher demonstrava, agradava-lhe que, na prática, no discurso dela não existissem comentários piedosos, ou platitudes a pretender mostrar sabedoria sobre o sofrimento ou a superação. Isto, só por si, não seria suficiente para que alguma outra forma de empatia surgisse entre os dois. Equivalia simplesmente à inexistência do que as pessoas vulgarmente entendiam, por desconhecerem em absoluto a sua situação, poder criar empatia e sugerir compaixão. Tais observações, no início dos seus contactos fora do orfanato, horrorizavam-no. Agora, simplesmente evitavam que ele acreditasse haver intimidade maior, profunda, em que os outros e ele pudessem de facto partilhar emoções e um entendimento comum do sofrimento e da esperança. O que deu azo a que ele tivesse algo semelhante a uma crença no futuro, foi encontrar nas palavras dela algo que parecia aplicar-se à vida dele, mesmo se ela demonstrava desconhecer por completo a situação em que ele vivia. Paradoxalmente, foi por lhe parecer que ela falava por meio de generalizações que ficou demonstrado que o que dizia fazia sentido. Nunca a mulher dos vários nomes quis parecer entender de onde ele vinha ou disse alguma coisa, como tantas pessoas, que arrogasse a ideia muito comum, “eu entendo o que estás a passar”, ou “deve ser difícil”. Ela simplesmente falava de coisas que se aplicavam a todas as pessoas. E ele, pensando no que ela dizia, reflectindo depois, na solidão que a sua vida lhe

proporcionava, tinha a certeza de que aquelas coisas se aplicavam também a ele. E nunca, como naquele tempo, ele quis ser como todas as pessoas.

Nunca conseguiu criar um movimento à sua volta. Afirma que recebe correspondência. Garante repetidamente que milhares de pessoas terão já expressado o seu apoio e muitas mais o seu ódio, escárnio ou vontade de ensaiar uma piada. Mas apenas estas últimas o fazem publicamente. Semil não encontra uma explicação convincente para a invisibilidade persistente dos seus simpatizantes, nem os que se interessaram pelo seu caso concordam nas possíveis causas desta descrição. Uns dizem que João Semil é tóxico, que aproximar-se dele contamina qualquer um. Outros dizem que isso só se aplica aos políticos, empresários ou a alguém com responsabilidades institucionais ou ambições de notoriedade. Mas não faz sentido usar essa tese para explicar a falta de apoio público à causa de Semil da generalidade das pessoas. Dizem muitos que ele simplesmente não tem *street cred*. A estratégia dele, ou falta de estratégia, dizem, tem passado para a opinião pública como vitimização e soado a tentativa desesperada e histriónica de obter atenção e perde-se no meio de milhões de pessoas que fazem o mesmo, com mais habilidade e charme que ele. Outros dizem simplesmente que ele não tem nada de positivo a dizer e que as pessoas querem é sentir-se bem, não estão interessadas em escutar coisas desagradáveis, complicadas demais e que só vêm tirar o sossego, provenientes de mais uma teoria da conspiração. João Semil conhece todos estes argumentos, é um leitor ávido e nervoso de tudo o que se diz sobre ele. Lê tudo e não comenta. Segue em frente, porque não pode parar.

Quando estava ainda no orfanato intermédio, não foi infeliz. Tudo mudou ao fazer 13 anos. As datas, que não sabe nem deseja saber de cor, na sua vida tiveram sempre este peso de inevitabilidade. Antes ainda do dia em que fazia 13 anos, tinha já a mala feita. E chegou a perguntar, para se arrepender, isso significa que na quinta-feira é o meu dia de anos? Não sabia que tinha um dia de anos. Disseram-lhe que não sabiam em que dia ele tinha nascido, mas que administrativamente, foi assim que aprendeu uma palavra nova, administrativamente, tinham de lhe atribuir um dia em que oficialmente passava a ter 13 anos, como toda a gente.

Dois colegas da camarata tinham-se juntado e deram-lhe uma prenda. Duas luvas quase iguais, de cores semelhantes, que eram do seu tamanho, praticamente novas e que iam ser óptimas para o Inverno que estava a começar. Ele estava ainda a tentar encaixar coisas diferentes em lugares iguais e coisas iguais em lugares muito diferentes. Perguntou-lhes se lhe estavam a dar esta prenda administrativamente. Eles riram-se, chamaram-lhe parvo e deram-lhe murros amigáveis no ombro. Ele agradeceu-lhes de novo e voltou a pensar no que estava a mudar e no que ainda não poderia compreender.

Até aos 12 anos, o mundo fora do orfanato, esse conceito, fazia parte do seu mundo. Não colidia com os seus afectos, com a sua ética. Não o magoava terrivelmente. Sempre tinha vivido da mesma forma. Não existiam aniversários, por exemplo. Todos recebiam prendas ao mesmo tempo, no Dia da Partilha. E as prendas eram feitas por cada um, para todos os outros. Um mês antes do dia da partilha, cada um deles propunha o que queria receber, aos tutores. E era aceite, desde que fosse algo útil, estivesse ao alcance das aptidões artesanais do grupo e não ferisse uma regra de equidade que pretendia que as prendas se equivalessem o mais possível no seu valor.

Tinha aprendido a defender-se. No início, quando para ali fora, vindo do infantário, os tutores mantinham-no separado das crianças mais velhas, mas a partir dos 7/8 anos, os espaços eram comuns. Havia vigilância de pessoal auxiliar, geralmente, mas isso não impedia algum atrito. A maior parte das crianças mais novas mantinham-se em grupos grandes, de dezenas, por forma a dissuadir o poder dos mais velhos. Mas ele gostava de ficar sozinho principalmente por ter notado que o poder se exercia geralmente de um grupo sobre um indivíduo e menos de um indivíduo sobre outro indivíduo, embora entre indivíduos fosse bastante comum a erupção de violência. Ganhou, a partir dos 10 anos, fama de valentão. Para isso foi necessário enfrentar os castigos dos adultos e algumas tarefas dos rapazes mais velhos, que o queriam enfrentar e pôr na ordem. Mas depois de partir o nariz meia-dúzia de vezes e ficar fechado a estudar duas dúzias de fins-de-semana, não foi necessário muito mais do que gerir a sua reputação. Os dois últimos anos do orfanato permitiram-lhe até ganhar a amizade de dois ou três rapazes mais novos que ele um ano, que olhavam para ele com alguma admiração. Falava pouco. Esperava pouco da vida e era relativamente grato em relação às poucas surpresas que ela lhe reservava. Até, de certa forma, em relação às más surpresas. Ainda não tinha, depois percebeu, sofrido o bastante para entender que tudo pode sempre piorar, nunca se bate no fundo, a não ser que se considere a morte, a madeira do caixão, o fundo.

Ao mudar para a Casa de Transição, o último orfanato antes da Vida Real, como passou a chamar-lhe, as coisas mudaram. Ele mudou, sobretudo. Sentiu-se grato pela iniciação à violência que tinha tido antes, insuficiente, mas ainda assim absolutamente necessária para o ajudar a lidar com a pressão dos seus pares. No segundo dia, ainda mal acostumado aos espaços, já lhe tinham roubado parte da sua roupa e tiveram a ousadia de o provocar com isso, dando-lhe a entender que pior lhe aconteceria se ele não aceitasse a protecção do grupo adequado. Tinham-no rodeado, longe da vista de qualquer adulto. Eram apenas três, mas tinham mais uns centímetros que ele. O maior falava com o braço esticado a fazer uma barreira, a mão espalmada contra a parede. Se queres ser forte, junta-te a nós, este não é um sítio para ser fraco, acredita. Ele olhava o chão, media as suas chances de fugir, as suas opções e tentava imaginar o que seriam os próximos 3 anos de convivência com rapazes como aqueles. Estava nervoso, tinha medo, queria gritar, não queria que eles soubessem que ele tinha medo, queria controlar a respiração, hesitava entre olhar para o matulão directamente nos olhos e continuar a olhar o chão. Pensou, como se fosse um berro interior, eles só cá vão estar mais um ano, eu aguento-me. E deu uma joelhada nos genitais do rapaz que lhe estava a barrar o caminho. Deu um pontapé no segundo, na rótula de uma das pernas. Olhou para trás, ainda decidido a atacar o terceiro. Mas ele fez-lhe um gesto abrindo os braços, como que a dizer, vem, e ele não esperou para tentar a sorte, e fugiu.

Estes relatos da sua infância e pré-adolescência, estão publicados em grande detalhe, em várias versões, sendo que algumas versões acrescentam detalhes que contradizem os detalhes de versões mais antigas, no blogue que mantém desde que anunciou ao mundo que era um subversivo. Afirma que nunca corrigiu ou apagou as versões contraditórias porque deseja ser fiel à sua memória e a memória é mesmo assim. E, não tendo nada a esconder, repete, mantém os lapsos de memória expostos, conforme ocorreram. Começou a

publicar há 4 anos e não falhou um único dia, à excepção dos ataques que o servidor teve, uma meia dúzia de vezes.

Algo que terá contribuído para a falta de credibilidade é a propensão que manifestou sempre para incluir na sua narrativa as explicações de vários acontecimentos, alheios à sua própria história pessoal. Subversivos é palavra que usa para explicar várias instituições, grupos económicos e dinâmicas sociais, numa vasta narrativa em que a dita organização tentacular estará envolvida.

Os blogues, páginas de redes sociais e perfis com nomes começados por “Subversivos por detrás de” tornaram-se tão populares que João Semil colocou a lista completa em semilsubversivo.blog, incluindo quer os genuínos, criados por si, quer todos os outros que identifica usando o código HTML para passar um traço por cima da palavra como em, ~~“Subversivos por detrás da morte de Kennedy”~~, ~~“Subversivos por detrás da caspa”~~, ~~Subversivos por detrás do mau hálito~~, ~~Subversivos por detrás das pernas dormentes~~, ~~“Subversivos por detrás da tua namorada.”~~ Entre os que tinha criado, contavam-se “Subversivos por detrás da flutuação do Mercado de Eventuais”, “Subversivos por detrás do sucesso do GenderCast”, “Subversivos por detrás da proliferação dos drones” e alguns que talvez tenham inspirado os seus imitadores mais criativos, como “Subversivos por detrás da obsolescência das meias”, “Subversivos por detrás da regularidade do tamanho dos ecrãs”, “Subversivos por detrás das inovações na moda de cabelos para homens” e o clássico dos memes da Internet “Subversivos por detrás da inexistência de preservativos comestíveis”.

Os poucos que tinham uma reservada simpatia por Semil, geralmente consideravam que mesmo que se aceitasse tudo o que ele contava do seu percurso e da sua história pessoal como sendo verdadeiro, não havia nisso nada que pudesse validar o que vinha a seguir apresentar sobre os demais subversivos. Havia mesmo quem afirmasse que estas suas narrativas paralelas só ajudavam a confirmar o retrato que dele faziam. Um histriónico contador de teorias da conspiração, com alguma imaginação, megalómano e prolífico. Como aceitar que a sua história, enquanto subversivo, era verdadeira, se boa parte das suas outras histórias era patética?

Youcon™

Reiniciar a sua Vida?(?) O segundo Ponto de exclamação intrigou-o. Ao passar o cursor por cima desse caractere, aparentemente redundante, apareceu-lhe a informação *Ao avançar O assistente de importação Youcon irá guiá-lo passo a passo para que a saída do Facebook para a sua nova vida seja fácil e agradável.*

Frase promissora e original para um processo de importação de dados de uma conta online. Clicou. Reinicie-se a vida.

Deseja manter todos os seus amigos? Sim. Não.

Não. Mais vale aproveitar para fazer alguma reciclagem.

Tem actualmente 250 amigos. Deseja fazer a gestão dos seus amigos? Sim. Não.

Sim. Bem, isto é interessante. O que será isto do factor de aleatoriedade? Bem, vou deixar a zero.

48 contactos definidos como família. Alterar? Sim. Não.

Não. Que raio de pergunta.

3 familiares com mais de 70 anos. Alterar estado vital de vivo para morto? Sim. Não.

O quê? Sim. Quero ver isto.

3 familiares estão agora confirmados como mortos. A hora do óbito é a hora actual 21H43. Deseja alterar a hora de óbito? Sim. Não.

Sim. Quer dizer. Sei lá. Sim.

Usar factor de aleatoriedade? Sim. Não.

Sim.

João Veiga Martins, 76 anos. Morreu depois de vários tratamentos sem sucesso, vítima de cancro no estômago, no IPO de Coimbra, na unidade de cuidados paliativos. Óbito confirmado pelos médicos às 10H23 de 15 de Fevereiro 2012. Ana Adelaide Silva Martins, 79 anos. Não sobreviveu a uma infecção hospitalar, na sequência de um internamento de urgência, depois de um atropelamento por um autocarro, quando estava de visita a Conímbriga. 20H18 é a hora que foi confirmada pela equipa que a tentou salvar, sem sucesso no dia 30 de Outubro de 2016. Ermelinda da Cruz Maia Rodrigues, 81 anos. Foi encontrada já sem vida pelos vizinhos e pela polícia duas semanas depois do último contacto conhecido, com o merceeiro local. A inexistência de autópsia dificultou o apuramento de causa de morte. Existe uma batalha legal entre a família e o ministério público para a exumação do cadáver. Não foi possível a hora da morte, nem o dia mas a última vez que foi vista com vida foi a 9 de Junho de 2015.

Acabou de ler, com um fascínio que tinha tanto de mórbido como de admiração pura. Tudo o que ali estava escrito batia certo com as vidas do seu tio-avô, da sua avó materna e da sua bisavó, mãe do seu avô paterno. Estava escrito como se alguém, humano, soubesse da vida daquelas pessoas e o tivesse inventado, com o cuidado de não se repetir. Queria mais. Havia com certeza amigos, na sua lista recém-importada, que não se importaria de matar.

Quem é que, nestes 250 contactos, não costuma falar comigo, quem é que me aborrece, de quem é que estou disposto a abdicar?

Deseja continuar a gestão dos seus contactos? Sim. Não.

Sim. Vamos lá.

48 contactos definidos como família. 45 vivos. 42 mortos.
57 contactos definidos como profissionais. Deseja alterar? Sim. Não.
Sim. Aproveito e limpo tudo. Que opções é que isto tem?
Gerir contacto a contacto. Gerir em massa. Gerir por afinidades.
Gerir por afinidades. Que raio é isto?
Gerar afinidades automaticamente. Iniciar. Cancelar.
Vamos lá então. Iniciar.
Afinidades apuradas. Ver por categorias. Ver por incidência.
Ver por categorias.

Optimista / Pessimista. Orientação Sexual. Opção política. Idade. Activo sexualmente / Inactivo sexualmente. Social / Anti-social. AFK diário > 4 horas / AFK diário < 4 horas. Matutino / Noctívago. Informado / Ignorante. Espectador / Comentador. Multitasker extremo / Multitasker moderado.

Hum? Ele sabe isso tudo? Vamos ver então... quem é que ele acha... anti-social.

Anti-social: 3 amigos. João Lopes Semedo. Catarina Fialho Crato. Askel Sigrunarson.

Que desilusão. Tenho poucos amigos anti-sociais. E não sei o que ele considera anti-social. O Askel e a Catarina não são nenhuns bichos do mato. Já o João, nem sei como é que ele tem Facebook. E que tal ver se há alguém ainda no armário?

Orientação Sexual: 81 heterossexuais, 78 identificados como heterossexuais, 1 identificado como homossexual, 2 identificados como bissexuais; 36 homossexuais, 20 identificados como homossexuais, 5 identificados como heterossexuais, 6 identificados como bissexuais, e 5 não identificados; 70 bissexuais, 3 identificados como bissexuais, 51 identificados como heterossexuais, 10 identificados como homossexuais, 6 não identificados; 15 indeterminados.

Oh, deve ser treta, como é que o raio do programa consegue saber isto tudo ao pormenor, quem é e quem não é, duvido muito que esta porra tenha o mínimo de rigor científico. Mas deixa ver quem é que ele diz que se identifica como homossexual mas é heterossexual. Essa tem piada. O Gil? Eu diria que era a Ana. Bem queria eu que fosse ela, que desperdício de lésbica. Enfim. E o que são indeterminados? Não estou a ver nenhum andrógino, se é que é isso que indeterminado significa, nos meus amigos. Será os que ele não consegue determinar?

Vamos avançar. O que é que vem a seguir.

Deseja incluir mais pessoas nos seus contactos? Sim. Não.

Sim.

Aceitar sugestões. Sim. Não.

Ok, vamos lá. Sim.

Esta está boa. A Rita? O Joel, ok. Eh, está aqui malta que já não vejo há algum tempo. E a Ana Cláudia. E malta da escalada. Que se lixe, vamos adicionar todos. Bora lá. Já está? Estão nos meus contactos? Mas eles não têm de aceitar? Olha, a Rita já mandou um beijinho. E agora. Ah. Sugere mais vinte. O quê? Winston Churchill? Eu tenho um amigo chamado Winston Churchill? Essa é boa. Não. É mesmo o Winston Churchill. Essa agora. Como é que ele sabe que eu. Adicione-se o Churchill. Ah, e o Salazar? Mas eu não me apetece ter um ditador como amigo. Ora bem, o que é que o Salazar diria do mundo actual? Eu tenho uma certa curiosidade. Venha o Salazar. Será que

ele é amigo do Churchill? E que mais, posso ser amigo do Fernando Pessoa? Com ele, fico logo com uma série de amigos. Com o Reis, o Caeiro, o Campos. Vou pô-los todos a discutir, fazer umas intrigas. Dizer ao Campos que o Reis andou a dizer que cheira mal por andar a guardar rebanhos. E dizer ao Reis que vi o Caeiro sentado à Beira do Rio, a comer a Lídia.

Preal™

Passaram e deixaram os seus autocolantes *Keep it Jreal* por todo o lado. Usaram a tinta dos sprays para marcar território, para o assinalar com o significado do que ia acontecer.

Tinham a cara tapada mas não se incomodavam muito, quando lhes caía o lenço preto do rosto. O que não grafittava, tinha um saco maior. Ficava a espreitar de costas para os outros, um e outro lado da rua. Com um toque no ombro chamou o último, que deixou a lata de spray cair no chão, antes de acabar uma frase. Olharam para cima, uma fachada mostrava já a contagem decrescente.

Buscaram a praça central, como artistas de rua.

Em todos os ecrãs a transmissão em directo.

Durante a noite, tinham obtido o que milhões de pessoas desejavam sem saber sequer o que era. Eles souberam primeiro. Mas só sentiam repulsa pelo que carregavam. Iam agora proceder à criteriosa, grandiosa destruição do tesouro. Tiraram do saco os quatro ecrãs. A gama completa da Preal.

Em directo e para todo o mundo estava a ser revelado o segredo.

A apresentação fazia desta trupe competentes tecnoclastas.

O responsável da marca num anfiteatro, filmado para o mundo inteiro.

O Jrealist na praça, frente a uma pequena multidão.

Escutava-se o palavreado do marketing:

“O novo vikno 50k, um windowtop, com resolução 50k. Pode ser usado como janela numa casa, reconhece impressões digitais de mais de 15...”

Escutava-se a voz na praça:

“O novo vikno 50k.”

E a voz era pomposa, numa pose afectada, de gestos amplos. A seu lado, outros dois Jrealistas, que atiravam com estrondo com o ecrã para o chão estilhaçando-o, fazendo com que a multidão se dispersasse, com o susto.

O responsável da Preal, para o mundo:

“O novo vikno 10k, um tabletop, resolução 10k...”

O Jrealist para a multidão:

“O novo vikno 10k.”

E mais um ecrã, um tablet desta vez, a estilhaçar-se com a graciosidade do caos. A multidão rendida à inevitabilidade do acto. A aproximar-se, cúmplice. Já, provavelmente, no temor íntimo dos devotos.

A voz do marketing continuou:

“O novo leiho 5k, um tablet...”

E o Jrealist:

“O novo leiho 5k.”

Estilhaços.

O mundo que escutava e recebia finalmente:

“O telemóvel leiho 2k...”

A praça de costas para o marketing, desatenta à transmissão dos grandes ecrãs, a preferir o ritual tecnoclasta:

“O telemóvel leiho 2k.”

Um pequeno estrondo destruidor final, a juntar no chão os últimos fragmentos à entropia que agora se podia observar pelo chão de uma boa

parte da praça. Como um mapa de um big bang a duas dimensões. Algo tinha sido desencadeado. E agora era altura de voltarem a colocar os lenços pretos.

Entre eles encontrava-se dragonbreathhh. Soubessem eles do descaramento e algo teria corrido muito mal. Tinha sido ele a carregar os ecrãs. A olhar, à entrada do beco, para um e outro lado, enquanto eles deixavam palavras de ordem. Tinha sido ele a trazer, na noite anterior os mapas, os cartões de identificação, as palavras passe para poderem entrar na sede da Preal. Conheciam-no bem. Mas chamavam-lhe Afonso. Se suspeitassem que Afonso era dragonbreathhh, tudo seria posto em causa.

Enquanto dragonbreathhh, Afonso era o mais popular utilizador da aplicação Preal. Tinha sido responsável pelo sucesso da marca. Se as pessoas não se mantinham na realidade, era muito por sua causa.

Vão pela rua, caras tapadas. Lenços acima do nariz, blusões escuros, calças escuras, botas, parecem-se todos uns com os outros e todos se misturam, camuflando, com o cenário urbano. Mas o mohawk de Afonso, enquanto caminham pelas ruas, torna-o fácil de identificar, de entre o grupo. É uma crista de cabelo preto numa careca morena abundantemente tatuada. Tem algo de reptiliano, talvez, como as cristas dorsais de alguns dinossauros.

Online, Afonso atingiu o estrelato com canais como ridemyorcdemon, beforehumans e grandcanyonwithwater. Criando através da aplicação Preal, deslocava a realidade e atraía milhares de pessoas para a sua visão, as suas visões. Foi singularitythroughmybedroomwindow, provavelmente, o canal que lhe garantiu para sempre um lugar junto dos grandes. Transmitia para quem quisesse ver, uma imagem filmada da vista a partir do seu quarto. Através da Preal, essa imagem era “ligeiramente” alterada, para que desse uma noção de que a singularidade estava a acontecer.

Chegam ao ChekIN. À porta escuta-se o que parece ser música. Há um cartaz Keep It JReal grande ao lado do nome do clube. Baixam todos os lenços.

Enquanto dragonbreathhh, Afonso não é um homem. O género de dragonbreathhh é semkath^, que faz parte da convenção de género da GenderCast. Afonso não é o único que usa um género online. Que se atribuiu um género, arbitrariamente.

Dentro do ChekIN não há ecrãs. Não há sinal de GPS. Não há rede. Redes. Keep it JReal, no ChekIN significa não só que os +óculos e tudo o que é do universo Preal fica do lado de fora, mas que todos os dispositivos electrónicos devem ser deixados, preferencialmente de fora. Isto implica bastante tecnologia. Preferencialmente significa apenas que, na prática, a maior parte dos frequentadores do clube vão levar os dispositivos que usa, habitualmente, mas os vão desligar. Por isso, existem vários bloqueadores de sinal, dentro do clube, para garantir que nada funcione de facto, e as regras são cumpridas. O ChekIN usa bastante tecnologia para que a tecnologia fique desligada. Lá dentro não se vêem +óculos, óculos de realidade aumentada, nem há quem se entretenha a olhar para ecrãs, ou fique a falar para um interlocutor remoto, ou obtenha qualquer tipo de informações do exterior.

Adopt-a-Drone

“Ouvi dizer que nas darknets consegues comprar um pack em que tens acesso a todos os drones que existem.”

“Também ouvi dizer que a zLock e outras empresas andam a criar perfis fantasma no Tor e na darkkk para apanhar pessoas que queiram comprar esses packs ilegais.”

“Tu é que és um medricas do caralho.”

“Oh. Tu é que sentes um apelo por tudo o que te cheira a”

“A quê? A rebeldia? A transgressão? Tu é que és o utópico de serviço, não me venhas com coisas.”

“Deixa estar lá isso, anda cá ver as opções que o site tem, são curiosas.”

“Vá. Mostra lá, então João.”

Os dois amigos estavam sentados à mesa de jantar, que tinha sido recentemente recolocada para ficar disposta ao longo da janela vikno 50k, que João tinha instalado há menos de duas semanas. Tinha, por isso, a gama completa da Preal. A amigável provocação de Rui tinha talvez um fundo de inveja. Os dois navegavam pelas opções de adopt-a-drone.web usando o leiho 2k, emparelhado, como um comando de alta resolução. A janela enorme estava dividida a meio, mostrando ainda a rua, com um feed que alterava a paisagem para um cenário futurista-primitivista, e com metade do ecrã dedicado à navegação web.

Era verdade que se faziam transacções nas darknets, relacionadas com os drones. Aftermarket de peças e alterações de firmware. Compra e venda de dados de acesso privados de utilizadores. Mas a maioria esmagadora do mercado acontecia na web. Tudo indicava que este era um iceberg invertido.

O domínio que consultavam prometia acesso a mais de 50% dos drones existentes, militares e civis, e estava integrado com a aplicação Elsies. Lia-se na página principal, “Adopt a drone. Choose where you want your eyes to be, and what you want to stand for.”

Três pacotes principais. Single drone pack. Multi-purpose pack. Single-purpose Multi-drone pack. Era o segundo pacote que João e Rui espreitavam. A possibilidade de terem vários tipos de drones num único produto. Havia várias formas de configurar o pacote. Escolher o valor máximo que queriam gastar por dia, por mês ou por ano, e a partir daí ver que drones havia disponíveis, seleccionando-os como itens de um inventário de jogo de computador. Escolher previamente os tipos de drone e a seguir ir preenchendo cada categoria escolhida, ajustando a qualquer altura, para que o preço estivesse de acordo com o pretendido. Havia pacotes temáticos, já pré-configurados, que se poderiam a seguir editar. E havia a possibilidade de usar o assistente IA, que dava sugestões automáticas, com base no historial de uso do site e, caso fosse dada permissão, com base na análise semântica das redes sociais. João estava a editar um pacote temático chamado “War and Peace”, acrescentando-lhe mais alguns drones. Rui dava sugestões, entusiasmado com a parafernália de possibilidades.

“Falta-te um prank-drone. Tens de ter pelo menos um prank-drone, João. A sério.”

“A sério? Bem, e que tipo de prank-drone? Isso é mais a tua cena. Pega no leiho e escolhe. Há milhões.”

Rui usava os dedos e a língua por um instante passou pelo lábio superior como para lhe lubrificar a atenção. Olhava o ecrã grande, tocava o pequeno, com gozo.

“Olha, vês estes da zLock. Os zPrank. Acho que são os mais interessantes. Aqui no site os utilizadores têm um top com os que são mais votados, podemos escolher um dos drones que esteja mais bem classificado. Vamos ver um par de vídeos.”

Acabaram por escolher dois prank-drones, depois de perceberem que estavam envolvidos no que era conhecido por prank war. Decidiram ao ver um vídeo com o nome “Wedding – prank gone prank”, que mostrava um casamento em que os noivos, no momento do atirar do arroz, eram atacados por um drone com uma chuva de líquido vermelho. O twist do vídeo é que um outro drone surgiu e projectou para uma parede um vídeo com alguém a controlar um drone igual ao do líquido vermelho e com a frase “your new brother in law is a prankster”.

Escolheram ainda mais dois mini-drones de personalidades que gostavam de seguir. Estavam incluídos na categoria de stalker-drones e eram poucos os que os usassem todos os dias da semana. Mas eram muito usados em eventos como as Comic Con ou em substituição de câmaras, para cobertura de acontecimentos, dando o stalker-drone a perspectiva do repórter. Rui escolheu o stalker-microdrone de Natalia Perez, uma blogger que cobria eventos políticos e tinha fama de ser intrépida, justa, intransigente. Tinha, mais do que uma vez, viajado para zonas conflituosas e por mais do que uma vez tinha recorrido à opção auto-preservação, que faz com que o drone se afaste do seu anfitrião-âncora, num súbito movimento ascendente, para dificultar a sua destruição, e continue a gravar de longe. Há imagens suas, do seu drone, do que inicialmente pareceu ser a sua morte em directo, registadas a cerca de 100 metros do solo. João escolheu seguir o drone de um actor canadiano que tinha passado a viver junto a umas cavernas do Afeganistão, no que considerou uma acção de protesto silencioso pelas guerras que ameaçavam a civilização. O seu drone mostrava o que Liam Polk considerava um regresso à humanidade. Depois do anúncio, não houve mais nenhuma palavra, nenhuma publicação. Havia o feed do stalker-microdrone, que milhões de pessoas seguiam em todo o mundo. E que tinha já motivado acções semelhantes. Várias pessoas agora viviam com um stalker-microdrone permanente, segundo determinado protesto ou desígnio, a favor ou contra algo que a humanidade tinha feito ou deixado de fazer, apoiando ou refutando o que Polk tinha iniciado.

Estava completo o pacote, com mais estas adições. Inicialmente era composto por 6 drones militares e 6 drones civis. Agora, passavam a ter um pacote, personalizado com 14 drones. O inicial tinha 12, em que 6 permitiam acompanhar acções militares em diferentes teatros de guerra. Desses, 3 eram drones de patrulhamento e 3 eram drones de intervenção. Dos drones civis, 3 eram governamentais e 3 pertenciam a ONG's.

Por acesso às imagens em directo, em qualquer dispositivo, a qualquer um destes 14 drones, João pagaria 1,2€ por mês. Pode acompanhar o progresso da luta contra a sida, no terreno, através do drone da StopAIDSNow, seguir tudo o que se passa no parlamento, com o mini-drone governamental, seguir um drone a atacar uma aldeia inimiga, um outro drone a patrulhar um muro que separa inimigos, seguir uma celebridade. Um mosaico só seu.

Rui chama-lhe a atenção para a vantagem de todos os pacotes da Adopt-a-drone poderem ser alterados semanalmente. Quando não se está satisfeito com um drone, pode-se simplesmente trocar por um outro dentro da mesma categoria.

João diz-lhe que gostaria também experimentar o Enemy Pack e combinam partilhar as passwords, para poderem usar as contas um do outro e assim terem acesso a ainda mais drones já que Rui decide usar esse pack. O Enemy Pack consiste em associar os drones em pares, numa lógica adversativa. Celebridades que não se suportam ou que se divorciaram. Drones de guerra de países em guerra. Empresas rivais. Instituições com interesses incompatíveis. Partidos de ideologias rivais.

Wikimercado

Decorria o segundo ano a seguir à adopção da lei da discrição comercial. O nome completo do decreto-lei seria “Normas para o enquadramento da divulgação e marketing de produtos e serviços” mas cedo houve quem lhe chamasse Lei do Marketing da Castidade. Acabou por ser adoptado o nome Lei da Discrição Comercial ou simplesmente Lei da Discrição, embora quase ninguém gostasse do nome. Uma anedota circulava dizendo que o nome vingou porque unia todos: era o nome que todos concordavam ser uma lástima.

Multiplicaram-se os extras que, adicionados aos browsers, permitiam ver publicidade. Após a adopção da lei, todos os sites que tivessem publicidade ficavam bloqueados surgindo, em vez do conteúdo do site, uma mensagem com o nome e a data da lei. A forma de alguns hackers contornarem o bloqueio dos sites era mascarando a proveniência do utilizador, já que a lei era local, aplicando-se só aos 12 países aderentes. Outros usavam uma tática diferente nos seus Ad deBlockers, um pouco mais complexa. Identificavam o código que os sites tinham incluído para identificar a proveniência do utilizador e remover a publicidade, caso fosse um Levantino. Ao identificar o código anti-publicidade no próprio site, “removiam-no”. Era responsabilidade dos proprietários dos domínios incorporar código que permitisse distinguir os utilizadores, bloqueando ou não a publicidade por que eram responsáveis.

Na prática, a lei da Discrição criou uma ferramenta informática que os 12 países adoptaram. Qualquer das formas conhecidas de publicidade levava um site a ser bloqueado. Esta regra era aplicada pelos ISP's de cada país. Para que os sites não fossem bloqueados, havia a parte da ferramenta destinada aos proprietários dos sites, três simples linhas de código que deveriam ser adicionadas. O que faziam era apenas diferenciar os utilizadores, identificando os utilizadores Levantinos. Havia seguidamente duas opções, que levaram a discussões intermináveis, sobre a segurança e a privacidade dos dados.

Podia cada site, por conta própria, tratar de encontrar forma de suprimir toda a publicidade, quando visitado por um cidadão Levantino. Ou podia simplesmente adicionar mais uma linha de código às três já fornecidas pela LCEOBR, Levantine Committee for the Enforcement of the Online Browsing Rules. Comité Levantino para a Aplicação das Normas de Navegação Online. Esse código adicional fazia com que a supressão da publicidade ficasse a cargo da LCEOBR, através dos meios informáticos que os ISP's nacionais, no Levante, usavam. As críticas eram que a segurança ficava comprometida, ou, pelo menos, se deveria suspeitar de tanta informação a passar de mãos, de um lado para o outro. Estas críticas vinham sobretudo por parte das associações empresariais e das marcas e menos, mas também, dos consumidores ou das comunidades de hackers. Qualquer pessoa poderia obter informação e copiar o código para o seu site em LCEOBR.lvt.

Por pressão internacional, os 12 países do novo Bloco do Levante criaram uma plataforma onde era possível as marcas darem a conhecer os seus produtos. De novo, todos se queixavam: a maior parte dos governos do bloco, em geral todas as marcas representadas e que alguma vez abriram a boca sobre o assunto e todas as associações internacionais de defesa do

consumidor. Mas a verdade é que todos estavam envolvidos. Funcionava, mesmo com várias queixas de atropelos e de ingerência, como um web wiki.

Cada marca podia criar um wiki para cada produto mas, como era de esperar num wiki, não tinha a exclusividade quanto à edição da página onde o produto era descrito. Não podia usar linguagem de anúncio, apenas fazer descrições o mais objectivas possível, segundo o que já era a prática corrente em páginas como a Wikipedia. Era obrigatório começar por criar uma página para a própria empresa, onde toda a estrutura do grupo financeiro a que pertencesse, bem como uma breve história deveriam estar descritas. As regras para uma e outra coisas faziam parte do Wikimercado, nome do site, alojado no domínio wiki.market e iam, as próprias regras, sendo refinadas, à medida que se descobriam as complicações próprias do uso diário de um wiki. Os subdomínios, com as versões localizadas, em cada uma das línguas que iam ficando disponíveis, eram semelhantes aos da Wikipedia, pt.wiki.market, en.wiki.market, fr.wiki.market, sendo as páginas individuais pastas como as do wiki mais conhecido, it.wiki.market/tactoo.

O que agora se discutia era o direito de os cidadãos Levantinos poderem, encontrando-se fora dos seus países de origem, continuar a suprimir a publicidade, quando usassem o seu próprio computador. A possibilidade técnica, dizia-se, tinha já sido criada, e com bastante simplicidade. Tal como alguns hackers tinham desenvolvido os Ad deBlockers para “remover” o código destinado à Lei da Discrição e aos cidadãos Levantinos, alguém teria já criado código que fazia apenas a alteração necessária para que o código deixasse de fazer a distinção quanto à proveniência do utilizador, onde quer que ele estivesse a aceder à Internet. E desse modo, bastaria usar esse código, em conjunto com as três linhas de JavaScript fornecidas pelo LCEOBR, para suprimir a publicidade em qualquer parte do mundo.

Esta reivindicação era fortemente rejeitada, internacionalmente. Para já as declarações oficiais mantinham tons razoáveis, uma certa crispação aqui e ali, de esperar quando as opiniões são simétricas. O presidente do Parlamento Europeu, ainda que defensor da rejeição, ia procurando mostrar-se como uma voz conciliadora. A posição mais forte era a do presidente dos EUA, que disse que não se pode fazer guerra à publicidade nem dar uma ferramenta para bloquear todos os anúncios porque existe um grupo de países que pensa de maneira diferente. Declarou que a forma de se respeitar a diferença é cada um mandar no seu próprio país e ditar leis apenas dentro das suas fronteiras. A expressão Bloco do Levante tinha sido uma criação do seu gabinete e tinha sido contestada desde o início. Se é verdade que o comité LCEOBR tinha a palavra Levantine no nome, muitos cidadãos dos chamados países Levantinos, como o Líbano ou o Chipre ou Israel, não aceitavam a denominação, por razões diferentes, quer entre os que eram a favor da nova lei quer entre os que eram contra. Além disso, entre os países que adoptaram a mudança, encontravam-se 4 países do Magrebe, Argélia, Mauritânia, Marrocos e Tunísia. Ainda assim, a expressão, Levantine Block, foi traduzida em todo o mundo e tornou-se de uso corrente. E, se o presidente estado-unidense liderou sem hesitações quanto a dar um nome ao grupo de países, liderava agora na tomada de posições. O chanceler alemão, os primeiros ministros inglês e francês eram mais cautelosos e tácticos. A China e a Rússia eram geralmente telegráficas. Expressavam, quase sempre pelo silêncio, o seu não apoio.

Se o mundo político não liderava uma ofensiva total, em bloco, já o mundo financeiro estava completamente unido, alarmado e a usar todos os meios que tinha para minimizar os riscos. Se fosse reconhecido este direito, temia-se, na prática qualquer cidadão do mundo poderia ter à sua disposição uma ferramenta legal para nunca mais ter publicidade online.

O que estava a complicar o impasse político e a deixar os agentes económicos ainda mais nervosos eram as posições de alguns membros de grupos das comunidades hacktivistas. Não se desejava a contaminação da opinião pública, verificada noutras ocasiões. Num fórum vagamente ligado, assim se pensava pelo menos, a alguns grupos de Anonymous, um utilizador vinha publicando textos inflamados, por vezes vários no mesmo dia, defendendo uma nova ordem mundial, livre de publicidade. Tinha já um feed, com o mesmo nome com que assinava os artigos, §megalophron, e que ia dando notícias de um admirável mundo sem publicidade, mostrando imagens dos grandes centros icónicos, como Times Square ou Shibuya, completamente despidos do seu habitual frenesim imagético, sem qualquer vestígio de anúncios publicitários. Algumas personalidades começavam a elogiar as nações levantinas pela sua audácia, numa decisão política que o Ocidente não se atreveria a tomar. Uns diziam que por submissão ao poder económico, outros iam mais longe e falavam de uma longa decadência cultural, de que não se vislumbrava saída.

No Levante e no Magreb algumas figuras quebravam a relativa e relativamente frágil cortesia que ainda assim mantinha algum verniz nas ríspidas relações políticas de parte a parte. Não eram porta-vozes oficiais, mas tinham alguma capacidade mobilizadora, eram temidos, interna e externamente, pelos políticos que preferiam uma “saída limpa”, diplomática.

Um xeque salafita incendiava os ânimos dos seus seguidores e mais ainda os dos seus detractores ocidentais ao insistir precisamente na narrativa que alguns dos seus detractores usavam: a da decadência cultural do Ocidente. A receita simplesmente era diferente, um outro tipo de observância, de rigor, de castidade. Alguns movimentos seculares misturavam no seu discurso elementos de crítica ao imperialismo, um ressurgimento de tendência trans-nacional apelando à união dos muçulmanos que alguns apelidavam pós-Ba'ath, e viam na eliminação da publicidade não um factor de castidade ou de rigor religioso, mas a abertura da possibilidade de uma identidade própria, independente da cultura imposta por forasteiros.

Havia um súbito interesse internacional pelos países do Bloco do Levante. A discussão era intensa, permanente, obsessiva. Falava-se sobre quais os países com melhor qualidade de vida, quais os países que tratariam melhor as mulheres, quais os países mais democráticos, ou menos autoritários. O Chipre era o país mais atraente, por estar mais próximo, tradicionalmente, dos países ocidentais, e por transmitir uma ideia de segurança. Dizia-se que esta associação com os restantes países do Bloco do Levante era uma forma de obter dividendos políticos e económicos escapando, tacticamente, ao determinismo histórico e geopolítico. De facto, havia já acordos com uma série de países da Liga Árabe. Isto vinha na sequência de alguns anos tumultuosos, de um governo pressionado pela Turquia e pela Grécia e que finalmente parecia ter optado pela terceira opção, impossível, não ser nem pró-turco nem pró-grego. Parte das contrapartidas dos acordos com os países árabes, do fornecimento de petróleo a preços altamente vantajosos – assim se dizia – era

o aceitar de dezenas de milhares de refugiados dentro das fronteiras cipriotas. Isto tinha criado enormes tensões dentro do país, embora fosse louvado internacionalmente.

Outro país que gerava algum interesse era a Jordânia, pela sua aparente moderação. O seu líder era visto como um monarca benigno, que ficava bem na comparação com os falhados candidatos a déspotas esclarecidos à sua volta, tiranos no exercício político. A fronteira a norte da Jordânia, sobretudo, era a preocupação, mesmo se o mais recente líder daquele território sírio tinha pelo menos trazido alguma estabilidade a sul de Damasco. Esperava-se que a Turquia aceitasse a criação do actual protectorado curdo, com relativa autonomia, em troca da criação de um proto-estado junto à sua fronteira, que já era chamado por alguns de Síria Otomana. Quer o protectorado curdo, que imensas reservas evitavam que fosse já chamado de Curdistão, quer o estado pró-turco sírio faziam parte do Bloco do Levante.

Além da Palestina, fazia também parte Israel. O estatuto de Israel foi amplamente discutido e deu azo a polémicas violentas dentro dos países membros. Os defensores argumentaram de formas diferentes. Diziam alguns que todos os árabes israelitas tinham direito, se assim o desejassem, a usufruir da Lei da Discricção. E todos os irmãos muçulmanos, fosse qual fosse a sua etnia, tinham esse direito, vivendo em Israel. Outros diziam que não era suficiente que a Palestina fizesse parte do acordo, visto que as fronteiras actualmente definidas não poderiam ser aceites. E que aceitar a Palestina e deixar Israel de fora era, de uma forma perversa, aceitar estes dois países (ou o país e a autoridade nacional) com as suas fronteiras actuais, vergonhosas e inadmissíveis. Mas muitos diziam que admitir Israel era simplesmente admitir um agressor. Nunca se poderia admitir um país como este no seio de países irmãos. Outros, como sempre, foram mais longe nos argumentos e usaram de retórica dura, agressiva, bélica, ofensiva, puxaram de todo o arsenal para atacar um conhecido inimigo, que queriam isolado e identificado.

Numa votação que bastava ser de maioria não qualificada, passou a aceitação de Israel. Bizarramente, o Bloco do Levante não era, na sua fase inicial, uma agregação de países. Não era, como o gabinete de spin da Casa Branca lhe chamou, um bloco de países. Era apenas um conceito, gerido por um Comité. Por isso, Israel foi aceite mesmo não fazendo parte do comité, numa votação onde não estavam representados todos os países que viriam a ser conhecidos pelo nome que o presidente dos EUA usou perante as câmaras da CNN. Muitos púlpitos em mesquitas, muitos fóruns online se indignaram contra essa fraca democraticidade, embora noutras ocasiões as práticas democráticas não tivessem sido o foco de reivindicações dos mesmos intervenientes. Para que o surpreendente parceiro hebreu fosse acolhido pelo LCEOBR, foram determinantes os votos a favor de praticamente todos os membros da Jordânia, Líbano, Turquia e Tunísia e, veio a saber-se, a mediação da União para o Mediterrâneo, de que Israel já fazia parte com estes países.

Em dois anos de Wikimercado, 80% das grandes marcas pertencentes tinha wiki. Num estudo sobre a página wiki.market publicado pela Time, lia-se que os consumidores eram mais ligados, em geral, ao produto imediato, ao refrigerante, ao sapato, ao carro. E que em casos, como na indústria automóvel, em que a marca é completamente transparente – sabemos sempre

que um carro da marca y é da marca y - então os consumidores ficam com uma ligação à marca e identificam o produto com a marca. Mas, por exemplo nos produtos alimentares, a marca que passa é muitas vezes apenas a linha do produto, ou o nome. E os consumidores não chegam a saber, ou a ter ligação com a empresa que produz aquele produto. Como o Wikimercado funciona de forma completamente estruturada, começando com a identificação da empresa, em todas as suas ramificações, isso colidiu com a clássica estratégia de promoção de um produto e da sua comunicação aos consumidores.

O caso em que foi mais fácil arrancar foi precisamente a indústria automóvel. Em casos como a Ford, cuja história, em certa medida, é conhecida e está publicada, foi mesmo conflituosa a edição do wiki, pois utilizadores independentes iam avançando com a construção do wiki, ao mesmo tempo que a empresa. Foram mesmo alguns fãs da empresa que começaram um *stub*, com algumas linhas, e não representantes da Ford. Na maior parte dos casos, houve texto copiado da própria Wikipedia, o que violava as regras do Wikimercado.

Noutros casos, em que a ofuscação de quem detém capital sempre fez parte da estratégia, foi muito difícil começar. A equipa nuclear do Wikimercado criou uma ferramenta que apagava automaticamente, passado uma semana, o wiki de qualquer produto que não tivesse um link para a página da empresa que o vendesse. E era obrigatório que a página estivesse já sinalizada como satisfatória, isto é, com informação suficiente, obedecendo às linhas orientadoras, e sem nenhum problema pendente para corrigir, antes de ser tornada visível. Isso obrigava as marcas que queriam que os seus produtos pudessem estar disponíveis para consulta se empenhassem de facto em criar uma página em que se dessem a conhecer minimamente, e em que as suas ligações, as ligações das várias empresas dos seus grupos fossem explicadas. Tornou-se um projecto utópico, impossível, incompleto, controverso.

Houve acusações, contínuas, de uma certa violência ideológica. Vozes do mundo financeiro contra-atacaram, escreveram livros, criaram centenas de sites, fundações, think tanks. Por parte do comité, a linguagem era modesta, simples. Simplesmente decidimos não ter publicidade online nos nossos países. Foi uma decisão livre. Os nossos cidadãos querem comprar os vossos produtos. Livremente. Os vossos países são nossos parceiros económicos. Chegámos a acordo. Há aqui uma forma de informarem os nossos cidadãos de todas as características e vantagens dos vossos produtos. É uma forma equilibrada e que também incluiu a experiência do consumidor. Todos podem contribuir para informar sobre a verdade do produto. E é tida em conta a verdade histórica da empresa. Contamos convosco.

Ilofilia

“Quantas vezes estive perto de me matar, nem sequer por desespero, mas porque me parecia simplesmente uma ideia interessante. A minha mente já esteve tão longe de funcionar a meu favor que produziu sofrimento quando tudo à minha volta era bom e saudável. Quando escuto pessoas a louvar artistas pela sua personalidade atormentada ou pelo seu percurso delirante penso sempre que qualquer coisa falhou. O mais difícil é olhar sobriamente a realidade nos olhos, sem sequer sentirmos, já, raiva ou frustração.”

As últimas palavras foram ditas desacelerando, como que saboreadas, uma a uma. As pessoas eram olhadas com tranquilidade, enquanto o peito se enchia e esvaziava de ar, latente ainda da intensidade emocional com que Jorge há segundos atrás discursava.

“Se aqui estão, é porque sentem, como eu, uma inquietação. Um desconforto.”

Jorge Borgia tinha mudado de ritmo. Deixava, ou esperava, que os participantes daquela reunião se manifestassem. Oferecia-lhes silêncio. Não muito. Era como se quando houvesse já tempo suficiente para emergir um comentário ou um constrangimento, a sua voz regressasse como o fio condutor. Ele continuava, dando voz às vozes ainda caladas. Provocando-as a descobrirem que pensavam como ele, desde sempre, ou desde há pouco.

“Dizem-nos que a demanda pela imortalidade é intemporal. Que o homem sempre quis vencer a morte. Que quis, quando desafiou os deuses, ser como os deuses. Que, quando deixou de acreditar na imortalidade a seguir à morte, procurou outra forma de imortalidade. Procurou imortalizar-se simbolicamente. Dizem-nos que ao menos o sonho de ser imortal seria uma forma de continuar a desafiar os deuses, e a acreditar na humanidade. Dizem-nos que agora, que se acredita em tão pouco ou em tudo ao mesmo tempo ou que tudo vale o mesmo ou vale nada, que a imortalidade restou apenas como o significado claro da própria palavra. O homem afinal quer mesmo viver para sempre. Sem nada de sobrenatural, nada de simbólico. Afinal, dizem, é isso, pura e simplesmente. Venham as tecnologias e as ciências e os medicamentos. Venha a velhice prolongada. É isso que se deseja e procura. Rigorosamente.”

A voz de Borgia era calma. Mesmo o timbre se tinha aprofundado, como se falasse para uma caverna interior. Havia, frequentemente, uns ímpetos emocionais, a realçar algumas palavras. Os significados estavam acesos, nada daquilo vinha de um lugar apaziguado ou indiferente. Não era uma constatação, era uma luta, uma construção, um conflito.

E provocou inquietação sincera. Subtil mas evidente. Pessoas a remexer as coxas nas cadeiras, a tocar com dedos em pontos diversos dos rostos, a olhar fugazmente em todas as direcções que não fossem os olhos de Jorge. Pessoas muito atentas às palavras que se notava olharem depois à sua volta, como que acordando durante as pausas, para ver se os outros também estavam a escutar. Sim, escutaram-no. Ainda não se percebia o que queriam, o que desejavam, do que fugiam, se fugiam. Se poderiam estar do lado dele, se ele fizesse alguma proposta. Não se percebia se sentiam nojo, respeito, receio, surpresa, cansaço, ou se tudo era apenas um caso de ele ter um tom de voz e uma forma de se mexer bastante eficazes.

“Sabemos que parte da realidade que nos construíram, pelo menos parte disto, é uma mentira. Os subversivos têm tido uma acção invisível na sociedade. Mas são inegáveis os seus”

Seriam estes os primeiros a expressar-se. Cinco dos que tinham vindo para o escutar, levantaram-se quase de imediato quando a palavra subversivos lhe saiu da boca. Jorge Borgia manteve até ao fim o mesmo método. Calava-se até que as pessoas que decidiam sair, nem que fosse temporariamente para ir fazer um telefonema ou ir até à casa-de-banho, desaparecessem pela porta. E retomava de seguida, no mesmo tom.

“São inegáveis os seus efeitos.”

O constrangimento aumentava, quando regressava a sua voz, como se não tivesse existido interrupção. E, se não mudava o tom, parecia no entanto reagir ao constrangimento. Era como se desse uma leve indicação de disponibilidade. Algo próximo do Síndrome de Lima. Tinha sido ele a provocar o constrangimento, do qual aquelas pessoas estavam de certa forma reféns, mas ele sofria de uma empatia com aquele público, que fazia com que se preocupasse em atender os seus desejos. Notava-se que aumentava a sua sensibilidade a algo de espontâneo que surgisse ainda, da parte da população sentada. Ele não era um ditador desatento. Um narcísico simplório. Era complexo.

“Quer queiramos aceitar a realidade ou queiramos construir irreabilidade, há uma cultura que é aquela em que estamos inseridos. E não é fácil digeri-la. Não me entendam mal. É fácil comer. Nunca houve tantas formas diferentes de encontrar exactamente aquilo que desejamos, para continuar exactamente na mesma. Comer à colher a papinha, é fácil. Basta abrir a boca, se quisermos, para parecermos mais intelectuais, podemos torcer o nariz, como as crianças fazem quando têm de engolir um remédio, e mamamos na mesma.”

Metade da sala levantou-se. Desta vez, com a segurança dos números – a segunda fila levantou-se por inteiro – as pessoas perderam algum do decoro e falaram entre si, ainda que em voz baixa, demoraram a arrumar cadernos e ajustar peças de roupa. E olharam para os que ficaram, fazendo alguns comentários, já vendo todo o evento com um sentido conclusivo. Borgia fez algo diferente. Tinha havido 4 ou 5 grupos de pessoas a sair, em momentos diferentes. Desta vez, não retomou de imediato o discurso. Saiu da secretária com a cadeira na mão. Pediu a todos que pegassem na sua cadeira. Eram menos de 15.

Juntaram-se num U irregular, preguiçoso, virado para Jorge Borgia. Voltou a falar.

“Demora sempre algum tempo até que fiquem mesmo só as pessoas que desejam aqui estar. O que é importante é aquilo que vos trouxe aqui e aquilo que levam daqui.”

A pequena confusão de arrumar as cadeiras, levando a que as pessoas tivessem que se mexer e falar um pouco umas com as outras, aligeirou o ambiente. Essa desconstracção tinha vindo e tinha passado, ainda assim Jorge Borgia não regressou à solenidade com que discursava. Mas também não usava uma retórica da intimidade, nem o seu tom era subitamente sentimental. Sem fazer nenhuma introdução, informalmente, virou-se para a pessoa mais à esquerda e fez-lhe uma pergunta.

“Porque é que vieste a esta palestra?”

“Não tinha nada que fazer este fim-de-semana.”

As palavras vinham a custo. Mais pela surpresa, parecia, do que pela timidez, que aquele moço de uns 20 anos não demonstrava em abundância.

“O tema surpreendeu-me. Quis saber mais.”

Como se continuasse a fazer perguntas à mesma pessoa, virou-se para alguém no meio do arco de cadeiras, uma mulher jovem, de menos de 40 anos.

“Porque é que este tema te interessou?”

“Eu”

A palavra ficou suspensa. O olhar daquela mulher hesitou entre o chão e um dardejar rápido à sua volta. Enfrentou Jorge, num registo entre o confessional e o beligerante. Os cotovelos assentaram nos joelhos e a cabeça teve de se voltar para cima, como para averiguar uma ameaça.

“Eu estudo doenças.”

O olhar de Borgia era curioso, mas não ao ponto de ser inquisidor. Durante um par de segundos ficou a sensação que ia ficar-se a saber mais, porque uma pergunta surgiria, ou a iniciativa de uma afirmação quebraria o silêncio. Mas simplesmente continuou aquele método de sondar o grupo.

“Interessas-te por doenças?”

A pergunta era feita a uma rapariga que parecia ser a mais nova do grupo. Estava ao lado da mulher que dissera estudar doenças. Borgia fazia a pergunta de forma muito precisa, quando tinha a certeza que o alvo olhava para ele. A maioria dos presentes já se tinha apercebido disso, bem como da forma como ele ia sondando todos, olhando o arco das cadeiras de uma ponta à outra, regularmente, detendo-se de tempos a tempos nesta ou naquela pessoa. Aquela rapariga parecia ainda distraída. Teve um pequeno sobressalto, quando reparou que a pergunta era para ela. Mas recompôs-se, talvez como se estivesse perante um exame oral, num estabelecimento de ensino. Foi rigorosa e prolixa.

“Interesso-me sobretudo pela imortalidade. Aquilo que possa atentar contra a saúde, de forma consciente, é inegavelmente fascinante. Não podia faltar. O tema da minha monografia é A Saúde como Metáfora do Tempo. Os comportamentos destrutivos são, paradoxalmente, segundo a minha argumentação, ainda uma forma de procurar a imortalidade. Porque enquanto continuamos vivos, mesmo na face da improbabilidade, confirmamos aquilo que nos propusemos negar com o nosso comportamento. Destruir a saúde é afirmar a sua absoluta necessidade.”

Houve um sorriso de cumplicidade, entre Borgia e a rapariga, a pontuar a sua última frase. Serviu, provavelmente, para permitir um desfecho naquela intervenção e passar o testemunho aos outros elementos que iam falando, como parte de um mesmo corpo.

“Somos naturalmente destrutivos em relação à saúde?”

Por momentos, ficaram todos confusos. A pergunta não parecia ter sido feita a alguém em particular. Ninguém mostrava saber quem era o próximo a falar. Entreolharam-se, como que a tentar ver se havia uma exceção, alguém isento dessa ignorância, um alvo para a pergunta que estivesse já a preparar a resposta. Havia quem se destacasse mas pela agora impossível de esconder discrição, uma timidez militante, exposta pelos olhares indagadores. Sobre tudo pelo olhar de Jorge, que se fixou nele, e realçou a interrogação com nova questão.

“O que te parece?”

“Para falarmos em saúde, temos de saber do que é que queremos falar. *Saúde* é uma construção. Sim, muitas pessoas são naturalmente destrutivas em relação a alguns desses conceitos. Nesse sentido, não querem saber do que outras pessoas consideram saudável.”

Houve, na voz daquele homem de mais de 50 anos, magro, pele queimada do sol, talvez trabalho ao sol, talvez viagens exposto às intempéries, uma espécie de alívio contraditório, feito de desalento e constatação. Continuou, como se obedecesse a um desígnio.

“Sei que não vale a pena entrar em relativismos. Existe algo a que algumas pessoas possam chamar de saudável. Negar isso seria o mesmo que negar a morte. Eu diria que ao menos é produtivo dizer que há coisas que aceleram a chegada da morte e há coisas que a atrasam. Mas que quando se sacralizam conceitos, entram-se noutros domínios.”

“Que conceitos temos como sagrados?”

Fez a pergunta enquanto rodava o tronco. O rosto, no final do movimento, apontou para um homem de aspecto nervoso, óculos redondos, tronco largo, camisa abotoada até acima. Tinha insígnias estilizadas no corte de cabelo, junto às orelhas, num estilo muito retro, à século XX, mas eram já imperceptíveis.

“Nada é sagrado. É uma noção que temos de aceitar. Sobretudo a iconoclastia, temos de a abandonar. Os pares dicotómicos a que nos apegamos, são ainda um triunfo da lei. Essa tensão do sagrado que gera sempre um profano funciona de uma dupla inscrição da lei.”

Houve, na sala, e dir-se-ia na face de Borgia, uma pausa, um silêncio feito realmente de vazio. Ou mesmo um sopro frio.

O suficiente para se quebrar uma certa harmonia, feita de tensão, precisamente, usando a expressão do último interveniente. Os 15 já não se ligavam por intermédio de ansiedade e recompensa, curiosidade e alívio. Alguns denotavam um recolhimento, uma fuga para o íntimo. Outros mostravam sinais que facilmente se interpretavam como desejo de se juntarem ao corpo de intervenções. Outros ainda, mais nervosos que nunca, pareciam adivinhar que seria inevitável terem de contribuir para algo que ali estava a ser criado.

Borgia levantou-se. Durante uns segundos, pareceu pensativo. Não era uma hesitação. Antes um intensificar, ou um gesto interior de averiguação, um assegurar-se do seu estado de espírito. Visivelmente confiante e numa disposição semelhante à de quem vai iniciar um jogo, olhou para o centro do U, com as mãos unidas, como quem vai começar a falar. Antes de abrir a boca, virou-se para uma das mulheres que ainda não tinham falado. Uma das que davam sinais que sugeriam querer falar.

“Deixa-me sentar-me no teu lugar”.

Avançou para o lugar dela, como se não houvesse dúvida que ela se ia levantar. Ela levantou-se, embora tenha ficado um pouco desorientada, de pé, à espera da próxima indicação.

“Diz-nos o que pensas.”

O convite foi feito com um gesto amplo com os braços, a abarcar o arco das cadeiras, sugerindo que ela agora tinha a audiência e o destaque.

“Não gosto disto”

Um sorriso simpático, sincero, evitando qualquer tipo de sedução por timidez, pedia que aquilo parasse, aquela exposição. Duas pessoas falaram

quase ao mesmo tempo. A que parecia ser das mais velhas. Uma outra mulher, que era também das que usava roupa das mais ousadas, combinando elementos esotéricos e cibernéticos, ou dito de outra forma, parecia uma ciber-feiticeira. E um jovem de rosto bronzeado, mesmo queimado do sol e cabelo revoltado. Disseram, palavras misturadas, semelhantes.

“O que te trouxe aqui?” “O que estás a pensar disto?”

Fosse a ansiedade trapalhona do par espontâneo, seja a sincera curiosidade das pessoas à sua frente, algo provocou o início de uma resposta.

“Tenho uma doença estranha. Ainda não consegui perceber a explicação dos médicos. As minhas células, pelos vistos não compreendem as instruções que recebem. São os oncologistas que me seguem. Querem fechar-me e estudar-me como uma cobaia. Não é bem cancro.”

Havia uma serenidade que aquela mulher tinha vislumbrado. Não estava nas palavras que tinha acabado de pronunciar. Nem na sala que ocupava juntamente com as outras pessoas. Nem na sua mente. Mas ela foi, por instantes, capaz de a adivinhar. Soube que essa emoção existia.

Borgia olhou para ela, como tinha deixado de fazer há minutos, com a sua forma interrogativa, que instigava as pessoas a agir. Fê-lo com um sorriso, ou apenas a sugestão de um sorriso. Um convite.

“Dizem-me que as minhas células podem começar a reproduzir-se de formas malignas. Ou deixar de se reproduzir. Podem entrar em colapso. Não tenho linguagem científica. Não sei explicar. As minhas células podem fazer o que não é suposto. Uma das coisas que podem fazer é deixar de envelhecer. É por isso que há cientistas que olham para mim e vêm uma cobaia. Posso morrer de um minuto para o outro mas, pelo menos teoricamente, posso não morrer. Ou isso é verdade para pelo menos algumas células minhas.”

Borgia olhou atento em frente, como se visse um horizonte, até, dir-se-ia, como se tivesse todos à sua frente. Não sorria, mas as suas feições ainda assim sugeriam boa disposição. Tinha um aspecto de relaxada concentração.

A mulher da doença rara calou-se, olhou para Borgia por um segundo e ele sorriu-lhe como se lhe oferecesse uma palavra. Ela virou-se para as cadeiras.

“Dos que não falaram, quem quer tomar o meu lugar?”

Enquanto três ou quatro pessoas olhavam em volta, a ciber-feiticeira avançou, com três passos vagarosos e olhos no chão.

“Não acredito na dualidade. Acredito na escolha. Não existe juventude e decrepitude. Imortalidade e mortalidade. Bondade e maldade. Há que escolher. Um rumo transforma-se na totalidade. Gostaria de aqui estar quando fosse possível viver para sempre. Ou, quando fosse possível viver até aos 250 anos. Se vou morrer nos próximos 25 anos, agora tenho 60, então a forma como vivo é completamente diferente. Importa o meu rumo. Não posso viver como se acreditasse que vou viver até aos 250 anos. Viver decrépita não é o mesmo que viver jovem. E não convivem em mim tensões. Ou melhor, convivem em mim tensões. Quero acreditar. Quero dizer, não queria acreditar. O que digo é que preciso de mudar aquilo em que acredito e mais me vale uma ética da doença que uma ética da imortalidade. Se estou dividida é porque sei que vou morrer.”

Jorge Borgia pareceu, uma ou duas vezes, impaciente. A mulher que se tinha sentado não voltou a estar confortável. E quem avançou, assim que voltou o silêncio à sala, foi um homem de uns 45 anos, vestido de forma

elegante, quase completamente careca, de barba grisalha de três dias, com uma pequena cicatriz a descer em diagonal do lábio para o queixo, onde os pêlos da barba escasseavam.

“Trabalho como epidemiologista. Doença, morte é apenas uma questão de perspectiva. Para uma bactéria, por exemplo, trata-se de sucesso, de reprodução exponencial. Se olharmos para uma cultura num vidro, não vemos morte, vemos vida. É quando diferentes formas de vida colidem, que vai haver uma história evolutiva para contar. E a Natureza ganha sempre no fim. O meu ponto de vista é o da morte, é o de chamar epidemia ao sucesso das outras formas de vida, porque trato de proteger a minha espécie. Mas isso é apenas o que é, ponto de vista.”

Jorge Borgia levantou-se tomando o lugar central. Quase se escutaram suspiros de alívio dos que não chegaram a falar. Falou ele, sucintamente.

“Durante estes dois dias, tive o privilégio de estar convosco. Foi bom poder também escutar alguns de vós. Como acordado, cada um recebe um kit BloodPrint com uma extensão donnorKit, para que possam também fazer uma boa acção e doar o vosso sangue nos locais habituais, se o desejarem fazer. Assim que me enviem os vossos dados através da aplicação BloodPrint, eu devolvo o valor da jóia.”

Distribuiu 13 kits e despediu-se de cada um cordialmente, usando o primeiro nome. Sabia que os kits eram uma de forma garantir que tinha sempre participantes. De vez em quando havia um ou outro que não lhe enviava os dados, mas quase 100% o fazia, já que receber de volta 1\$ valia bem a pena, ao câmbio actual.

Ligou o computador. Mais 17 pessoas lhe tinham enviado os dados do BloodPrint. Correu o filtro que organizava a informação para extrair o que lhe interessava. Nada de extraordinário. Alguns casos de sífilis. Um de febre amarela. Três com diferentes casos de fungos cutâneos. Gripes, problemas de rins, desordens intestinais, e muitas minudências. Nada que merecesse coleccionar. Nada que fornecesse pistas para algo maior. Nenhuma pista para o que estava à procura. Tinha ficado com alguma esperança neste grupo. Gostava quer dos fechados, dos que mantinham a reserva até ao fim, quer dos apaixonados pela sua própria excentricidade. Uns e outros, acreditava, por vezes tinham mesmo algo que os distinguia. Tinha pena de não ter mais kits para distribuir. Se tivesse capacidade de investir mais de cada vez, teria uma amostra maior. Mas de qualquer forma, a sua demanda era uma demanda de paciência, não de volume. Haveria de encontrar mais tesouro. E, um dia, quem sabe, mesmo o HIV3.

Para já, tal não tinha conseguido expressar a ciber-feiticeira, ainda não sabia bem o que escolher. Havia esta tensão, que o dividia. Porque não tinha na sua colecção o troféu tão ambicionado, não se tinha ainda concretizado o dilema.

Quem seria digno de tão honrosa forma de vida? Apenas ele, negando ao resto da humanidade a propagação de tão rara doença? Ou, pelo contrário, o prémio da sua demanda seria precisamente poupar-se à contaminação, gerando a epidemia?

Utokopia

“Bem-vindos à Fantasy Island. Há muitas décadas atrás, era assim que o anfitrião de uma ilha recebia os seus hóspedes. A ilha era realmente uma fantasia, num programa de televisão. E os hóspedes tinham direito a ficar apenas alguns dias naquela ilha. E a realizar apenas um sonho, um capricho.”

Os 120 casais escutavam-no atentamente, depois de terem descido do hovercraft.

“Sigam-me.”

Ninguém tinha sequer visto imagens da ilha. Mas todos caminhavam com segurança e serenidade, sem nenhum sinal de sofreguidão. Uma curiosidade confiante atirava olhares e sorrisos em volta. Mas poucos comentários, ou nenhum, apenas monossílabos de satisfação, enchiam o momento de ruído. Aquela pequena multidão tinha um estranho sentido de propriedade e de adequação à ocasião. Avançaram pelo cais, ao longo de duas fileiras de archotes a arder, terra adentro. E o som leve da água contra a madeira, a suspensão das aves marítimas contra o céu crepuscular e a carícia subtil da brisa na pele compunham um quadro de fundo que a arritmia retumbante dos passos ao longo das ripas de madeira do cais ia perturbando sossegadamente. E a que o condutor do hovercraft estava já completamente alheio, pois sulcava entretanto uma elipse, enviando ondas contra o cais de embarque, cujo som ou efeito aquele grupo já não chegou a apreciar. Começavam a entrar, pelo lado sul, depois de a contornarem a nascente, na única construção que se via daquele lado da ilha, uma casa térrea, de vidro e madeira.

“Sentem-se.”

Um gesto subtil, feito mais com o tronco e os olhos, do que com a mão e o braço, convidou o grupo a obedecer à forma verbal proclamada. A sala era ampla, com móveis num estilo tropical luxuoso, elegante e simples, a transmitir os materiais e o meio natural em que se encontravam, salientando uma certa opulência, não de estilo, mas de capital. Havia, naquelas linhas, uma delicada ostentação. Aquele equilíbrio vaidoso que só quem tem acesso a meios financeiros abundantes consegue alcançar. Não havia criados. Nem sequer robôs.

“Não estão aqui para realizar uma fantasia.”

Instalados nas suas cadeiras de bambu e madeiras exóticas, com design variado mas coerente, 240 humanos de olhar inquietantemente sereno e satisfeito pareciam sempre ali se terem reunido. Percebia-se que os lugares sentados estavam praticamente feitos à medida. Sobravam apenas meia dúzia de cadeiras. O grupo fazia um U em que a base era larga e as extremidades curtas. O anfitrião, que dava a impressão de ter idade para ser avô de qualquer um deles, voltava a falar para os casais que tinham chegado do mar.

“Este é o vosso desígnio. E esta é a vossa casa.”

Falava em inglês, mas a palavra que usou para casa foi do esperanto, *hejmo*, que significava quer casa, house, quer lar, home.

Os olhares continuavam atentos, serenos e atentos, como se tudo aquilo se encaixasse no que era esperado. O silêncio e a quietude era impróprios para um grupo de 240 jovens de menos de 25 anos, que tinham acabado de desembarcar numa ilha desconhecida, cheia de cores e aromas tropicais,

agrupados em pares prontos a acasalar. Escutavam um homem com idade de ancião, vestido com a roupa cara que dava o aspecto de alguém que tinha chegado de helicóptero, vindo de um centro financeiro internacional, e apenas tivera tempo de tirar o casaco e a gravata. Os jovens, por sua vez, eram homogêneos na idade e no aspecto físico, regulares na altura e na compleição, aparentemente em forma e saudáveis. Mas traziam, cada um, o seu tipo de roupa e estilo. Talvez manifestando aspectos diferentes de modas locais, ou talvez gostos pessoais. Ainda assim, aquele grupo dava a impressão de ter um poder de compra muito acima de qualquer média habitualmente levada em conta para aferir estatuto social. E eram, claramente, de locais diferentes do mundo. Imaginava-se, só de olhar para eles, que se comesçassem a falar ao mesmo tempo dezenas de línguas diferentes se misturariam numa babel feita de juventude e beleza. Uma magnífica babel de Noé.

“Os vossos pais dariam tudo para estar aqui. No fundo, foi o que fizeram. Deram tudo, para que vocês aqui estivessem. Os vossos genes são o resultado do investimento e da visão dos vossos progenitores. Cada um de vós é único.”

O anfitrião olhou demoradamente para os casais, durante longos segundos. O seu olhar tranquilo, quase proprietário, não provocou qualquer constrangimento.

“Muitos fizeram longas viagens. Vamos de imediato conhecer as vossas casas. O melhor é irmos descansar. Amanhã, com as energias restabelecidas, o sol a brilhar sobre o oceano, falamos sobre como vai ser o vosso dia-a-dia. Bem-vindos ao sonho de todas as gerações antes da vossa.”

A visita guiada continuou no mesmo tom. Cada novo edifício, instalação, estrutura ou zona da ilha merecia um discurso ou uma apresentação inaugural, um bem-vindos, um estão em casa. As habitações ficavam numa parte elevada da ilha, a nascente. 60 habitações bi-familiares geminadas. Ficavam 2 casais a viver numa mesma moradia, com completa privacidade nas zonas de descanso, podendo ao final do dia ter uma vida separada, mas partilhando espaços durante o dia, para cozinhar e comer e trabalhar. Eram comuns os espaços exteriores de cada 12 moradias, prevendo o nascimento de crianças e muito espaço para jogos e actividades físicas. Entrava-se para o espaço comum aos 4 habitantes da casa, que seria adaptado para as actividades de cada um, que ocupava pelo menos metade do rés-do chão das moradias. A cozinha e o espaço para comer eram também comuns. Os espaços em cima eram separados e se fizéssemos um corte vertical numa das moradias era isto que veríamos: dois casais a ocupar o andar térreo por igual e depois o 1º andar a ser dividido ao meio, tendo mesmo acessos privados, um casal com acesso ao espaço da esquerda, outro casal com acesso ao espaço da direita.

Não foi necessário mais de uma hora para mostrar como tudo funcionava. Os casais tinham levado a roupa do corpo, apenas. Todas as casas tinham já o equipamento necessário para funcionar e estavam atribuídas a casais específicos, tendo roupas e produtos de higiene. No dia seguinte, explicou o ancião, que lhes ia adiando as explicações mais longas, cada um iria saber melhor o que fazer.

A reunião matinal foi na sala em que tinham estado no dia anterior. Chamava-se Cérebro. Em seguida iriam para o Estômago. O Estômago era o refeitório, um restaurante que também se transformava em sala de palestras e que era virado a Oeste.

Foi rápida a reunião, serviu apenas para lhes dizer que passariam a reunir-se todas as manhãs àquela hora, 30 minutos a seguir ao nascer do sol, corrigindo a hora de 3 em 3 meses, sendo que estando numa zona subtropical não haveria lugar a oscilações dramáticas ao longo do ano, como os que viveram mais perto dos pólos estavam habituados. Ficaram a saber que o escritório e habitação dele, Mr. Hand, era no mesmo edifício do Estômago e do Cérebro e chamava-se Mão, sendo virado a nascente.

Iam comer em conjunto desta vez e nos próximos dias isso iria acontecer mais vezes, até os ritmos e as tarefas entrarem nos eixos. Mas era suposto terem autonomia e cozinharem as próprias refeições. Parte da comida era produzida na ilha e alguns produtos tinham de ser obtidos no exterior, sendo abastecidos uma vez por mês pelo hovercraft que os veio trazer. Viver ali era um desafio e em conjunto iriam decerto encontrar soluções para que a experiência se tornasse surpreendente e gratificante. O que ali encontravam, explicou sucintamente Mr. Hand, longe de serem instalações acabadas, era apenas o essencial para que eles usassem o seu engenho e a sua capacidade de fazer perguntas e desejar melhorar a qualidade dos seus dias.

Foram para o refeitório onde encontraram já o pequeno-almoço preparado e servido. Houve muitos comentários de espanto e todos comeram com vontade e falaram com à-vontade, talvez pela primeira vez. Deram-se a conhecer, apresentaram-se, falaram do seu país de origem. Explicaram como foi a primeira noite, uns aos outros abriram-se um pouco em relação às expectativas que tinham, à maior ou menor expectativa que os seus pais tinham neles. Eram jovens a conversar. A refeição em conjunto serviu para quebrar a pose de muitos e para colocar ao mesmo nível pessoas com atitudes e culturas diferentes perante situações novas. Nem todos se sentiram à vontade para falar sobre o que esperavam ou sobre o que estavam a sentir. Mas todos escutavam muito atentamente o que os outros diziam. Todos participaram na conversa. Sobretudo Mr. Hand, que fazia perguntas simples e depois escutava, sorridente, como se tivesse rejuvenescido.

Já a comida tinha acabado e se continuava a falar. Algumas conversas se dispersavam, sinal de que se estavam a começar a dar a conhecer as pessoas, começando a gostar da companhia uns dos outros, ou a sentir confortáveis para ir mais longe naquilo que revelavam de si. Mr. Hand calou-se, ficou mais sério, no topo da mesa em que se encontrava, ao centro. Eram 5 mesas compridas, perpendiculares à fachada de vidro, virada a poente.

“Amigos.”

A palavra foi dita com uma espécie de solenidade jovial. Todos se viraram para ele, mas já sem a disciplina articulada e espontânea que tinham demonstrado logo após chegarem à ilha. Calaram-se quase todos. No segundo a seguir calaram-se os restantes. E logo a seguir os poucos que faltavam. Eram agora como um organismo vivo, ligado entre si, que respirava, com movimentos que se transmitiam ao corpo todo, com uma velocidade que se podia observar. E não como 240 indivíduos soltos, com uma observância aparente, superficial, sem traços de insolência mas sem um rumo comum, uma lei.

“Este pequeno-almoço foi a minha prenda para todos. A partir de agora, quero que vejam cada um dos outros como um amigo, um elemento precioso do que aqui estão a criar. Quando trabalham e se esforçam por manter de pé o

projecto de que fazem parte é pelo companheiro que está ao vosso lado. Não se esqueçam disso. Sejam generosos, sejam felizes.”

Houve uma seriedade súbita, na maior parte dos jovens. Alguns sorrisos, talvez uma certa comoção nos mais empáticos. Mr. Hand pareceu satisfeito.

“Agora, desde já, começa o nosso trabalho. Não se preocupem, não recebemos mais do que podemos aguentar.”

Mr. Hand pegou no seu prato e exemplificou o que cada um deveria fazer para que a louça ficasse limpa. Deu também instruções de seguida em que distribuiu os turnos. Assim, 80 pessoas ficaram encarregues de trabalhos como servir refeições, quando havia refeições comuns, o que aconteceria em média umas 4 ou 5 vezes por mês, estar de plantão para o caso de ser necessário fazer reparações, depois de uma tempestade, reparar caminhos, limpar os edifícios comuns, fazer incursões na ilha, numa actividade que era chamada de *curiosidade activa*, pescar e mais algumas actividades que eram permanentes e que não eram fixas – o que se esperava era que a comunidade fosse sugerindo e melhorando o que era feito em prol de todos.

Os restantes 160 ficavam livres dos turnos, fazendo as tarefas das suas próprias casas, mais os ofícios – todos na ilha teriam um ofício atribuído, que a princípio poderia começar de forma mais exploratória e menos pragmática, mas que tinha sempre, de fundo, uma ideia de contribuição para o bem de todos. Alguém poderia escolher como ofício trabalhar a madeira. E poderia a princípio passar muito tempo a experimentar esculpir a madeira – em vez de se dedicar simplesmente a estudar e aplicar os princípios da carpintaria –, mas o rumo prosseguido forçosamente teria de convergir para algo que pudesse ser aplicado no que ali estava a ser vivido em conjunto. Cada um era livre de escolher o ofício pretendido, mas não poderia deixar de o fazer e era encorajado a escolher um ofício que mais ninguém tivesse ainda escolhido.

Os turnos duravam uma semana e alternavam com a semana do ofício. Esta alternância não implicava que na semana de turno não se trabalhasse no ofício, simplesmente significava que se estava, teoricamente, livre de ser chamado a fazer um trabalho do seu ofício. Mas era esperado que cada um fosse desenvolvendo o seu ofício permanentemente, todos os dias, como uma vocação, um rumo, uma escolha, ou fosse qual fosse a forma de o entender, desde que houvesse um compromisso evidente.

Ficou marcada uma reunião semanal do Cérebro, que era a forma de se referirem à reunião de todos no espaço conhecido como Cérebro. Nesse espaço existia uma biblioteca, com algumas centenas de livros, sobretudo de história, arte, ciência e livros técnicos (mas praticamente nenhuma literatura) e cada um era estimulado a tirar os seus apontamentos e a escrever, contribuindo para o conhecimento colectivo.

Ao lado dos quartos, no primeiro andar, havia uma divisão com praticamente a mesma dimensão do quarto, um vestíbulo que tinha uma dupla função. Era um quarto de vestir, com as roupas do casal, um espelho e alguns artigos de quarto. E tinha uma cómoda que servia também de secretária, com umas dezenas de cadernos e centenas de canetas e lápis. Era ostensiva a opção por tecnologia pré-digital. Mesmo que faltassem todas as formas de energia, havia ali material para continuar a registar notas. Os computadores, quatro por moradia, um por pessoa, estavam no andar térreo, numa lógica de trabalho em equipa e estavam ligados em rede, numa intranet conhecida por Sistema Nervoso Central, ou SNC.

Através de votação por braço no ar, de entre os 160, 20 foram escolhidos por todos como a Espinha Dorsal. Deles era a responsabilidade, desde logo, de apresentar um relatório no final do primeiro mês. Nesse documento deveriam ser avaliados todos os elementos que constituem a vida da comunidade. As infraestruturas, as relações interpessoais, a comunicação, a organização, a liderança. Deveriam estar atentos a todos os detalhes da vida na ilha, os 20 escolhidos, porque a sua investigação iria ser a base para a futura organização da comunidade.

A ilha tinha aproximadamente 3,5 km² de área, que se estendiam numa oval razoavelmente regular. A nascente e a poente este ilhéu alongava-se e era no litoral norte e sul que se estreitava. O ponto mais alto, a sul-sudeste, ficava situado a 380 metros acima do nível do mar. As habitações estavam um pouco abaixo, a 200 metros de altitude, abrigadas do vento, com as árvores da encosta norte a proporcionarem uma barreira protectora natural, mas beneficiando de luz durante todo o dia e de uma vista desimpedida sobre o mar em volta. A nordeste havia apenas rocha e praticamente nenhum acesso. Contornando por esse lado, no sentido sul, iríamos encontrar areia, e a única praia digna desse nome, a sudeste. A sul a escassa areia desaparecia quando a maré enchia, e as ondas vinham bater contra a encosta do monte que subia até aos 380 metros. E depois, desde sudoeste até poente a areia transformava-se em seixos e depois em pedras até ser coral, na zona mais calma e de água mais translúcida do litoral circundante. Finalmente, a noroeste, onde ficava o Corpo – nome transitório, como todos os outros –, o edifício onde funcionavam o Estômago, o Cérebro e a Mão, o mar mudava, o hovercraft vinha de oeste aproveitando as correntes, e regressava na mesma direcção. Se continuasse para Norte, onde o oceano tinha uma cor diferente, teria de manobrar contra a força do mar.

A primeira reunião do Cérebro ia começar e havia ainda algum vento e chuva, a fazer lembrar a tempestade que tinha passado pela ilha. Falavam, animados, como gente ocupada, como trabalhadores. Discutiam como quem sabe o que vai fazer a seguir, como quem tem ideias ou perguntas, ou mesmo respostas. Tinham posto em prática o plano de resposta a tempestades. E acabaram por encontrar, no terreno, várias soluções que agora discutiam, e que tinham ficado registadas nos cadernos das cómodas, nos vestíbulos. Falavam ao mesmo tempo de uma forma muito prática, do que era preciso fazer de imediato, assim que acabasse a reunião, do que tinham a responsabilidade de fazer, das tarefas que cabiam a cada um, mas também se projectavam para um tempo e um horizonte onde as coisas poderiam de facto estar já a funcionar melhor. Usavam a experiência de ter de trabalhar, ter de lidar com a realidade dos problemas para imaginar soluções e alternativas.

Mr. Hand gostava de os escutar. Deixava-os falar à vontade. Não lhes impunha limites, uma ordem rigorosa. Geralmente, quando era necessário que se escutassem com mais atenção, os outros calavam-se. Quando um queria falar para todos, pedia silêncio.

“Amigos.”

A maior parte não escutou a voz de Mr Hand. Os poucos que a escutaram, fizeram sinal aos restantes. Um a um, foram olhando para Mr. Hand, que estava em silêncio, a olhar para os 240, à espera, paciente. Durante talvez um minuto, foram-se calando, calmamente apercebendo-se que os outros já não estavam a falar.

“Foi um semana de muito trabalho. Estão de parabéns. Os últimos dois dias puseram à prova a nossa capacidade. Muito obrigado pela forma como souberam enfrentar a tempestade. Vamos escutar agora os que têm de falar. Primeiro o representante da Espinha Dorsal. A seguir, falará alguém dos Dedos. Depois é a vez das Pernas.”

Dedos era a expressão usada para designar os ofícios e Pernas designava os turnos. Começou a falar Clara. A sala estava agora reorganizada, de forma a que as cadeiras ficassem todas do mesmo lado, num bloco rectangular. Quem falava, levantava-se, juntando-se a Mr. Hand, de pé e virando-se para os outros.

“Estivemos a criar um manual, que em seguida apresentaremos ao Cérebro. É uma proposta que reúne as ideias dos 20. Deve ser debatido e melhorado. É um guia, ou um documento preliminar que poderá dar origem a um guia para a avaliação da nossa vida em conjunto. Como não tínhamos critérios de avaliação, directrizes, metas objectivas, foi nisso que nos focámos.”

Mr. Hand olhava para os 239, como que participando no que Clara dizia. Curioso e calado. Sentia-se um certo nervosismo. Uma excitação. Todos eles criados segundo uma certa ordem, e habituados ao sossego, iam controlando a ânsia de participar. Mas todos queriam fazer parte do que estava a acontecer. Uns, mais introvertidos, viravam para dentro o nervoso miudinho. Outros expressavam-no em gestos, sorrisos, toques no ombro do lado, numa palavra aqui e ali, quase em surdina.

“Sei que a vossa ajuda durante a tempestade foi preciosa. Vamos escutar primeiro o que os outros têm para dizer, antes de discutir em pormenor o manual que têm para nós. Obrigado Clara.”

Todas as actividades tinham sido suspensas, de acordo com o plano de contingência, para que se pudesse fazer face à tempestade. Não houve tempo para decorar o procedimento, mas assim que os ventos acalmaram, todos se reuniram e passaram em revista os passos a ter nas várias situações de emergência. Mr. Hand conseguiu extrair um sorriso a todos, ao dizer que era inédito estarem a fazer exercícios daqueles a seguir à emergência, e terem, na situação real, feito tudo melhor ainda do que os exercícios previam.

Falaram, dos Dedos, Alana e Koti. Levantaram-se ao mesmo tempo e expressavam-se como se fossem uma equipa coesa.

“Faz mais sentido usarmos as roupas que agora todos trazemos vestidos.”

Continuou Alana, como se não tivesse havido interrupção, como se fosse a mesma pessoa e tivesse apenas mudado a entoação, a voz.

“Mas não vamos desperdiçar as roupas que trouxemos. A Silmara escolheu como ofício trabalhar o tear e o Teodor ser alfaiate por isso os dois têm trabalhado connosco, de forma a que se crie uma equipa de reciclagem das roupas.”

Alana não falou logo, olhou os 238, talvez emulando o que Mr. Hand fazia, com um certo prazer, modesto e paciente.

“Vamos procurar ser racionais. Juntámos as roupas todas que trazíamos, à excepção da roupa interior, que continuamos a usar, e não há razão para que o deixemos de fazer. Faria pouco sentido transformar tudo em fio, de novo, para tecer. Em vez disso, já fizemos um trabalho de catalogação. Há peças, uma minoria, que serão decompostas, para voltar a tecer. Outras serão divididas em partes menores. Outras serão adaptadas. Isto foi feito

segundo as necessidades que encontrámos, ao fazer inventário das roupas dos 241.”

A expressão 241 fez Mr. Hand sorrir. Todos se entreolharam e houve um murmúrio de satisfação, depois de se verificar o sorriso do ancião. Koti esperou que o murmúrio chegasse ao seu auge, mas falou antes que ele se esgotasse, falando visivelmente optimista.

“O que fizemos com a roupa, para já, usámos como método geral. Fazemos um inventário, adaptado a cada situação, para perceber o que existe e o que falta em relação a cada ofício. Em seguida vemos como adaptar o que trouxemos connosco, se é o caso, ou o que trazemos dos recursos da ilha, das incursões em Curiosidade Activa, ou o que é produzido pelos próprios ofícios, as inovações. É o trabalho de catalogação.”

“É importante que cada um, no seu ofício, vá fazendo uma recolha de necessidades. E que o faça tendo em conta o local onde agora vivemos. Fazemos parte de um ecossistema. Não só de um ecossistema natural, mas de um ecossistema social. Tudo o que fazemos tem repercussões. As escolhas que tomamos vão interferir com as escolhas que os outros têm disponíveis. É bom termos isto em consideração.”

“Obrigado Alana. Este teu conselho serve para passarmos agora a escutar as Pernas. E obrigado Koti. O trabalho dos 20 vai ser essencial para a prosperidade de todos.

À vez levantou-se um representante de cada turno. Falou-se sucintamente. Quase todos referiram a tempestade e a forma como se adaptaram ao inesperado, formando equipas e criando planos de acção, atribuindo tarefas, inventariando e determinando danos.

As intervenções iniciais demoraram cerca de uma hora e meia após o que Mr. Hand sugeriu que fizessem um intervalo. Quem o desejou, saiu e sentou-se nos bancos longos de madeira, virados a sul, ou no chão, continuando a falar. Ou foi esticar as pernas, indo até perto da água, junto ao cais, a noroeste, ou a poente, alguns descalçaram-se mesmo, entrando no baixo onde a água tinha tons azuis-esverdeados e o coral se via a olho nu, numa filigrana viva.

Passado meia-hora, Mr. Hand, que tinha também ele decidido caminhar um pouco ao longo da costa poente, regressou calmamente. Ao vê-lo, vários o acompanharam. E mais se juntaram. Os que primeiro viram grupos de 20, 30 a regressar, voltaram também. Os que estavam mais distraídos foram chamados, até que todos se aperceberam que era hora de voltar. Como o organismo que eram, num único movimento, ou um único conjunto de movimentos, regressaram e preencheram o Cérebro, em menos de 5 minutos. Quando os últimos entraram na sala, já havia silêncio.

Mr. Hand falou primeiro. Resumiu o que tinha sido escutado por todos. Sugeriu uma votação. Os procedimentos que entretanto estavam já em uso, fruto das adaptações da primeira semana, deveriam continuar, sim ou não. O sim foi quase unânime, ficando apenas algumas mãos por levantar. A votação seguinte era, devem os 20, a cada reunião do Cérebro, ficar encarregues de apresentar os procedimentos que devem mudar? Mr. Hand explicou que a outra opção que lhe parecia poder funcionar era serem os 20 mandatados pelo Cérebro para avaliar, durante a semana, determinado aspecto da vida em comum e depois, com base na avaliação, votar-se-ia sobre a respectiva alteração. Votou-se uma e outra moção. Ambas tiveram muitos votos a favor.

Ganhou a primeira. Por isso, por enquanto, os 20 ficariam encarregues de apresentar para a semana os aspectos que necessitassem de intervenção, mudança, melhoramento.

Foram feitas as alterações. Mudaram os turnos. Ficaram outros 80 de plantão, como Pernas. De entre os restantes, foram escolhidos 20. Este eram um órgão electivo, cujos membros eram escolhidos por todos e não simplesmente nomeados por Mr. Hand ou com lugares atribuídos rotativamente, o que significava que alguém poderia ser eleito consecutivamente, pelo seu mérito, pelas suas qualidades, reconhecidas pelos 240. E os restantes dedicar-se-iam, com mais liberdade e tempo, aos ofícios, aos Dedos. De entre estes, havia 3 que estavam encarregues de gerir o sistema informático e mais 4 a que tinha ficado atribuída a responsabilidade de manter a rede física, as comunicações, todo o hardware. Estes 7 não puderam escolher livremente um ofício. Já foram para a ilha com uma função predeterminada. Os 3 tinham, desde que chegaram, já inserido no sistema toda a informação relativa aos turnos, de forma a que qualquer pessoa poderia prever quando é que iria estar de serviço. A tempestade foi um bom teste para a redundância do sistema, pois o servidor principal foi danificado, mas todos os outros, a funcionar debaixo do solo, ficaram incólumes, e recuperou-se a quase totalidade dos dados. O sistema, passado uma hora, estava de novo online. Os 4 modificaram a arquitectura da rede, por forma a que os servidores ficassem melhor protegidos e, garantiam, fosse pouco provável que as intempéries voltassem a fazer com que a rede ficasse de novo offline.

Antes de acabar a reunião, algumas pessoas tinham proposto que o Cérebro aceitasse moções. Mr. Hand não tinha nada a obstar. Helen propôs que os Dedos tivessem outra função. Como quem não pertencia às Pernas nem à Espinha Dorsal ficava um pouco solto, seria bom poder usar o tempo de forma útil para todos e para si mesmo. Helen dava o exemplo de alguém que fosse químico. Sendo necessário ir em Curiosidade Activa para a floresta, seria preciso andar a falar com as pessoas uma a uma, saber se estão de plantão, se estão interessadas, se percebem de química. Era bom, dizia, que os Dedos tivessem forma de agilizar uma saída, em busca de ingredientes. Os 3 podem criar uma forma de, com simplicidade, se abrir um pedido para formar um grupo com determinado fim. Entre outras coisas. Isto deve ficar em rede. É uma forma de quem necessita de ajuda rapidamente ter o que necessita. E é uma forma de quem quer ser útil rapidamente ver onde pode ajudar. A moção foi votada e aceite por unanimidade.

Passou o primeiro mês, sem mais tempestades. As Pernas eram diligentes. Os Dedos cada vez mais hábeis. A Espinha Dorsal alimentava de dúvidas e de algumas soluções o organismo. E o Cérebro reunia, conferenciava. No Estômago, mastigavam, celebrando, a festa de construírem o que ainda não conheciam. Todos eram tudo, passavam pelas várias funções, pensavam e digeriam. Trabalhavam, partilhavam e usufruíam.

Cada um tinha um nome único, pelo qual era conhecido pelos outros 240. Helen, Koti, Salima. Eram nomes que não se repetiam. Quando os seus pais, há mais de 20 anos atrás, decidiram qual o nome que lhes iam dar, e o registaram para aquele projecto, não puderam usar um nome que já existisse. Ali na ilha deixavam para trás o nome da família. Cada um era um elemento único, irrepetível, de algo inédito. Até Mr. Hand, suspeitavam.

Helen era bióloga marinha.

Caminhava ao longo dos últimos metros de areia, a sudoeste. A maré estava a vazar. Sempre que olhava aquela encosta rochosa, lembrava-se das aulas de escalada, em adolescente. Imaginava-se, ágil, usando os quatro membros com elasticidade e força, a subir até aos 380 metros, numa série de acelerações, balanços e pausas. Faziam-lhe bem aqueles momentos sozinha na ilha e gostava de exercitar a imaginação, como se fosse uma artista mental. Tinha seguido estudos científicos, mas admirava os artistas e os atletas. Talvez por isso, desde criança, lhe desse tanto prazer observar o voo das aves sobre o oceano, os saltos dos cetáceos a surfar ondas, as trombas dos elefantes erguidas, enquanto nadam de uma ilha para outra. Imaginar-se de outra espécie animal era quase uma experiência sinestésica, a que regressava, como um ritual secreto.

A encosta tinha uma série de ninhos de aves marinhas. Era uma espécie, pelo que tinha conseguido observar, semelhante às andorinhas do mar, quase de certeza da família Sternidae. Via as aves regressarem do mar e desaparecerem em reentrâncias da rocha, embora não conseguisse distinguir os ninhos com nitidez. Sabia que a cada ave que pousava, uma e outra vez, no mesmo local, correspondia um ninho. Acontecia, quando regressava uma ave ao ninho, outra sair quase de imediato, provavelmente para se alimentar e ficarem as duas aves visíveis ao mesmo tempo, por um instante.

Observava as aves e voltou a pensar no seu companheiro. Sven ia juntar uma equipa para preparar um estudo, a ser apresentado no Cérebro. O companheiro de Helen era demógrafo. Desde que chegaram à ilha que Sven estudava modelos de crescimento demográfico. O que pretendia era juntar os esforços de outros ofícios, além do seu. Queria, na mesma equipa, alguém que estudasse os recursos naturais da ilha, quem desse uma perspectiva económica e logística, quem fosse da área do planeamento familiar, contava com a participação de Helen para uma contextualização em relação ao ecossistema que habitavam. O objectivo era elaborar um documento que desse pistas para se poder elaborar um plano de crescimento demográfico sustentável.

Helen e Sven falavam todos os dias sobre os seus ofícios, quando se recolhiam ao 1º andar. Eram dedicados ao Dedos. Tentaram, no início, ter uma parceria de trabalho que fosse também uma amizade com Kunio e Mariko, mas estes recolhiam mais cedo, embora fossem rigorosamente cumpridores de todas as tarefas e extremamente cordiais. Todas as tentativas de fazer mais do que ia sendo estabelecido através de regras, criando em casa um outro universo, foram infrutíferas. Ganharam com o tempo alguma amizade. Mas era uma amizade feita através, ou apesar, de uma formalidade respeitosa, com uma distância quase ritualizada. Helen pensava que talvez fosse a forma de aquele casal lidar com o facto de serem obrigados a viver com eles na mesma casa. Mas Sven, pelo contrário, achava que aquela era uma maneira natural para eles de reagirem, algo cultural. E que, originalmente, talvez até estivessem habituados a viver com pouco espaço, em casas pequenas. Que a formalidade, o ritualismo, seria na cultura deles uma forma de respeitar o outro. Helen achava que estar a julgar os outros através de estereótipos culturais era redutor. E que a maior virtude do que estavam a viver na ilha era precisamente o facto de ali serem, sobretudo, humanidade. E não etnias, babel, guerra.

Começava a haver areia suficiente, agora, para contornar a costa sul da ilha. As ondas maiores ainda iam praticamente até à encosta rochosa, mas

Helen estava de calções e não se importava de se molhar. De qualquer forma, já tinha atravessado para nascente muitas vezes nesta altura, e as ondas que conseguiam percorrer toda a língua de areia faziam-no com uma película de água de poucos centímetros de profundidade, não constituindo ameaça. Avançava devagar, os pés afundando-se com lassidão na areia molhada, olhando mais para cima, seguindo o voo das aves indo e vindo do mar, do que para o devir das ondas.

Enquanto seguia com o olhar duas aves que pareciam abrandar o voo para pousar no mesmo local, uma onda apanhou-a, inesperadamente, quase à altura dos joelhos. Riu-se, como se procurasse, para um público inexistente, minorar um embaraço cuja dimensão ainda não conhecia. Com esforço, procurou dar um de passos em frente, para não cair. Apoiou-se de encontro à encosta rochosa. A água recuou, deixando-a a agarrar-se à rocha. Riu-se, agora com vontade. Imaginou-se como um molusco humano, agarrado ao rochedo. Decidiu prestar mais atenção ao mar, às ondas, ao som, aos seus passos na areia. Ao simples acto de caminhar.

Dava passos e olhava para a areia que se afundava, envolvendo os pés rapidamente, soltando-se a seguir, por vezes fazendo um ruído curioso. A sua mão direita ia tocando na parede e agradavam-lhe as texturas diferentes, a da areia nos pés, a da rocha na mão, a da pele arrepiada, a da pele com areia que sacudia em movimentos preguiçosos. Agradavam-lhe a inconstância insistente do vento, o som do mar, que desaparecia da sua atenção passado algum tempo, quando trazia outras coisas para o pensamento, os momentos em que a sombra das nuvens emprestava um ambiente diferente àquele local, para depois regressar de novo a luminescência do dia.

la ainda com a mão a passar ao de leve nas reentrâncias e protuberâncias da rocha quando o seu pensamento a obrigou a avaliar, a reavaliar uma sensação, segundos depois de ela ter sido experimentada. Algo que tocou os dedos merecia ser investigado. Não estava ainda a perceber o detalhe, a diferença. Voltou, sinestesticamente, ao que a tinha alertado. O que foi, que sensação era aquela, o que lhe tinha chamado a atenção? Era algo que não encaixava, algo que estava a mais ou a menos, excessivo ou insuficiente. O que foi aquilo? Era a textura, talvez. Plástico, era isso. Plástico, sentiu plástico. Desiludiu-se ao perceber, finalmente. Ainda assim, olhou para a parede e voltou atrás, tocando a parede com a mão esquerda, tentando fazer em sentido contrário a mesma via.

Não foi necessário usar o tacto. Viu o objecto. Um cilindro. Estava semi-coberto de algas e lapas, era praticamente da cor da rocha, mas a sua forma era alienígena. Nenhum elemento orgânico ou mineral da paisagem do litoral tinha aquela forma cilíndrica regular e aquele tamanho. Estava enfiado num buraco mais pequeno que o seu comprimento, de forma a ficar de fora uns 20 centímetros.

Percebeu logo que uma só mão não seria suficiente para retirar o tubo do seu lugar. Estava bem preso. Usou as duas, abanou, tentou arrancar, bateu. Passado algum tempo, pareceu-lhe que o tubo mexeu um pouco e isso motivou-a a redobrar o esforço. Finalmente, saiu do seu buraco o cilindro que não pertencia àquela paisagem, trazendo consigo uma lama pegajosa, verde escura.

Era um tubo de plástico de cerca de meio metro, que ao abanar não fazia barulho. Ao inspeccioná-lo com mais atenção, reparou que seria possível

retirar um dos topos. A cerca de 15 cm do topo, notava-se a sobreposição de duas superfícies diferentes. Conseguiu abrir o cilindro, removendo a tampa, que estava simplesmente encaixada. Afinal não estava vazio.

Mr. Hand olhava em frente. Agradava-lhe esta altura do dia, a meio da manhã. O sol ia já alto e havia muita luz, mas que vinha indirectamente, batendo nas ramagens das árvores, fazendo cintilar as folhas. Não gostava do excesso de luz, do sol depois do meio-dia, ou de trabalhar rumo ao pôr-do-sol. Preferia sempre fazer as suas tarefas sabendo ter o dia a crescer. O auge do dia, para ele, era ver os raios de luz a enviar faixas luminosas, por entre as sombras da floresta, logo a seguir ao almoço. Levantava-se inevitavelmente uma ou duas horas antes do nascer-do-sol e começava a trabalhar com luz artificial na Mão. Por vezes esquecia-se de desligar as luzes do seu escritório e só o fazia quando saía para comer nos seus aposentos, ou para ir até ao Estômago ou ao Cérebro.

Olhava em frente, para as árvores e pensava nos 240, em tudo o que tinha sido já conseguido. Hoje haveria a primeira reunião mensal do Cérebro e havia razões para estar orgulhoso daqueles jovens. Num ambiente novo, com tantos desafios, com 239 desconhecidos, tinham sido capazes de colaborar, de se adaptar, de ter iniciativa, de ter visão. Os pais deles estariam orgulhosos.

Parte da sua manhã era passada a rever a documentação que os Dedos, as Pernas e a Espinha Dorsal iam criando e deixando em rede. Depois do pequeno-almoço em conjunto, tinha duas horas para receber quem quisesse falar com ele. Através do SNC, se assim o desejassem, poderiam agendar uma entrevista.

O resto do dia era passado nas suas próprias investigações. Tinha sempre na secretária pelo menos uma dezena de livros de história e de ciência e quando passeava pela ilha levava sempre consigo um caderno para escrever e desenhar.

Em toda a ilha havia apenas duas máquinas fotográficas e nenhum telemóvel. Uma das máquinas fotográficas estava sempre na Mão e era um dos motivos das visitas recebidas por Mr. Hand. Era suposto o uso das fotografias ser uma experiência partilhada. Esta máquina fotográfica deveria ser requisitada e usada sobretudo para fotografar num sentido de catalogar e registar, para usufruto de todos. A outra estava ao serviço da fotógrafa, Guri, porque era o seu ofício.

A máquina fotográfica tinha acabado de ser levada por Anilton. Mr. Hand olhava as árvores e via a forma como a luz criava cintilações nas folhas, via os tons diferentes de verde, na floresta à sua frente. E pensava na máquina fotográfica. Sabia que não conseguia captar, com os seus desenhos rudes e monocromáticos e lentos a executar, instantes como o que contemplava. Não conseguia resolver um certo impasse. Era uma lástima que momentos tão belos não tivessem forma de ser captados e se perdessem na sua efemeridade ou era a beleza deste momento uma certeza mais nítida precisamente porque não tinha forma de a tentar captar? Escrevia, a custo, apagando e corrigindo muitas vezes, algo como: era afinal a beleza só visível na eminência da sua própria morte?

la vendo chegar as primeiras pessoas, para o almoço comum no Estômago. O Cérebro ia reunir-se durante toda a tarde. Havia um clima de antecipação e entusiasmo geral. Saiu, e juntou-se a um grupo que caminhava na direcção do cais.

O Estômago era uma ante-câmara do Cérebro. Falava-se intensamente de todos os assuntos que iriam ser apresentados, debatidos, votados durante as horas seguintes. Helen estava calada. Sven, noutra mesa, olhava para ela de tempos a tempos.

Logo no início, Helen foi ter com Mr. Hand. Disse que precisava de falar aos 241. Mr Hand olhou-a em silêncio, por um momento, mas limitou-se a perguntar-lhe quando é que ela achava melhor falar e ficou decidido que ela seria a primeira a falar. Mr. Hand apenas se dirigiu a todos, com a habitual circunstância e afabilidade, celebrando o facto de todos serem tão produtivos e de se ajudarem com tanto entusiasmo e alegria. Passou a palavra.

“Amigos. Encontrei um tubo de plástico na costa, a sul-sudoeste. Estava enfiado num buraco, na rocha.”

Helen falava com o tubo nas mãos. Abriu-o e tirou de lá folhas grandes, com mapas, plantas, diagramas, esquemas.

“A maior parte das folhas, de tamanho A2, são de mapas da ilha, incluindo dados detalhados sobre o subsolo, e sobre o litoral e a zona costeira. Há também plantas dos edifícios, e os nomes são os nomes que nós usamos. Cérebro. Estômago. Mão. Há um outros nome que nunca usámos, para designar as moradias onde habitamos: Braços. E claro, Mão.”

Helen virou-se para Mr. Hand, antes de proferir a última palavra. Disse-a com olhos interrogativos, mas com a entoação de uma afirmação seca, como quem não sabe o que perguntar.

“Existe em todas as folhas um cabeçalho em que se lê Projecto Utokopia. As folhas estão numeradas. Há os números 5, 7, 8, 9, 12, 40.”

O burburinho inicial, que foi preenchendo o primeiro silêncio de Helen, tinha-se transformado agora num pequeno caos. Algumas pessoas tinham-se mesmo levantado abruptamente, para serem acalmadas por outros. O vozerio, no entanto, não acalmou. Helen voltou a olhar para Mr. Hand. Parecia não saber o que fazer, embora tivesse um olhar resolutivo, inabalável.

Mr. Hand deu um passo em frente. A maior parte das vozes continuou agitada. O seu olhar não era o habitual sondar curioso. Traduzia também no seu caso um cauteloso e inabalável firmar de posição. Sven levantou-se e pediu para falar. Isso ajudou a chamar a atenção da maioria. Contrariamente ao costume, Sven falou do local de onde estava, praticamente ao meio do U. À medida que ia falando, quase todo o organismo voltou a unir-se, atento.

“É importante percebermos o que isto significa. Estes mapas teriam sido úteis, muito úteis, desde o primeiro minuto que desembarcámos. Estamos todos a trabalhar em conjunto. Abdicámos de tudo para aqui estar. Há mais alguma informação importante que nos pudesse ser útil e que nos foi negada? Projecto Utokopia é o nome que os nossos pais deram ao projecto? Quem é que colocou ali os mapas? Estavam escondidos? Mr. Hand, não há ninguém que saiba mais, não há mais ninguém a quem possamos fazer estas perguntas. Se deu um passo em frente, que tenha sido para nos dar respostas.”

Helen manteve-se imperturbável. Sondou os 240, curiosa.

“Amigos.”

A palavra foi dita debaixo ainda de algum murmúrio que ainda assim parou, numa espécie de hábito respeitoso.

“É vossa responsabilidade construir o vosso futuro. Foi responsabilidade dos vossos pais preparar o vosso presente. Tudo o que aqui encontraram foi

deixado para que tivessem ferramentas para construir, à vossa maneira, o futuro. O vosso e o das gerações que se seguem. Os mapas que encontraram são já passado.”

“Mr. Hand. Se devemos construir o nosso futuro, porque é que tem de fazer parte dele?”

Helen olhava Mr. Hand nos olhos.

“Helen. Eu sou apenas um servo vosso. A minha idade e a minha condição não me permitem mais do que fazer parte de um momento da vossa história. É um privilégio poder fazer parte do que aqui está a acontecer. Mas faço-o na condição de um humilde servo. Estou ao vosso serviço. Não sou um ditador. São os 240 que estabelecem as regras. Que fazem cumprir leis. Que criam os ditames da organização. Eu fui aqui colocado para vos servir.”

Várias vozes dos 240 diziam coisas como chega Helen, pára. Criou-se agitação de novo, mas desta vez havia divisão. Houve um constrangimento que atingiu uma parte das pessoas, que não queriam que se quebrasse uma certa ordem social. Outros pareciam irritados, desconfiados, estimulados pela auto-definição de Mr. Hand como um servidor dos 240. Os que pediam a Helen que se sentasse ou calasse eram por sua vez mandados calar por outros, que queriam que Helen enfrentasse Mr. Hand em seu nome mas não o queriam fazer directamente. Outros estavam numa introspecção profunda. Alguns muito atentos, dava a impressão de irem explodir a qualquer momento. E começaram a sair alguns, que depois começavam a comentar, entre si, o que se estava a passar no Cérebro. Os 240 já não estavam a funcionar como um organismo. Havia várias cabeças a pensar por si, de formas muito diversas, contrastantes. A desconfiança, semeada, espalhou-se mais rápido do que uma epidemia e a reunião não pôde continuar, mesmo antes de sequer ter começado.

Mr. Hand tinha a luz ligada. O dia estava a nascer. Os primeiros dedos luminosos atreviam-se por entre as árvores. Raios de luz a direito desde o mar, atravessando a floresta, o vidro, preenchendo a Mão. Viu o pequeno grupo, que esperou sem ter de bater à porta. Levantou-se, por cordialidade. A fechadura estava sempre destrancada. Abriu a porta e deu os cinco passos em direcção à secretária em silêncio. Quando se sentou e voltou viu Anilton, Kunio, Silmara, Stan e Walter. Tinham um ar ansioso, furtivo, desconfortável. Falou Kunio, o que aparentava menos nervosismo, mais decisão.

“Mr. Hand, viemos aqui por um sentido de responsabilidade.”

“Sentem-se. Estão em casa. Sintam-se à vontade.”

Os gestos de Mr. Hand faziam lembrar os gestos do dia em que recebeu os 240 na ilha. O primeiro dia. Mas a expressão do rosto fazia ainda lembrar a expressão com que reagiu à revelação de Helen, no dia anterior. O último dia.

Cada um puxou uma cadeira e sentaram-se numa fila.

“Ontem, pela primeira vez, houve desunião. Escutámos coisas que nos preocuparam. Temos motivos para acreditar que pode estar em curso um atentado contra a sua vida.”

Mr. Hand, que tinha os cotovelos apoiados na mesa, sorriu, mais descontraído, e encostou-se na cadeira. Falou com um distanciamento inédito, um desapego.

“Eu não sou importante. O importante é a dedicação que demonstraram, ao vir aqui. Isso é que não se pode perder. Mas não se preocupem. Os vossos pais imaginaram que poderia haver alguns sustos, pelo caminho. Por isso é que me enviaram. Está tudo previsto.”

Os 5 ficaram alarmados. Desorientados com a calma e a forma vaga como Mr. Hand se referia à situação que eles queriam resolver, não sabiam como reagir.

“Mr. Hand, o que é que está previsto? Como?”

Silmara inclinou o tronco para a frente, usou os braços para fazer as perguntas, como se a sua inquietação fosse um incómodo físico, uma dor localizada no corpo, que ela quisesse sacudir.

“Os 240 são especiais. E as gerações a seguir serão a humanidade que este planeta merece. Isso não pode ser colocado em risco porque um indivíduo é instável ou demora mais tempo a perceber o que está em jogo.”

Continuava a falar com as costas na cadeira, como se o discurso viesse de longe, para onde aqueles jovens não tivessem ferramentas para espreitar, condenados a confiar nas descrições alheias. O que mudou foi a voz, agora grave, de uma rouquidão agreste, quase mal-disposta.

“Os vossos genes são especiais, desde antes ainda do berço que cada um de vós está destinado a fazer parte de algo muito especial. Os vossos tecidos, os vossos órgãos, tudo em vós foi o produto de selecção, engenharia, da melhor ciência ao dispor da capacidade humana. Os vossos pais já eram, de certa forma, o melhor que a humanidade produziu, nos muitos milhares de anos que levou a chegar até este momento. Mas a seguir usámos o que a evolução, sozinha, não foi capaz de gerar.”

“Tudo isso já sabemos. Os nossos pais, desde bebés, não se cansaram de nos dizer que o nosso destino estava traçado. E que seríamos herdeiros de algo grandioso e tudo isso. Mr. Hand, se não encontrássemos outros como nós na ilha, mais tarde ou mais cedo daríamos em doidos.”

Stan falou e olhou para os outros, que fugiram ao seu olhar, virando o rosto para o chão, ou tapando momentaneamente os olhos com as mãos. Na prática, confirmando o seu desabafo.

“O que os vossos pais não vos disseram é que existe um protocolo de transição. E que faz também parte dos vossos genes, do vosso organismo.”

Quem tinha a cara entre as mãos, removeu as mãos, quem olhava o chão, ergueu o olhar. Mr. Hand continuou, sorridente.

“O Projecto Utopia é apenas a transição. Isto, a ilha é apenas a transição. No fundo, a vossa geração é apenas a transição. Há grandes esperanças na vossa geração, nunca houve na história do mundo uma geração tão importante como a vossa. Por isso é que as medidas preventivas tiveram de ser extremas.”

“Mr. Hand.”

“Kunio. Amigos.”

Voltou a colocar as mãos sobre a mesa.

“Se eu morrer de morte violenta, uma neuro-toxina é libertada no organismo de cada um dos 240, a morte acontece em menos de 2 minutos.”

O choque demorou a atingir os 5, ou talvez a informação não tenha sido digerida de imediato, embora tenha chegado aos destinatários. No mesmo tom, sorrindo, afável até, continuou.

“Existem muitas outras formas de prevenir desvios desagradáveis ao que aqui se está a construir. E, para resumir, digo-vos apenas que qualquer acção violenta, ou insurrecta, leva a que a toxina seja libertada e que o infractor seja eliminado. Existe ainda, como forma de proteger os 240, uma forma de desactivar em 2 segundos o sistema nervoso central de um indivíduo, por

forma a neutralizar um agressor. Uma e outra forma serão usadas. E, avisovos, não dependem de mim. Eu não tenho qualquer poder para as usar. São automáticas. Fazem parte do vosso organismo. Dos vossos tecidos, da vossa forma de ser, da vossa humanidade.”

“O que está a dizer é que estamos programados, que a nossa biologia nos controla?”

A pergunta de Stan teve o condão de despertar os restantes dos 5, que agora pareciam mais agitados, como quem sabe que vive um pesadelo, ou que acabou de acordar de um pesadelo. Ou como quem olha para alguém a debater-se, durante um pesadelo.

“Disse-vos o que era minha obrigação dizer-vos. Agora façam o que têm a fazer com a informação. Como disse ontem, eu não sou um ditador. A comunidade é vossa, são os 240 que devem gerir tudo o que se passa. Agora, se me permitem, devo trabalhar. Se quiserem, terei muito gosto em voltar a recebê-los durante as horas que reservo para as entrevistas.”

Helen, Mariko e Sven falavam no rés-do-chão da casa, à espera de quem aparecesse. Pelo menos Juno e Q'assa tinham confirmado. Muitos disseram que iam pensar mas que ao menos iriam passar a palavra que havia reunião ao nascer do sol. Mariko procurava explicar a sua posição, que causava desconfiança.

“Kunio decidiu ir falar com Mr. Hand primeiro. Eu decidi vir falar convosco primeiro. Para mim, os 240 são mais importantes que os 241.”

“E para Kunio o que é mais importante?”

“Helen, ele não quer que haja divisões. Penso que vê em Mr. Hand a ordem, uma representação dos nossos pais. Como tivemos de abdicar dos nossos pais, acho que para ele seria difícil entrar em conflito com Mr. Hand, seria como uma traição aos nossos pais.”

“E não para ti, Mariko?”

“Para mim, isto é já o futuro. Aquilo que eu deixei para trás, que fique para trás. O que tenho aqui, quero proteger. E se Mr. Hand se revelar o passado e o passado uma ameaça ao futuro, então isso vai-me obrigar a decidir.”

Conversavam desta forma, nos termos de Mariko, sempre muito formais e precisos e, talvez por isso mesmo, um pouco turvos, quando chegou um grupo de cerca de 50, incluindo toda a Espinha Dorsal. Não cabiam, com conforto, na casa de Helen, Kunio, Mariko e Sven.

Koln, da Espinha Dorsal, disse que de qualquer modo não fazia sentido estarem ali a reunir-se, como se fosse algo secreto. O que iam falar dizia respeito a todos os 241, por isso deveriam reunir-se no Cérebro.

Desceram até ao Corpo. Pelo caminho tinham um aspecto diferente de qualquer grupo até então. Diferente dos Dedos, das Pernas, da Espinha Dorsal. Eram como uma rebelião. Caminhavam mais depressa do que era necessário, com a urgência de uma causa, unidos pela decisão de agir, com a vontade de crescer em quantidade e força. Conseguiram que mais alguns se juntassem. Quando entraram, deixaram a porta aberta e pregaram um papel que dizia: Reunião Magna do Corpo.

Eram 58. Falou Koln e depois Helen. Pediram que fossem apresentadas moções, para que todos tivessem oportunidade de expressar aquilo que era importante. Durante a noite, tinha sido a Espinha Dorsal, liderada por Koln, a tentar fazer um ponto da situação. Os 7 estavam do lado de Mr. Hand, mas

queriam ficar o mais quietos possível. Koln achava que era porque já tinham vindo para a ilha com o ofício escolhido e tinham a perder se tudo mudasse. Gostavam das coisas como estavam e simplesmente não queriam mudanças. A mesma coisa com os que tinham a ver com a logística, a gestão de recursos, a economia. Estavam cautelosos, não queriam envolver-se em nada. A maior parte das pessoas queria saber o que ia acontecer, mas estava seriamente preocupada e manifestava o seu apoio aos 240, estava desconfiada e queria que mais respostas fossem obtidas. A Espinha Dorsal conseguiu que algumas dezenas viessem à reunião, incluindo todos os seus membros e tinha falado com a grande maioria dos 240, tendo uma boa noção da opinião de todos.

Havia alguma agitação produtiva, um impasse, antes de se começarem a apresentar as moções. Helen, Koln, Mariko e Sven falavam em pé em frente ao U que tinha sido disposto com cadeiras suficientes para os 241. Os restantes, dos 58, falavam entre si, sobre tudo o que tinha acontecido, sobre o que iria ser falado. Havia uma instabilidade partilhada, um clima decisivo, de atenção. Dir-se-ia um ambiente de perigo, de alerta, como quando se atravessa uma corrente, num rio que não se conhece, ou quando se procura evitar, durante os instantes mais decisivos, de aproximação, na caça a um animal perigoso, passar de predador a presa.

Enquanto os 58 falavam, num caos escassamente controlado, entraram os 5 Cérebro adentro, provocando um silêncio imediato. Kunio avançou mesmo quando os restantes 5 tinham já parado, visivelmente constrangidos perante a diferença de números, mas firmes, ou talvez paralisados. Avançou até ficar entre Helen e Mariko. Falou olhando em frente, como se houvesse alguém entre as duas. Como se não existissem os 58 ou os 5.

“Há algo urgente. É preciso que todos saibam.”

“Fala.”

Helen sentou-se, depois da única palavra que devolveu a Kunio, com uma suavidade quase táctil. Depois dela, sentou-se Kunio. E Sven. E Walter, Anilton, Silmara e Stan. Kunio olhou para todos, mas apenas se atreveu a mexer os olhos, mantendo uma rigidez nervosa.

“Mr. Hand revelou o que os nossos pais esconderam.”

O silêncio adensou-se. Olhavam para Kunio como se fosse possível escutar melhor com uma intensidade que lhe doía a ele. Custou-lhe continuar.

“Há duas formas de nos atingir. Uma mortalmente. A outra, que nos neutraliza, por momentos.”

Houve apenas olhares fugazes para o lado. Agora a dor era partilhada por quem escutava. Queriam que ele contasse tudo, mas sabiam que não valia a pena apressar, só lhes restava aguardar, impotentes. Os rostos sofriam, o de Kunio mais que todos. Alguns, eram rostos combativos, que desciam outra vez dos Braços até ao Cérebro, prontos para o desconhecido.

“Os nossos pais criaram-nos, modificaram-nos desta forma. O Mr. Hand tem como função guiar-nos. Se ele morrer, se for atacado e morrer, nós morremos todos. Se houver um ataque violento da nossa parte a outro de nós, o atacante morre. Isso acontece de forma automática. Há uma toxina que é libertada e o atacante morre em menos de 2 minutos. Se houver necessidade de neutralizar alguém, o sistema nervoso central é desactivado em dois segundos.”

Houve alguns que se levantaram, a agitação foi violenta, mas o choque não permitia ainda que se comentasse as palavras de Kunio. Helen saiu,

passado 5 minutos e pediu aos que falavam nas imediações do Cérebro, para que voltassem, para que todos escutassem as moções e participassem no que ia ser decidido.

Aceitaram-se mais pedidos para falar, dada a importância da revelação. Uma moção, de Hortense, foi retirada a pedido da própria e mais três foram acrescentadas. A primeira a falar foi Mariko. Já de pé, demorou um pouco a começar. Hesitava em levantar os olhos do chão, havia ainda algumas conversas a decorrer, mas várias pessoas pediam silêncio, até que subitamente tudo sossegou, como num embaraço colectivo, um constrangimento, em que é preciso mesmo criar ruído, encher com palavras o vazio. Olhavam para Mariko, partilhando a ansiedade que lhe adivinhavam.

“Há que matar Mr. Hand.”

Disse a frase com delicadeza. Como se pisasse terreno perigoso. Olhou para as caras de cada um, experimentando de novo falar, falando mais alto.

“Há que matá-lo. Ele tem de morrer.”

Várias pessoas tentaram, de forma atabalhoada quebrar o silêncio, já que Mariko não tinha nenhuma tese, no fundo nenhuma moção para apresentar. Olhava em frente, expectante. Diziam que era impossível, que não eram assassinos e que seria um homicídio e um suicídio colectivo. Não tinha ela escutado Kunio?

Kunio ergueu-se e foi colocar-se ao lado de Mariko.

“Talvez não tenha de ser nem um homicídio nem um suicídio colectivo. Não temos de o matar para que ele tenha de morrer.”

Mariko olhava em frente, como quem não quer olhar para o interior de uma caixa de pandora que acabou de abrir.

“Sócrates aceitou as regras da sua sociedade. Acatou a sentença que lhe foi imposta e bebeu a cicuta.”

Houve um brilho nos olhos de Mariko, que resumia o alívio que alguns sentiam.

As moções a seguir confirmavam ou refutavam a ideia de Mariko e Kunio. Mais de metade eram contra a ideia de sentenciar à morte Mr. Hand, não percebiam porque é que tudo tinha chegado a este ponto. Havia já uma moção para se reunir os 240 e fazer uma votação, sobre se Mr. Hand deveria ser ou não julgado.

Surgiu uma outra moção que oferecia uma outra sentença. Em vez da morte, o exílio. Na próxima vinda do hovercraft, dentro de três semanas, deveria Mr. Hand abandonar a ilha para sempre.

A discussão foi intensa. Uma e outra sentença não agradavam mesmo aos que eram a favor do julgamento – havia medos sobre as armadilhas biológicas que os pais dos 240 teriam guardado. Todos os outros eram contra a sentença por a acharem demasiado pesada mas também pelo medo do que isso poderia desencadear.

Os 182 não fizeram parte desta reunião. Assim que acabou, Helen e Stan procuraram os 7 e ficou marcada uma reunião dos 241 através do Sistema Nervoso Central. Caminharam em seguida pelo Trilho do Poente, que subia até aos Braços, com a Floresta do seu lado direito. O sol estava no seu ponto máximo, e ao olhar para baixo, de vez em quando, a caminho dos 380 metros, viam-se os dedos de luz que atravessavam a mancha verde. Foram até ao Tecto e descobriram que não estavam sozinhos. Umas três dezenas de pessoas ali se tinham reunido, sobretudo em silêncio. Sentados, abraçando os

próprios joelhos, o companheiro do lado ou fazendo parte de uma fila de abraços, deixavam que o vento os despenteasse. Talvez quisessem ter a certeza de que havia mar em volta. Que o horizonte, afinal, se completava em círculo. Talvez quisessem ter a vista desimpedida. Sentaram-se, perto dos abraços. Antes do que vinha.

Supercolonos

“A bomba não altera nada?”

“As bombas geralmente alteram muita coisa. Deixam tudo do avesso.” Khushwant olhou de novo o rosto do seu anfitrião, de forma a procurar um sinal de ironia, alguma semântica que o ajudasse a gerir a forma de estar naquele diálogo.

“Não parece preocupado.”

“Há pessoas muito bem pagas, que têm por função preocupar-se com essas coisas. E o Sr. Singh também fazia bem em não se preocupar com explosões e outras formas de fogo-de-artifício.”

Procurou uma forma positiva mas não submissa de se adaptar àquele discurso ao mesmo tempo evasivo e reprovador. “Agradeço-lhe ter-me recebido numa altura destas. Mostra que estão preparados para reagir à pior das crises.”

“Sr. Khushwant Singh, já devia estar a usar a primeira pessoa do plural. Afinal, mais ainda do que fazer parte da equipa, foi comprado, a peso de ouro. Espero que a explosão da bomba, tão longe da sua casa mas ainda assim muito afritiva para si, não lhe tenha danificado a memória.”

Sr. Khushwant Singh. Era assim que a sua tia, que o criou, o chamava, quando o queria arreliar. Wellington tinha conseguido arreliá-lo. Com a precisão de um dentista incompetente. Com a determinação de um bully. Com a autoridade de uma professora castigadora. Apercebeu-se de que tinha amuado, quando se escutou a resfolegar pelo nariz. Como um búfalo de água, ou lá o que são aqueles bichos da tua terra, sempre lhe dizia o João, na faculdade. Foi o suficiente para lhe imprimir um sistema de alerta interno para sempre. Desamuou instantaneamente. Não seria Wellington a derrotá-lo, com a sua personalidade imbecil. Vigilância. É preciso estar mais atento ao que digo, ao que escuto, pensou.

Talvez esta dinâmica tenha começado ao terminar de assinar o último de vários contratos, precisamente aquele mais extenso, em que se comprometia em não divulgar nada a ninguém em nenhuma circunstância. Um compromisso expresso em dezenas de páginas, prevendo todas as possibilidades que os advogados imaginaram, com um pessimismo profissional e rigoroso, citando todas as leis existentes, todos os casos que fizeram jurisprudência, e indicando antecipadamente quais as pesadas consequências de cada específica prevaricação. Por estar já há quase uma hora a ler expressões legais que não entendia, esforçado em entender o que o pudesse vir a surpreender e sobretudo em não parecer mais ignorante do que o razoável perante tão sólido arsenal jurídico e tão esfíngico rosto à sua frente, resvalou para o que em inglês se costuma chamar small talk. Foi aí que Wellington desferiu o primeiro golpe.

Começou assim Khushwant. “Esta visita que me concedem demonstra bastante transparência.” “Não.” O vocábulo, sem mais, matou de imediato a possibilidade de conversa fácil, de descompressão. “Não?” “Não. Nunca diria isso. Não me passaria pela cabeça ser tão hipócrita assim.” Wellington só se mostraria menos turvo, nesse conflito inicial, quando finalmente Khushwant se revelava totalmente perdido, os olhos já suplicantes. Aí, avançava com uma segurança acutilante, sem ambiguidades, o que sossegava o seu interlocutor,

mas ao mesmo tempo o magoava, por lhe parecer ter exigido um processo de exposição emocional. Disse-lhe ele, “Perceba isto, meu jovem, eu espero que seja claro para si que eu só lhe vou dizer o que é mais favorável para a imagem da Terraform Enterprises. E se alguma vez pensou o contrário então não é a pessoa certa para este emprego. As pessoas dizem sempre o que é conveniente, por isso é que me rio da palavra transparência. Quanto ao que lhe vou mostrar e ficar diante dos seus olhos, não vai precisar da interpretação das minhas palavras. Mas sempre que precisar de me escutar, tenha a certeza que vai ouvir o que convém à empresa que está a assegurar o futuro quer dos meus quer dos seus filhos.” “Não tenho filhos.” “Mas a sua namorada está grávida.” O último comentário foi o primeiro de muitos dos quais nunca era possível saber se eram fruto de um sentido de humor mórbido, ou apenas uma afirmação de poder. O certo é que mais tarde ficou a saber que a namorada estava grávida. E de gémeos. E passou a ter de viver com um sentimento de paranóia em que imaginava cenários elaborados em que a Terraform Enterprises conseguia obter acesso à urina da sua namorada.

A visita decorreu praticamente em silêncio. Wellington parecia satisfeito, quase vitorioso, como se o silêncio do seu interlocutor fosse uma espécie de demonstração de um mérito qualquer, que fosse óbvio e merecesse o seu orgulho. Estava bem-disposto e mostrava-se quase generoso. Tudo o que Khushwant pedia, interrompendo o seu silêncio contrariado, era geralmente acolhido. E vinha, naturalmente, dentro das constrições de alguém que não quer esticar a corda, o que fazia brilhar mais o sorriso de Wellington, a cada vez que acedia a um pedido. O visitante sabia que Wellington fazia disto um jogo. Era suposto Khushwant ter a perfeita noção que estava a ser treinado e era suposto não se sentir à vontade para falar nisso e ao mesmo tempo ver o prazer que o jogo provocava no dono do jogo. Ao menos isto explicava a forma desagradável com que foi tratado no início. Wellington não era um ser humano irascível, com dificuldade em se controlar emocionalmente. Nem estava a ter um mau dia. Tudo isto tinha a função de explicar e, diga-se, com uma certa cordialidade dadas as circunstâncias, qual o lugar que Khushwant tinha de aceitar.

“É aqui que funcionam as unidades de emparelhamento?” A ausência de resposta foi suficiente para não voltar a fazer uma pergunta sobre algo que não estivesse imediatamente à sua frente. E depois, quando fez uma pergunta sobre algo que estava à frente dos olhos e não obteve resposta, lembrou-se do que tinha escutado sobre não ser necessário interpretar o que Wellington lhe ia mostrar. Rapidamente tinha aprendido a não repetir um erro. E o seu anfitrião gostava muito da rapidez com que ele aprendia.

Wellington aproximou-se de mais uma porta e o habitual procedimento de segurança, com Khushwant a manter alguma distância, que o impedia de ver toda a biometria envolvida na confirmação da identidade, fez com que deslizasse para a esquerda o aço reforçado daquela entrada. De novo, viu o seu guia desaparecer pela abertura rectangular que, tinha descoberto à sua custa, se não fosse ágil fecharia antes que conseguisse passar. Passou a entrada e abriu-se à sua frente um espaço de muitos milhares de metros cúbicos, com três ou quatro andares abaixo daquele em que se encontrava. Wellington tinha os cotovelos sobre o resguardo do passadiço de metal que fazia toda a parede do lado e tinha escadas para os andares de baixo, com passadiços semelhantes. Olhava para baixo, com a aparente serenidade vaga

de um turista ou de um mirone a observar uma obra de engenharia. Dois ou três passos e alcançou-o.

Aqui estavam. Centenas de milhares de unidades de emparelhamento. Mesmo com a fraca iluminação, era possível perceber do que se tratava. Wellington, sentia-o como através do tacto, olhava para ele fixamente. Khushwant continuava a olhar em frente. O espaço era de tal magnitude que não era necessário olhar para baixo. Não conseguia ver o fim daquela instalação industrial. Cada unidade de emparelhamento tinha uma luz de presença tênue, verde. Não queria perguntar a Wellington se estavam aqui todos os supercolonos, ou se os 750.000 pioneiros da colonização da superterra através de emparelhamento virtual estavam distribuídos por vários espaços como este. Não conseguia perceber quantas pessoas aqui estavam. Além das luzes de presença verdes, apenas junto às paredes havia algumas luzes azuladas, junto às escadas e aos outros pontos de acesso, que permitiam ver por onde traçar um trajecto. E havia, a espaços regulares, alguns pontos de luz vermelha, que davam a impressão de ser locais de emergência. Mas era impossível saber o que ali estava dentro, que tipo de engenharia, equipamento, materiais, ou mesmo qual a verdadeira dimensão de tudo aquilo.

Sem falar, Wellington esticou os braços e virou-se saindo pela porta por onde tinham entrado. Khushwant rapidamente se forçou a acordar e caminhou, sentindo as pernas ao mesmo tempo pesadas e instáveis, até à porta, onde ia voltar-se para um último olhar que não chegou a ocorrer, pois o aço reforçado voltou a revelar-se deslizando para a posição inicial, fechado. Foram em silêncio até aos escritórios. Wellington mudou de estado de espírito. Parecia meditativo, o que não lhe parecia assentar. Bateu à porta de um gabinete e foi-se embora sem dizer palavra.

“Faça favor, Sr. Khushwant Singh.”

Era surpreendentemente novo, talvez mais novo do que ele, o homem que lhe abriu a porta e o convidou a entrar. “Peço-lhe desculpa por não me apresentar, mas pense em mim como alguém que não tem nome. Na prática é como se não tivesse. E lamento que tenha tido de aturar uma personalidade como a do Wellington. Aquilo são hábitos que lhe vêm de ter trabalhado como militar.”

“Militar? Ele foi soldado? Quer dizer, estive nas forças armadas?”

“Ui, nunca lhe diga algo assim, nesses termos. Ele sempre estive no sector privado. E ia considerar um insulto que pensasse nele como um soldado ou alguém a mando de um estado. Nada disso. Para ele, uma guerra é por definição um interesse privado.”

O tipo de autoridade do homem sem nome vinha de algo que não era bem condescendência. Era um talento em pôr-se do lado do seu interlocutor, para o apanhar em falso. Tinha de perceber quando é que ia ser apanhado em falso. O perigo, calculava, era não perceber qual era o perigo. Já Wellington, começava a perceber, talvez um pouco por comparação, vinha de um cinismo muito pragmático, que se adquire quando se pratica por muitos anos e até às últimas consequências, a máxima de que o dinheiro compra a lealdade.

“Devo dizer-lhe que as suas suspeitas sobre estar sob escuta são completamente fundamentadas. Sei o que estive a falar com o Wellington. Quanto a mim, é um exagero colocá-lo sob escuta, mas foi o próprio Wellington que insistiu”.

Uma pausa, sem que a mínima emoção passasse através do rosto ou de qualquer linguagem gestual, apenas a palavra “Hábitos”, dita como se pudesse ter sido Khushwant a proferi-la.

Quando se preparava para responder qualquer coisa no sentido de dizer que não suspeitava que estava sob escuta, que era uma surpresa para ele o que tinha acabado de ouvir, pareceu-lhe ver a sugestão de um sorriso.

“Imagino que já ouviu falar dos Virtualistas.”

“Sim.”

“São eles o nosso maior inimigo.”

Desistiu de se recompor do ataque tático da escuta. Ia estar vigilante mas não podia dar-se ao luxo de arriscar paralisar. Tinha de reagir com espontaneidade, mesmo que isso significasse mostrar o que depois viesse a arrepender. Com o homem sem nome decidiu continuar a fazer perguntas.

“Porque é que me está a falar de inimigos?”

“Porque foi contratado para os minimizar, naquilo que lhe compete fazer. E se estamos aqui a conversar, é porque eu sou a pessoa que irá guiá-lo na estratégia de comunicação da empresa.”

Era a primeira vez, desde que tinha pousado de helicóptero na propriedade da Terraform Enterprises, que alguém lhe tinha dito algo tão claro sobre a sua função e sobre o que estava planeado, no que estava reservado ao seu trabalho na empresa. Avançou, arriscando confiança.

“Não têm nenhum perfil online conhecido, nem nenhum protocolo, ou porta-voz, manifesto, algo que nos permita estabelecer uma posição oficial consistente, que os represente enquanto grupo. Que eu me aperceba, Virtualistas é apenas o nome que algumas fontes noticiosas têm usado. Ninguém ainda reivindicou o nome.”

“É verdade, Singh. Mas isso, na sua opinião, significa que não existe um movimento social, um nicho social que possa ter esse ou outro nome, algo que esse nome possa representar?”

Quer a formalidade, redundante, mas por isso mesmo a ostentar uma cordialidade que não quer passar despercebida, da expressão na sua opinião, quer a redução do seu nome para o apelido, tiveram o seu efeito. Houve, dir-se-ia, empatia. Subitamente, havia ali dois homens a partilhar um objectivo, quando antes havia dois estranhos a medir-se, a avaliar riscos e ganhos, a escudar-se.

“A palavra foi primeiro usada quando houve uma manifestação, no artigo «Clonizing Super Earth – Fraud or Reality». Já antes existia o que agora se chama a posição virtualista. E agora é comum, em certos círculos, usar-se a expressão como se existisse de facto um grupo, ou um movimento coeso.”

“Singh, vamos ao fundo da questão. Anda a tactear. Existem ou não virtualistas? Eu passo os meus dias aqui fechado. Lá fora, o que é que se diz, Singh? O que é que se fala, na rua, nos cafés, nos cantos mais escuros da web, o que é que se anda aí a dizer?”

“Não lhe consigo dar uma resposta única. Existe a posição virtualista. A resposta é clara. Sim, já a escutei várias vezes. Com algumas variações. O nome é um pouco ridículo e talvez mesmo incorrecto. Mas existe essa posição. Várias pessoas, em conversa, me disseram, ou porque o pensavam, ou porque estavam a dar voz, ironicamente, à vox populi, que não interessa se o emparelhamento virtual é ou não uma mentira, porque a experiência virtual é tão real quer tudo seja mentira quer seja verdade. Há várias correntes que se

agregam dentro da palavra virtualista. Os mais cínicos dizem que o que as pessoas querem é uma forma de escapismo, por isso não interessa se há clones emparelhados com os supercolonos aqui na terra, a colonizar a superterra. Isso não interessa, porque tudo é uma desculpa para fugir da realidade da terra. Os ditos virtualistas mais convictos, mais ideológicos, acreditam que a experiência virtual é a verdadeira realidade e é nela que o ser humano poderá realizar o seu verdadeiro potencial, pois pode libertar-se de todos os constrangimentos actuais. Quanto a”

“Vamos concentrar-nos no que une todas essas variações. Toda essa fauna acredita ou defende ou pelo menos vai propagando a ideia que tanto vale a Terraform estar de facto a colonizar o Kepler-440b com centenas de milhares de drones biológicos, emparelhados com os supercolonos que fazem parte do programa de sono lúcido, como tudo ser uma enorme fraude.”

“Sim.”

“Singh.”

O nome foi dito assim. Sem entoação, nem nenhuma expressão facial ou linguagem gestual. Algo que o homem sem nome faria várias vezes. Estas pausas pareciam pausas no tempo e quase, com a prática, ajudavam a que Khushwant relaxasse, de tão vazias.

“Singh. Está prevista a segunda fase da colonização. Mais 500.000 supercolonos. Está tudo preparado. Não podemos avançar se houver um clima de suspeição sobre a Terraform.”

“Há outro perigo, que é o de atraírem pessoas que não estão interessadas em colonizar um planeta mas simplesmente em fugir daquele que habitam para um mundo virtual.”

“Vamos lidar com um perigo de cada vez. Já conseguiu perceber porque é que esta gente é nossa inimiga?”

“Teoricamente. Na prática, a maior parte desta gente pode ser descrita como lunáticos, excêntricos, pessoas que o comum dos mortais não leva a sério. Não interessa o que eles dizem porque obviamente a colonização não é uma fraude, certo?”

“Singh. Vou fazer de conta que não escutei a primeira parte do que disse. Contratei-o para ser pragmático. Não me interessa que perceba as coisas teoricamente. E nem sei o que quer dizer com isso. Acho até que sabe que dizê-lo é uma imbecilidade. Quando ao resto, que seja a última vez que lhe escuto algo assim.”

Desta vez, não houve pausa a seguir ao seu nome e houve uma acentuação emocional, subtil, mas clara, nas suas feições. Uma cor. Uma impaciência, controlada, como um tom de voz de um professor que é usado para que os alunos percebam que está a ser usado. A seguir, silêncio, de novo sem expressão.

“Muito bem.” A voz saiu-lhe nervosa e humilde. Mas teve de seguir em frente. “A posição virtualista não é a única que surgiu como parte de um mesmo fenómeno. Já houve tentativas de lhe dar nome. São as posições que encontram uma teleologia por relação ao emparelhamento.”

“Homem! Onde é que nós o fomos desencantar? A sua análise filosófica não é o seu maior mérito. Deixe-se disso. Vou ver se o ajudo. Regressando ao início. Os virtualistas são os nossos maiores inimigos. Vamos encontrar uma estratégia de comunicação que garanta que a mensagem deles é reduzida à insignificância. É capaz disso?”

“Foi para isso que me contrataram.”

“Foi para isso que o comprámos.”

“A peso de ouro.”

Conseguiu provocar um sorriso. Ou imaginou-o. O que valia exactamente o mesmo.

Baby Crunchers

Ninguém sabe o que o protocolo é. O porta-voz está disponível para falar mas ainda não disse nada. O manifesto foi distribuído aos milhares, em volta do local, mas a polícia tentou recolher o máximo de exemplares, numa tentativa de prevenir o pânico que de facto começou a espalhar-se. Toda a gente ainda se lembrava do primeiro vírus a afectar a aplicação Tactoo. Durante um par de horas, as frases “Don't kill yourself, Kill your future, Kill your offspring” piscaram na pele de milhões de pessoas, alternando desenfreadamente entre branco e preto, numa arritmia ameaçadora. A perturbadora mensagem cutânea parou porque a Tactoo Inc simplesmente desactivou a aplicação, até conseguir resolver o problema.

Depois de uma série de denúncias, de notícias na sequência de fugas de informação para a WikiLeaks, FreakLeaks e CultLeaks, a Interpol lançou rapidamente uma acção com algumas agências de informação governamentais de vários países. O grupo que tinha escrito o Protocolo Final foi localizado passado 9 dias e cercado por uma força de intervenção especial.

Agora sabe-se que o domínio finalprotocol.join foi criado há quase 10 anos. Sabe-se, a acreditar nos documentos divulgados, que o grupo está preparado para lidar com a polícia, embora não se perceba o que isso significa. Houve um número, tendo em conta o pânico e a imensa popularidade negativa do grupo, ainda assim significativo que se juntou aos Baby Crunchers. Este nome foi o título de um artigo no New York Times, a primeira notícia num jornal de renome, replicada milhões de vezes online, a referir o grupo e talvez a responsável pela reputação daquele grupo de pessoas.

No manifesto, o grupo não denuncia nenhum tipo de filiação política ou filosófica, nem dá qualquer tipo de contexto ou oferece alguma forma de enquadramento para a sua proposta. Em menos de 150 palavras explica que o melhor a fazer é deixar de ter filhos.

A única expressão consistente de uma ideia é a de que meios violentos para acabar com a espécie humana são algo horrendo. Isto é repetido de forma redundante. O pacifismo acaba por ser negado, sendo apresentado como possível apenas depois de a humanidade desaparecer e tendo como condição o compromisso humano da auto-aniquilação. Não ter filhos é apresentado como o absoluto acto ético, visto que a violência está completamente posta de lado. Um acto ético que protege as crianças futuras, que não chegando a existir, não chegam a sofrer. Um acto ético que protege a humanidade, que não se multiplicando, não multiplica a miséria. Um acto ético que protege os ecossistemas que, vendo diminuir - até ao desaparecimento - a espécie mais destrutiva de sempre, ficam livres para prosperar.

O manifesto é apresentado no site como uma solução para que a humanidade pudesse viver em paz consigo mesma até ao fim dos seus dias. Anulando o ciclo de morte, em que a morte tem de necessariamente fazer parte do ciclo da vida. E, para haver futuro, o presente tem de ser sempre um interminável inferno de miséria. Para quebrar estes ciclos, afirmam, basta não sentenciar os nossos filhos à morte, fazendo-os nascer na miséria. Daí o slogan, “Don't kill yourself, Kill your future, Kill your offspring.”

Em finalprotocol.join/live começaram a surgir notícias, hora a hora. Foi onde um comunicado breve disse que um porta-voz estava disponível para

esclarecer os mal-entendidos publicamente. As notícias diziam apenas que a polícia os cercava e reproduziam, passo a passo, quase fielmente o que era noticiado pelas fontes oficiais exteriores. Havia, como era de esperar, a par das notícias, especulação de todo o género, comparações com os casos históricos conhecidos de seitas cercadas pela polícia, peritos em negociação e resgate, peritos em seitas e cultos de morte, a analisar a situação de todos os ângulos.

Além das notícias, o topo do iceberg, que nestes fenómenos é a parte submersa, a parte com mais visibilidade era o circo de supostas identidades dos membros dos Baby Crunchers, ligações ao Illuminati e às sociedades secretas a que todos os presidentes norte-americanos fazem parte, explicações que incluíam o Rapture ou o impediam, explicações que culpavam os comunistas ou os capitalistas, explicações que culpavam os media, canções que ridicularizavam o circo mediático, canções que ridicularizavam as canções que ridicularizavam o circo mediático, canções que simplesmente mudavam a letra das canções previamente bem-sucedidas, que já tinham sido usadas no último circo mediático e que, num instante, eram de novo um sucesso. Aplicações para o telemóvel ou para o desktop. T-shirts. Canecas. Um logótipo, o Hulk a esmagar um hulk de fraldas. Mais t-shirts. Jogos em que o objectivo é esmagar, jogos em que o objectivo é impedir o hulk de esmagar. Milhões de pessoas a dizer basta. Milhões de pessoas a fazer like nos milhões de publicações que dizem basta. Canções a dizer que basta, que é tudo um exagero. Milhões de pessoas a dizer que a canção é gira e a fazer like. O hulk a rir-se. A sujar as fraldas de tanto rir.

Uma notícia coincide, ganhando credibilidade, no site dos crunchers, nos órgãos de informação mainstream e no circo. O porta-voz vai entregar-se às autoridades, vai sair para falar. Um gatinho disse miau num vídeo e tudo continuou igual.

HumBio™

Ambjörn Randolfsson explicava que as leis do seu país protegiam a privacidade dos cidadãos contra uma tendência que deixava todos desprotegidos. Obteve dois bocejos, um olhar incrédulo, quase hostil, e, em geral, olhos atentos a vários tipos de ecrãs, quase sempre os que os dígitos manipulavam.

Continuaram para a outra sala, onde a viúva já se encontrava, com o filho. Algures, uma esfera oferecia ao sistema de som ambiente o Outono, d' As Quatro Estações de Vivaldi. Havia água, refrescos sem álcool, incluindo refrigerantes e sumos naturais, água tônica, e alguns salgados.

Ao fundo via-se a janela semi-circular, com o banco em arco, onde estavam sentadas as duas pessoas que mais aguardavam o momento alto da tarde. No centro do círculo que se poderia imaginar existir se completássemos o arco da janela e do banco que a ladeava, havia uma mesa redonda de madeira, de cerca de um metro de diâmetro. Estava vazia, sem qualquer toalha ou adorno, parecia antiga, viam-se os veios da madeira das tábuas.

Os convidados foram-se aproximando, preenchendo os espaços em volta, ocupando algumas cadeiras junto às paredes. Randolfsson sentou-se junto à viúva e ao filho, virou-se para a mesa, com um sorriso compassivo, sem espontaneidade. Como quem faz algo que conhece, ou que espera, ou que gosta.

Vieram dois jovens, uma rapariga e um rapaz, com pouco mais de 20 anos, segurando um vaso. Vinham sorridentes, sorrindo como jovens muito satisfeitos por estarem vivos, como se nem se apercebessem da própria satisfação. Como jovens de um anúncio publicitário feito para velhos. Ou feito para jovens por velhos.

Pousaram, deixando imediatamente de sorrir, esquecendo a pose ritual, ao ter de se concentrar, trocando palavras entre si para se assegurar que o vaso ficava direito e bem colocado no centro da mesa, virado da melhor forma para a família do falecido. Assim que tudo ficou protocolar voltaram a sorrir, talvez mesmo com uma pequena vermelhidão de embaraço e ingenuidade.

Ambjörn Randolfsson levantou-se, com a viúva pelo braço e fazendo um sinal cordial ao filho, com o olhar. Aproximaram-se da mesa. Aguardou que as restantes pessoas se aproximassem e alguma conversa que tivesse de terminar, terminasse.

“Utricularia aurea. É uma planta carnívora aquática, que vive suspensa nas águas.”

O vaso, com um metro de largura, estava na verdade cheio de água. E mostrava uma flor amarela no topo de uma caule, a erguer-se acima da superfície aquosa.

“Escolhemos a utricularia porque o Steven tinha um amor insuperável pela água. E consideramos que a sua voracidade, a sua fome de viver é também representada pelo facto de a planta ser carnívora.”

A mulher que tinha olhado Randolfsson com incredulidade, na sala anterior, agora atirava-lhe olhares de desdém. Este não se mostrava atingido. Ia olhando para os familiares, com um tom pacífico, sem afectações, não arriscando carregar no sentimento.

A viúva pediu para falar com um gesto e largou a mão do filho, apertando-a com força, antes de a soltar para se aproximar da mesa, preferindo falar com as costas voltadas ao vaso, de frente para os convidados.

“Ao falar com o Ambjörn, queria que as melhores qualidades do Steven ficassem, como uma herança. Já tenho, no meu filho, o seu sentido de justiça, os seus olhos, a sua espiritualidade. Uma planta é uma planta. Como é que isto poderia fazer sentido? Então o que o Ambjörn me pediu foi para eu falar do que é que eu gostava mais nele. Por que é que eu me apaixonei. E eu disse-lhe. Foi pela maneira como ele me descrevia as viagens, os livros, o vinho. Pela sua forma apaixonada e directa de falar do seu universo. E pela sua pele, macia. Era capaz de me deixar abraçar por ele, as costas contra o seu peito, os dois no sofá. E ficar a escutá-lo, as nossas mãos entrelaçadas. A pele dos seus dedos tão macia. Ficar assim, infinitamente.”

Houve um desconforto na sala. A viúva tossiu, antes de dizer o advérbio. E ficou a olhar para as próximas palavras que haveria de dizer, ou talvez para memórias antigas que preferia não ter agitado. Ninguém se atrevia a quebrar o silêncio ou a procurar remediar o constrangimento.

“Este meu amigo”

Procurou a mão, depois o braço de Ambjörn Randolphsson, para o apertar, não conseguindo que o apertar amistoso coincidissem com a palavra amigo, por isso recomeçou.

“Este meu amigo então sugeriu-me que essas mesmas características não só poderiam como deveriam ser a herança, a homenagem que eu humildemente lhe escolhia prestar. A parte científica competia-lhe a ele tratar. Existem genes que são responsáveis pelo discurso, pela criatividade e existem genes que têm a ver com a pele, com a forma como o colagénio se desenvolve de uma ou outra forma. Há coisas que se podem alterar numa planta por forma a que ela possa transportar algo que já foi humano. A mim não me interessam os pormenores, nem os poderia perceber. Sei que quando colocar aquela flor dourada no pequeno lago que temos na nossa propriedade, algo do Steven estará lá.”

Os dois jovens sorridentes regressaram, desta vez com outros objectos. O rapaz trazia uma urna. A rapariga transportava um jarro de água e um pano branco.

“Que as tuas cinzas fertilizem o mundo. Que as tuas células regressem ao ciclo da vida.”

A viúva abriu a urna e com os dedos pegou num pouco de cinza que espalhou sobre o vaso. Uma nuvem poeirenta mostrou não existir qualquer brisa na sala, caiu de forma extremamente obediente à gravidade. Pegou no jarro e fez soar um fio de água breve sobre a água do vaso, de forma simbólica, discreta, elegante.

As portas para o jardim tinham sido abertas pelos jovens de sorriso fácil, que regressaram, depois de guardar os objectos do pequeno ritual. Saíram quase todos, para conversas mais despreocupadas e tabaco. Ficou a viúva mais um pouco, com Randolphsson e alguns interessados no produto HumBio que desejavam falar com ele.

Uma das questões que lhe colocaram, de chofre, foi: como é que sabemos que realmente usou o DNA dos nossos parentes?

Antes, Blinds

Agora, depois de ter acontecido, muitos dizem que havia antecedentes. O primeiro sinal, apontam, foi terem começado a surgir as marchas de orgulho out_caster.

As primeiras marchas ocorreram 5 anos antes da assinatura da Sesseção (Depois de intensa discussão foi esse o nome que constou do documento, porque o nome Cisseção foi vilipendiado e ridicularizado ao ponto de se tornar irrecuperável). Ninguém sabe ao todo quantas marchas eclodiram inicialmente e incluí-las na história da Secessão é polémico e prematuro. Mas pelo menos 28 foram registadas, e delas se consegue ainda encontrar informação, pelo menos na cache da Internet.

Olhando para trás, podemos dizer que é de assinalar que a FreakLeaks não tenha publicado nada sobre as marchas. Nenhum comunicado oficial, na altura, nenhuma posição oficial, nenhum porta-voz alguma vez vieram dar um rosto ou uma ideia do que este movimento, se é que era um movimento, queria demonstrar. A única ideia comunicada surgia em cartazes, com uma única frase, *Orgulho out_caster*. As marchas eram silenciosas, sem palavras de ordem. Em vários pontos do mundo, houve confrontos com as forças de segurança. Mas isso, nuns locais, explicou-se pelo simples facto de as manifestações serem absolutamente proibidas, e noutros locais, de tradição mais democrática, pela circunstância de as manifestações terem de ser autorizadas e reguladas previamente. Nuns e noutros casos, os manifestantes foram intransigentes. Sem ter a iniciativa da força nem recuando quando a força iniciasse, protestaram. Completamente silenciosos, resistiram, ousaram continuar, contra a vontade normativa das autoridades. Consegue-se perceber, ou imagina-se, que o objectivo de todas as manifestações era chegar até aos centros de poder. Os parlamentos, os senados, as residências dos presidentes, dos monarcas. Na maioria dos casos, as manifestações chegaram a esses locais. Mas depois continuaram, após talvez uma hora de silêncio e ostentação de cartazes. Tudo isto vem das tentativas de sistematizar os fragmentos de algumas dúzias de relatos em diferentes pontos do mundo, sistematizações que geralmente são favoráveis à ligação entre as marchas e a Secessão. O que nos chegou de alguns destes investigadores freelancer é que as marchas que conseguiram fazer tudo o que tinham programado e que, sem dúvida fazia parte de uma acção concertada, semelhante e simultânea para todas, foram até a um escritório, filial, sede regional se possível ou pelo menos local que simbolizasse a GenderCast.

Independentemente de considerarmos a versão destes investigadores correcta, o desenvolvimento dos acontecimentos foi demasiado bombástico para que não existam questões legítimas sobre pelo menos alguma influência indirecta no que agora assistimos. As marchas, como decerto iremos estudar nos livros de história, passaram a ser um fenómeno xenófobo de massas. O que contrastou paradoxalmente com a sua génese e mesmo com a identidade dos seus pioneiros.

Nas primeiras marchas, de que existem milhares de elses, multidrone-panoramas e algumas dúzias de fotos de arquivos militares que acabaram por ser divulgadas pela WikiLeaks e pela DroneLeaks, o que se vê são multidões de pessoas que, pelo menos visualmente, parecem precisamente vindas dos

clãs da GenderCast ou de algum ambiente virtual povoado pelos avatares da VirtualGender. Havia todo o género de formas de vestir e a sugestão, pelo menos visualmente, de todas as formas de estar. Muitas pessoas pareciam, é certo, optar por um look que fundia elementos cibernéticos com uma certa androgenia agressiva, uma espécie de cyberpunk em que a tónica estava mais na máquina que no sexo, ou mais numa sensualidade robótica que numa diferenciação masculino/feminino. Mas, ainda assim, era possível ver todo o tipo de outras opções. Dreadlocks com extensões que terminavam em jacks áudio. Todo o tipo de implantes subcutâneos, que alteravam a morfologia do rosto e dos membros, acrescentando-se estruturalmente, como se fossem peças do esqueleto. Vários tipos de implantes que se expandiam como chifres, em todas as direcções do rosto, de formas mais ou menos realistas, quer num material semelhante ao aço quer numa espécie de marfim sintético. Eram muitas as Tactos que alteravam as feições do rosto, como maquilhagem permanente ou mais drasticamente, animalizando o rosto. E havia quem optasse por ter boa parte do tronco à mostra, talvez ostentando o facto de não ter seios reforçando a androgenia e exibindo Tactos coloridas, de motivos tribais e com um efeito fosforescente. Havia muitos de cabelo completamente rapado e davam uma impressão de que teriam também todos os restantes pêlos do corpo rapado. Mas havia também pelo contrário cabelos exuberantes e até algum pêlo facial. Era frequente alguma mecanização incorporada nos braços, menos frequente no rosto e surgia geralmente a par das Tactos usadas para dar um aspecto cromado ao rosto, às mãos e a outras partes do corpo. Esta multidão parecia tudo menos um conjunto de indivíduos xenófobos. O que se passou a seguir foi surpreendente.

A segunda onda de marchas de orgulho out_caster já foi completamente diferente. Nas grandes cidades, os grupos não foram de 12, 20 pessoas, como tinha acontecido da primeira vez. Em alguns casos, como em Houston, Paris, Sidney, Karachi, Oslo, Viena, São Paulo, chegaram a marchar 300, 500 pessoas. Segundo o que está escrito, e já se publicou e vendeu em grande número um par de dúzias de livros diferentes sobre o assunto, houve marchas em pelo menos 15 cidades. Houve discursos para a televisão, para os jornais. E foi o caos. Porque cada marcha, cada líder, cada porta-voz tinha uma coisa a dizer. Mas nenhum tinha flores na boca. Uns achavam que o mundo ia acabar e isso era bom, porque o GenderCast e outras coisas do demónio tinham ajudado a precipitar o inevitável e o inevitável era os justos irem para o seio do Todo Poderoso e os infiéis para o caldeirão do cornudo. Outros achavam que tínhamos ainda uma chance de nos arrependermos, se renunciássemos ao vício e percebêssemos, como os animais e as plantas, como a natureza quer que nós acasalemos. Se não o fizéssemos, a natureza ia acabar por criar uma doença pior que a Sida e o facto de haver tantos vírus informáticos já era uma forma de a evolução estar a tentar corrigir os nossos pecados. Outros diziam simplesmente que os fracos comportam-se como fracos, porque têm medo de assumir o comportamento dos vencedores, mas tinha chegado o momento de os vencedores tomarem as rédeas da sociedade, e não haveria misericórdia para os fracos e a sua cultura de podridão. Dezenas de mensagens diferentes tiveram um púlpito, a reboque das marchas de orgulho out_caster e uma sociedade atónita, ainda narcotizada com uma ideia de si mesma que não batia certo com o que lhe surgia nos ecrãs, não conseguiu reagir.

No meio desta confusão, o que nos interessa realmente para a nossa análise estava a preparar-se. Os porta vozes secessionistas estavam prontos e havia de facto um movimento. Nenhum deles foi alguma vez identificado, a partir de fotos, ou de qualquer outra forma, como tendo estado envolvido nas marchas, mas nos livros que foram publicados sobre as marchas vários dos elementos do movimento secessionista são implicados, um dos autores publicou até um conjunto de fotos pouco nítidas mas que considera prova cabal de que 7 secessionistas participaram nas marchas. Recentemente o FreakLeaks quebrou o seu longo silêncio, mas apenas para publicar a série completa de fotos de onde o conjunto de fotos publicadas no livro referido foram retiradas, o que não ajuda a trazer mais provas, já que as previamente publicadas eram as únicas com pessoas.

Cerca de três anos antes da assinatura da Secessão, um grupo, auto-denominado Trincheira Prévia dá uma conferência de imprensa e publica o chamado Manifesto Para A Liberdade De Facto. Como sabem, conhecem bem o documento, declaram-se separatistas. É um texto bem escrito e talvez tenha sido isso que os salvou de serem de imediato considerados lunáticos e postos na prateleira onde são arrumados os excêntricos da semana.

A forma como encararam a sua batalha foi, de novo, outro grande ponto a seu favor, foi determinante. Desde a elaboração do documento, à apresentação formal, até à reivindicação e ao objectivo pretendido, eles não estavam só a querer marcar uma posição, ou a assumir-se como utopistas, ou a ter uma posição de protesto. Estudaram muito bem as estruturas legais, e fizeram disto, formalmente, uma batalha legal, pragmática, sabendo exactamente que edifício legal é que tinham à sua frente, e que pontos é que teriam que derrotar para obter a mudança desejada. Eles queriam de facto uma mudança e acreditavam que era possível e não iriam descansar até a conseguirem. Estavam a contar que ninguém, além deles, acreditasse que fosse possível a mudança que eles reivindicavam. E sentiam que isso era algo que os favorecia.

Dispensando terminologia legal, eles consideravam que fazer parte de uma sociedade deveria ser um acto voluntário. Um indivíduo beneficiava enormemente da protecção e dos serviços de uma sociedade, e em troca, trabalhava e retribuía, geralmente com impostos e outras contribuições semelhantes. O que não fazia sentido, defendiam, era isso ser uma imposição. Alguém que desejasse abandonar essa sociedade, para nunca mais voltar, não beneficiando nem da protecção nem dos serviços, nem tendo sequer a oportunidade de trabalhar para a sociedade nem de para ela contribuir, deveria ser livre de o fazer.

A premissa era bastante simples. E lembro-vos que já estudaram os autores que fizeram teoria da secessão e que sistematizaram pensamento nesta área. Mas este grupo não tinha uma atitude académica nem estava interessado em trazer a questão ao debate ou em aumentar a consciência do problema nos restantes cidadãos, nem em desempenhar nenhum outro papel, enquanto *bons cidadãos*. Até nisso eram separatistas. Não tinham o mínimo interesse no que os outros cidadãos pensavam deles, ou até no julgamento que a sociedade fizesse deles ou do seu propósito. Eram completamente pragmáticos. Não queriam ser aceites ou ter razão, queriam simplesmente ser bem sucedidos e separar-se da restante sociedade.

A premissa resumia o que apresentavam quase em linguagem corrente e era razoavelmente fácil compreendê-los. A questão era que eles queriam que isto fizesse jurisprudência. O objectivo era um reconhecimento legal, irrevogável. No manifesto, consideravam que o momento histórico era propício a que eles, e não consideravam que mais ninguém fosse obrigado a ter a mesma interpretação, seguissem o seu próprio trajecto. Consideravam-se pós-género. E acontecia que não tinham nenhum interesse em conviver com o resto da humanidade. Sabiam que outros humanos pós-género queriam continuar no seio da humanidade. Não tinham absolutamente nenhum comentário a fazer quanto a isso. Queriam separar-se e não tinham nenhum comentário a fazer quanto aos seus planos. Defendiam o direito à autodeterminação. Defendiam que passasse a ser um direito os humanos pós-géneros separarem-se para sempre da humanidade. Não queriam viajar para outro país como cidadãos de um país. Não queriam ser visitantes, convidados, refugiados. Não queriam a simpatia de ninguém, a ajuda de ninguém. Não queriam ofertas, nem precisavam de ninguém. Apenas queriam que lhes reconhecessem o direito a ser livres, segundo a sua própria vontade. Para isso necessitavam que os libertassem da sociedade actual. Isto, que articulado em linguagem era relativamente simples, teria de ter uma concretização na lei. E foi a isso que se propuseram com imensa determinação e sentido prático.

Fizeram tudo o que estava ao seu alcance para serem expulsos da sociedade que relutava em mantê-los por perto. Sabem bem que isto demorou três anos e percorreu todas as instâncias do sistema legal deste país.

Chegámos enfim ao momento em que o primeiro país, o nosso, lhes reconheceu num documento com efeitos constitucionais a secessão. O que vos proponho é que até ao fim da semana me respondam, em menos de 5 mil palavras, a uma das seguintes perguntas. Tomem nota. Um. Aceitar a assinatura da Secessão foi um acto táctico de um governo em final de mandato, que espera, cinicamente, que não haja lugar nenhum onde este movimento se possa estabelecer? Dois. O que é que os Secessionistas não terão dito, e é de esperar que tenham preparado alguma coisa já para os próximos dias, visto que passam a ser, formalmente, apátridas? Três. (Pondo de lado quem terá organizado as primeiras marchas de orgulho out_caster) Em que medida as marchas influenciaram as actuais tensões entre os grupos castianos e out_castianos e como é a mudança dessa dinâmica se liga à dinâmica nas comunidades pós-género, e aos recentes tumultos provocados por activistas cisgénero que se radicalizaram a partir do agora movimento Marcha Orgulho Out_caster? Como sempre, não há respostas correctas, há bons argumentos e há boa fundamentação. Até amanhã.

Mercado de Eventuais

“Paso-Juarez é um pacote muito interessante, para quem nunca investiu em Eventuais, Sr. Tin.”

“Mas não seria melhor investir apenas em Juarez? Quer dizer, as taxas de mortalidade são muito consistentes e mais altas. Eu não quero ficar à espera que o meu dinheiro venha e afinal, são os meus netos que vão beneficiar das minhas poupanças e mais os Eventuais que tiverem investido em mim.”

“Eventuais propriamente ditos, não podem investir em si, obviamente. Nem isso seria ético. Mas devo dizer-lhe que se quiser pensar nos seus netos, tem um conjunto de produtos integrados Poupança-Eventual muito interessantes, que depois produzem taxas bonificadas, se os associar à mesma carteira em que tem os seus investimentos conosco.”

“Vemos isso noutra altura, não vou ajudar os meus descendentes a apostar contra a minha vida. Para já vamos lá ver isto, que me ia explicar, porque é que um derivativo que incluía El Paso é melhor?”

A agente de seguros eventuais continuou com a sua expressão segura mas vagamente compassiva. Fruto, claramente, de treino e de milhares de horas a lidar com pessoas. O à-vontade com que ela transmitia empatia, uma empatia honesta, humana, de alguém com quem apetecia ir tomar um copo, mesmo se estivesse a falar de produtos financeiros intragáveis, deixava Jacques Tin muito desconfortável.

Tinha-se habituado a confiar mais facilmente em pessoas inseguras, ou trapalhonas ou mesmo até em quem ostentasse o seu arsenal de truques. Até um aldrabão, mas que fosse fácil de desmascarar, lhe merecia mais confiança. Os empáticos confiantes, que pareciam pairar pelos eventos sociais, ou esperar um abraço nestas situações mais íntimas, a dois, deixavam-no alerta. Não conseguia acreditar que aquilo fosse genuíno. Dava consigo a imaginar o que estaria por detrás da serenidade de um monge budista, de um psicólogo clínico, de uma super mãe. Que perfídia, que segredo venenoso afinal, era a verdade por detrás da fachada impecável e heróica que inspirava humanismo.

Quando o humano diante de si era alguém que tinha vantagem em ser amável e agradável, alguém cuja empatia lhe poderia dar a ganhar muito dinheiro, como era o caso desta vendedora de seguros eventuais, então nem colocava a hipótese de haver algo por detrás de uma fachada bela. Partia do princípio que a hipótese já estava por definição comprovada, era só uma questão de elaborar uma teoria bem fundamentada para arrumar o caso.

Era agradável, profissional, equilibrada, séria, inteligente, esta mulher de 45 anos. Mas não podia baixar a guarda. Tudo aquilo eram armas para o deixar vulnerável aos mais insuspeitos ataques.

“A própria forma como é compensado faz com que tenha vantagem de ter um produto derivativo. Deve procurar proteger-se. Estes produtos têm uma lógica um pouco perversa. Quem os elaborou deve ter-se inspirado um pouco nas corridas de cavalos.”

Ficou a olhar para ela, tentando não mostrar nenhuma emoção, mas sentindo-se insultado. Detestava esta forma de alguém procurar pôr-se do seu lado, antes de dizer o que ia dizer.

“Exactamente porque em Ciudad Juárez as taxas de mortalidade são mais altas, e é mais provável ser pago mais rapidamente, os juros são mais baixos. Digamos que é como apostar num cavalo cujas probabilidades de chegar em primeiro são mais altas.”

Conseguiu aligeirar a expressão, que, imaginava, em vez de ser uma inexpressiva cara de poker, tinha-se aproximado mais de um amuio com a testa franzida e os lábios apertados, como se estivesse com dificuldade em conter algo, talvez vômito, talvez riso. Ao relaxar os lábios, talvez uma sugestão de sorriso lhe tenha dado um brilho ao rosto.

“Já os juros para quem investe em cidadãos de El Paso são consideravelmente maiores. Exactamente porque as taxas de mortalidade são mais baixas.”

“É um cavalo que não é provável chegar em primeiro.”

Ficou genuinamente agradado por ela não ter aproveitado para dizer *exactamente* e ter continuado com o seu raciocínio, usando a concordância dele para se legitimar. Ela sorriu levemente, dando-lhe a ele espaço, pareceu-lhe, para que dissesse ou pensasse o que lhe aprouvesse. Depois de desaparecer a última ruga da testa, com esta pausa, ela continuou.

“O que o derivativo faz, teoricamente, é juntar a vantagem dos juros altos de El Paso com as taxas de mortalidade alta de Ciudad Juarez”.

Voltou uma ruga à testa, para pontuar um sorriso interrogativo.

“Teoricamente?”

“É um produto derivativo complexo. Imagino que deseja que eu lho descreva.”

Houve um silêncio, de facto sem expressão de emoções e sem perguntas.

“Mesmo que o desejasse, não sou capaz. Não tenho capacidade técnica. Seria necessário um especialista financeiro.”

“Diga-me uma coisa, com sinceridade. Tem vendido muito seguros assim, desta forma?”

“Tenho vendido imenso. Se olhar um pouco acima da minha cabeça, ligeiramente à esquerda, verá que fui a consultora do trimestre. E lideramos, este mês, a nível regional, o mercado de eventuais. Vamos até expandir-nos, com a abertura de mais duas lojas para a semana, no centro do país. Tenho orgulho em ter contribuído para este sucesso.”

Tin ficou calado, porque sabia que a explicação não tinha acabado. Aquela mulher não desperdiçava semântica.

“Sei também que o sucesso depende de conhecer minimamente os meus clientes. O Sr. Tin sabe muito mais de aplicações financeiras do que eu. Tenho tido muito sucesso junto de pequenos investidores privados que nunca investiram em mercados futuros. Leigos. Outros colegas meus trabalham com o mercado empresarial. Se me escolheu a mim, foi porque queria falar com alguém que não fosse um perito financeiro. Os meus méritos são outros. Uso linguagem comercial, é certo, mas a forma como vendo o meu produto é tudo menos técnica. Para isso posso recomendar-lhe um colega meu que é doutorado pela London School of Economics.”

“Não é necessário.”

Apeteceu-lhe sair. Não gostava de discursos. Muito menos de pessoas que se abriam ou que davam a entender que era altura de falar a partir do

coração. Mas achou que ao menos devia-lhe um pouco de honestidade. O que foi capaz de dizer talvez fosse insuficiente. Mas disse-o.

“Ando a estudar este produto há muito tempo. O que me disse foi bastante útil. E não é necessário falar com outro colega. Lamento se fiz perder o seu tempo.”

“Isso significa que não vai adquirir um dos nossos produtos?”

“Pelo contrário, Sra. Dona Matiz. Vamos assinar. Quero colocar 150.000 Bitcoins nesse produto derivativo que me falou.”

“Quer fazer uma doação em sigmas para os cidadãos que estão inscritos no Programa Eventual em Ciudad Juarez e em El Paso?”

“Sim. Um $\text{B} = 500 \Sigma$, certo?”

“Sim, continua assim.”

“Então junte mais 50.000 B , para a doação. O que é que um sigma hoje em dia permite comprar?”

“Não me atrevo a dizer, Sr. Tin. Varia muito. Depende de cidade para cidade.”

Em Vancouver, disseram-lhe, uma sopa custava 100 Σ . Uma garrafa de água custava 20 Σ . Uma dormida, numa das pensões mais baratas, 375 Σ . Multiplicando estes três itens por 30 dias, dava 14850 Σ . Estava em 15087,94 Σ o índice eventual do cidadão, também conhecido pelas siglas IEC, CEI ou, em algumas zonas do México como Salario de Los Muertos. Leu, distraído, um par de artigos que declarava a cidade norte-americana como o local do mundo com mais qualidade de vida. A lógica era que, se aliássemos a baixa taxa de mortalidade na região à possibilidade de solicitar o CEI até morrer e esperar viver uma longa vida, recebendo aquela benesse do Mercado dos Eventuais tinha de se concluir que viver em Vancouver era um privilégio único no mundo.

Antes sequer de acabar de ler o artigo, o Salario de Los Muertos baixou para 14021,08 Σ e depois para 12970,95 Σ e ainda mais um pouco, passando a flutuar sem voltar a subir acima dos 12000 Σ . Vários especialistas comentavam em directo os motivos da queda, entusiasmados com a energia e vitalidade dos mercados bolsistas.

Em Ciudad Juarez, uma sopa custava 500 Σ em alguns sítios. Noutros 750 Σ . Noutros, em dias maus, 1000 Σ . As prostitutas aceitavam, além de dólares e Bitcoins, Sigmas. Dizia-se que o sistema, blindado com toda a encriptação disponível, tinha brechas. E em vários pontos do mundo, em Juarez, em Kingston, em Nova Iorque, em Londres, em Mumbai, nos mercados onde se pagava juros altos, onde custava pouco matar uma vida humana ou onde os derivativos, na prática, faziam um produto Eventual pagar caro, era possível apressar um pagamento.

O que deveria acontecer e Tin estava a investigar por conta própria se de facto acontecia, era investir-se de olhos fechados. Escolhia-se um mercado. Um mercado de futuros óbitos. Com o aconselhamento de um agente, ou mesmo prescindindo de ajuda, olhava-se para as taxas de mortalidade e para os juros. Como quem olha para um país que precisa de dinheiro emprestado ou para a bauxite que ainda não foi extraída de uma montanha. Um investimento. Um investimento em futuros óbitos. Há quem jogue, depois do aval do rating de uma agência acreditada, com a maior ou menor probabilidade da dívida de um

país entrar em default. E há quem jogue com a maior ou menor probabilidade de os cidadãos de um país morrerem mais cedo.

Aquela gente vai morrer, mais tarde ou mais cedo. Se houver probabilidades de morrer mais tarde, e de eu demorar mais a receber o meu dinheiro, e por ser um investimento menos atractivo, os juros são mais altos. Escolho o tipo de produto. Um pacote de 1 pessoa. 2, 3, 5, 20 pessoas. As idades. A quantidade de doenças. Os produtos podem ser bastante complexos. Tudo o que tornar a morte mais provável, mais eminente, baixa os juros, tudo o que tornar a morte uma probabilidade mais remota, aumenta os juros que, eventualmente, eu recebo. Ao aumentar o número de pessoas do meu pacote aumento a probabilidade de eu vir a receber o meu dinheiro mais tarde. Por isso é comum eu escolher para a segunda pessoa uma pessoa o mais velha possível. Os pacotes mais simples são os pacotes Easygrave Genérico. São pacotes de pessoas com Doença Terminal. E há ainda os pacotes raspadinha, de dinheiro imediato. São emitidos diariamente, quando os pacotes Easygrave Multitude são confirmados. Quando os cidadãos eventuais associados a estes pacotes morrem, as raspadinhas respectivas são colocadas à venda, sendo que metade são premiadas. Os pacotes Dual Derivative são muito populares e jogam com as tensões de duas sociedades muito próximas ou com ligações ou conflitos intensos. São investimentos simultâneos, segundo logaritmos complexos, em duas populações próximas, ou ligadas historicamente, como Ciudad Juarez e El Paso, Gaza City e Jerusalem, Srinagar e Amritsar, Taipé e Fuzhou.

Para que o sistema funcione, nunca se sabe em quem se está a investir. Apenas escolhemos o mercado. Não é como apostar num cavalo, em que escolhemos o nome do cavalo, escolhemos o indivíduo que vai correr e vemos a corrida inteira. Este produto não é como um seguro de vida, em que sabemos quem é o segurado. Apostamos contra o segurado, é verdade, apostamos para falhar, à maneira de alguns produtos financeiros derivativos que já existiam. Mas não podemos saber quem é que queremos que vá falhar. Nunca.

A infâmia que, a medo, se vai dizendo ocorrer é que há quem saiba. Há quem faça a ligação entre o desejo da morte dos outros e a efectivação da sua morte. Como sempre terá existido na história dos homens. E quem se encarrega destas tarefas serão os de sempre. Mafias que têm nas suas fileiras capangas com competências muito apreciadas pelas suas chefias quando querem fazer desaparecer alguém do mundo dos vivos, simplesmente continuam a recorrer às habilidades destes verdugos.

Há quem sugira que se deve acabar com o sigma, pois esta moeda virtual é uma excelente forma de identificar futuras vítimas das mafias. Políticos e pundits reclamam pois dizem que o sigma é um verdadeiro sistema de segurança social e um equilibrador de mercados financeiros e retirá-lo da economia traria o caos. Mas as vozes que insistem neste ponto dizem que é urgente pagar nas moedas locais, e continuar com o mesmo sistema. Há quem diga que o próprio Mercado de Eventuais está em risco e que pelo menos deveria ser discutido. Há um caso recente de uma família, a família Tin, que foi apanhada num fogo cruzado, no que parece ser um homicídio encomendado a propósito de um investimento no Mercado de Eventuais.

Os Semeadores

“Temos informação de que existe um outro grupo aqui.”

“Que protocolo estão a usar? E são hostis?”

“É um dos SeedProt obsoletos.”

“Estranho. Dá a ideia de que querem ser detectados, mas sem dar muita informação. Esses protocolos não fornecem geolocalização nem têm meta-informação.”

“Apenas sabemos que há mais semeadores por perto.”

“Vamos manter-nos atentos às imagens do drone.”

Continuaram com o semeio terrestre. Tinham trazido cerca de 800 milhões de nanoSeeds e estavam a semeá-las em lotes de 100.000, usando sondas ou em alguns casos simplesmente cavando com pás e picaretas. Preferiam inspecionar os melhores locais pessoalmente, depois de os seleccionarem previamente.

Eram merkSeeders. Mercenários. Contratados por quem lhes pagasse pela sua perícia e conhecimento. Usavam todos os protocolos e toda a cortesia que os Seeders mantinham entre si, mas muitas vezes não eram reconhecidos pelos outros semeadores. Recebiam até alguma hostilidade, sobretudo dos anarkoCyds, os grupos mais radicais, de entre a população semeadora, professando ideologia que misturava elementos de uma ética pós-apocalíptica cibernética, ideias anarquistas e a necessidade da convergência entre humanóides e mecanóides.

Desde a publicação do artigo de Ambjörn Randolfsson que a actividade de espalhar nanoSeeds pela terra, pelas águas e pelo ar deixou de ser algo praticado por 3 ou 4 grupos de anarquistas e transhumanistas. Randolfsson ainda colaborava com o projecto opensource speechCrawler, tendo sido um dos seus fundadores. As suas recentes experiências com a genética eram controversas. Nunca apareceu publicamente dando uma opinião ou um ponto de vista, uma defesa da sua posição.

Este artigo tinha um tom de manifesto. E apelava a que toda a humanidade fizesse um esforço, ecológico, de estar em maior sintonia com o planeta. Defendia ele que nunca, como agora, se tinha tido tecnologia para se medir, para se conhecer o estado, as características dos ecossistemas, a natureza de que fazemos parte, o planeta que é o nosso lar. E que isso implica uma responsabilidade, um imperativo de agir. Ter essa capacidade tecnológica anula, eticamente, qualquer hipótese de inacção. Mais, a inacção (ou o movimento em sentido errado) irá inevitavelmente levar à nossa destruição, seja, tal como se teorizou sobre o fim do universo, por arrefecimento (morte lenta), seja por implosão, seja por desintegração. A nossa cultura, escreveu Randolfsson, só pode usar, mais do que usar, fazer uma aliança com a tecnologia que criou. Porque a vida de onde originámos é demasiado preciosa e a tecnologia tem demasiada energia potencial, só nos resta assumir a energia que criámos, em prol da natureza nosso berço.

Depois de uma introdução em tom retórico, com laivos poéticos, o restante era ligeiramente mais técnico, bastante pragmático. Randolfsson explicava, em termos completamente leigos, a tecnologia das nanoSeeds. Introduzia o conceito de uma Terra consciente. Para ele, seria inevitável, se fôssemos sobreviver enquanto espécie, que a tecnologia entrasse em simbiose

com os sistemas naturais. A espécie humana faria a ponte, assegurando que a vida iria prosperar, sobretudo a vida humana. Se não o fizéssemos, então seríamos para sempre culpados de destruição e morte, sobretudo a nossa. As nanoSeeds permitiriam a ligação em rede às redes actuais, monitorizando os sistemas naturais, com isso permitindo-nos corrigir a nossa actual rota poluidora, aumentando a nossa eficácia energética. Iria também, factualmente, fazer com que estivéssemos muito mais em contacto com a natureza. As nanoSeeds espalhar-se-iam pelos oceanos, medindo a acidificação, monitorizando as correntes, a saúde dos ecossistemas marítimos, possibilitando descobertas que nem somos ainda capazes de sonhar. nanoSeeds mais leves que o ar seriam levadas pelo vento, flutuariam acima das nuvens, dariam mais informação sobre a meteorologia do que alguma vez tivemos, sobre a migração das aves, sobre os fenómenos atmosféricos, sobre as dinâmicas que se estabelecem entre os céus e a terra e que descrevemos ainda de formas tão incompletas. Outras nanoSeeds misturar-se-iam nos solos, dando informação importante sobre tudo o que concerne à geologia, à agricultura, às florestas, dando-nos informações importantes para que pudéssemos encontrar e manter reservas de água, manter os solos férteis e mais um sem número de informações que só com especulação e sorte agora conseguimos obter.

Seria, afirma Randolfsson, acima de tudo a capacidade de estes dados serem recolhidos ao segundo, em muitos locais ao mesmo tempo, de poderem ser processados, comparados e de fazerem parte de uma rede, e de poderem ser interpretados pela inteligência humana que tornaria decisivo o projecto de semear a Terra de inteligência. Este desígnio, semear, finalmente a Terra com a inteligência humana, na forma da tecnologia, em vez de deixar que seja a nossa inteligência a destruí-la, deve ser, assim acaba o seu artigo, o grande desígnio do século. Os seres humanos devem ser semeadores. Devem abandonar as práticas do passado, terra queimada, colher sem voltar a semear, caçar e pescar indiscriminadamente sem se preocupar em garantir a continuidade das espécies.

Este meme, semear como o desígnio humano do século, fez de Randolfsson um homem popular por alguns meses. Recusou entrevistas para todos os talk-shows e publicações online. Ficou apenas o artigo. E ele ganhou mais clientes para o seu projecto HumBio. O artigo foi discutido, apoiado, refutado, criticado de diversas formas. A seguir, muitos novos grupos de semeadores surgiram. O mercado de nanotecnologia, que já estava em alta, teve vários altos e baixos no ano seguinte mas, globalmente, subiu.

Várias empresas começaram a fabricar nanoSeeds, que até aí eram geralmente rudimentares, à excepção das produzidas pela CarbonGentleman, uns nanocybots reprogramáveis de alta performance que os grupos originais modificavam facilmente para o uso desejado. A CarbonGentleman conseguiu facilmente liderar o mercado e, dizia-se, fazia-o não só como fabricante mas também como contratante de merkSeeders.

Era agora impossível ter uma noção sequer de quantos nanoSeeds tinham já sido semeados. Os grupos que operavam originalmente, quando viram a súbita proliferação de seeders juntaram-se e criaram o seedprotoc.ol, estabeleceram um projecto opensource e procuraram criar as bases para um entendimento.

O projecto permitia que os diferentes grupos, mesmo tendo ideologias diferentes, objectivos diferentes, planos diferentes quanto à informação que pretendiam manter em comum, pudessem partilhar o mesmo planeta numa base de convivência saudável, que não exigia colaboração, apenas uma razoável manutenção de distâncias e um às vezes complexo equilíbrio de forças.

Não era exigido nunca que se dessem a conhecer os planos de sementeira. No entanto se um grupo o fizesse, uma zona semeada deveria ser respeitada, apenas podendo ser semeada por outro grupo, caso os dois protocolos fossem compatíveis. Havia dois níveis de revelação: dar a conhecer a todos os semeadores onde foi feita a sementeira ou tornar também pública essa informação. Esta segunda opção era rara, pelo que o mapa conhecido das zonas semeadas estava escassamente pontilhado. Suspeitava-se no entanto que os semeadores soubessem, uns dos outros, muito mais, sobre as zonas lá ligadas aos computadores do mundo. Seria o caso deste grupo.

“Acabámos de os ver através da câmara do drone. Estão a 1,8km, sul-sudoeste. É uma zona de floresta densa, vale. A seguir a esta encosta. Voltaram a desaparecer.”

“Devíamos ter um drone com câmara de infravermelhos.”

“Estão a menos de 500 metros do grupo alfa. Já os avisámos.”

“Mantenham o canal aberto. Vamos esperar que não necessitem da nossa ajuda.”

O grupo alfa coordenava as operações de 6 equipas, incluindo a alfa, que em 3 dias deveriam ter as sementeiras concluídas. Este grupo, epsilon, estava encarregue de semear um lago com um novo tipo de nanoSeeds que tinham a capacidade de permanecer relativamente estáveis, quer à superfície, quer submersas. Os dois tipos de sementes iriam ser lançadas. Todas as informações davam a indicação que aquele lago não estava ainda semeado, por isso a notícia da proximidade de um grupo de semeadores estranho era alarmante. O contrato era demasiado bom para ser posto em causa. Este cliente, anónimo, queria assegurar exclusividade de uma série de pontos, estratégicos no seu entender mas cujo alcance só o cliente verdadeiramente entendia. Ninguém de entre os semeadores sabia que informação estava a ser recolhida nem para quem. Nem isso, aparentemente, perturbava a sua capacidade de trabalho. Necessitavam, sobretudo, de boa informação sobre o terreno. E de saber que ninguém se ia atravessar no seu caminho. Vinham, alguns deles, armados. A maior parte deles com armas não letais. Mas se fosse necessário um confronto, tinham a preparação de uma equipa de assalto. Durante meses, treinaram mesmo com um antigo membro de uma equipa de intervenção militar, que tinha servido em diferentes exércitos, de diferentes países, durante 20 anos, sempre como uma não-pessoa, contratado por curtos períodos de tempo e bem pago mas nunca admitido, condecorado ou sequer mencionado em relatórios.

Tinham ganho uma certa intuição predadora, naqueles meses. Diziam entre si que a coesão tinha aumentado enormemente e que seria bom que ninguém se atrevesse a ameaçar aquilo em que se tinham tornado. Alguns diziam, em jeito de provocação, que até seria bom que alguém se atrevesse a fazê-lo.

As tácticas aprendidas foram úteis também para abordar o terreno de forma pragmática, para que a liderança funcionasse segundo um autoritarismo

mais eficaz, para que rapidamente se designassem funções, se elaborassem planos, se escalonassem hierarquias, prioridades. Funcionavam agora como unidades de um mesmo organismo, como um todo feito de partes que se defendem mutuamente e defendem em conjunto o todo.

Se esta operação decorresse sem anomalias, havia um compromisso de firmar mais 4 contratos, para localizações em 3 continentes diferentes. *Sem anomalias* era algo que dependia em parte da acção das seis equipas, e da avaliação do cliente, de uma série de testes que depois seriam feitos e de um período de pelo menos 3 meses. Sobre aquilo que deles não dependia, não valia a pena perder muitas calorias. Sobre o que lhes competia fazer, passaram a ter uma divisa, que o sargento lhes berrou dia após dia: *do your fucking job!* Passaram a terminar frases assim, a cumprimentar-se desta forma, a atender o telemóvel com esta frase, a ter a frase como divisa no email. Do your fucking job. Diziam-no, depois do que foi, afinal, uma recruta, com um sorriso, e um sentido de realização, já sem a violência autoritária com que o instrutor lhes foi introduzindo a ideia na cabeça. Do your fucking job. Uma ideia simples e libertadora. O trabalho do outros aos outros lhes compete, quanto a ti, quanto a mim, just do your fucking job.

Insularidade

“Senhor, acabámos de receber uma comunicação que vai querer ler.”

“E de onde é que vem?”

“De onde? Moscovo, senhor.”

“Moscovo. Dos russos?”

“Não. Vem dos americanos.”

“Dos americanos? Explique-se.”

“Bem, aqui diz Moscovo, Idaho.”

“Deixe-me ver isso. Não são americanos, homem. Aqui diz Idioglossya. República de Idioglossya. Já ouvi falar deste nome. Ainda tem aqueles panfletos dos tipos que ocuparam um dos atóis que fica entre nós e Vanuatu? Mostre-me. Aqui está. *Seja independente. Venha viver para a mais jovem e pujante das repúblicas, no mais pacífico dos oceanos. Idioglossya, falamos a sua língua.* Quem são estes tipos?”

“É um pedido... diplomático.”

“Estou a ver. Não faz sentido nenhum. Eles não conhecem os canais diplomáticos. Não percebo. E além disso pedem uma reunião e estão já a abrir o jogo e a dizer o que querem. E porque é que usam a expressão República? Isso é oficial? Alguém os reconheceu oficialmente como estado?”

“Que eu saiba não, Sr. Ministro.”

“De qualquer forma, isto é estranho, porque é que nos enviam correspondência através da dita embaixada nos EUA e porque raios é que a embaixada nos EUA é em Moscovo, Idaho?”

www.idiogloss.ya

Decida a sua cidadania

Seja a mudança que deseja para o seu mundo

Faça-nos saber o que faz de si um idioglota

Quem primeiro anunciou a mudança foi a CarbonGentleman, grupo que detinha a BloodPrint, a GenderCast, uma pequena participação na Preal Systems e mais de metade da zLock, o segundo maior fabricante de drones, terceiro no fornecimento da indústria militar e de vigilância e principal fornecedor mundial de stalker drones, para o mercado comercial de cobertura de eventos e de entretenimento. O comunicado apanhou todos de surpresa. E foi só a partir do comunicado, aliás, que se soube da participação do grupo nas várias empresas.

A CarbonGentleman quer continuar a merecer a confiança de milhões de clientes em todo o mundo, através das empresas líderes nas suas áreas que fazem parte do seu portfolio. Para isso irá continuar a inovar, tendo em consideração as necessidades e preocupações de quem recorre aos nossos serviços.

Hoje, todos os serviços contratualizados, aplicações e componentes de software da Bloodprint, do GenderCast, do Preal, bem como os drones zLock, terão os seus termos de serviço actualizados. A mudança irá aumentar o nível de privacidade dos nossos clientes e proteger os seus dados e a sua segurança.

Tudo o que aconteceu a seguir merece quase o adjectivo *catastrófico*. O comunicado, traduzido, significava que os utilizadores de qualquer serviço, mesmo os serviços gratuitos, passavam a ter que pagar por um serviço chamado net privacy, se quisessem ter o privilégio de os seus dados pessoais não passarem a ser de acesso universal, instantâneo e público.

A explicação avançada pela CarbonGentleman era de que os dados pessoais só estão protegidos realmente com protocolos de segurança de encriptação avançada, caso contrário qualquer hacker medíocre ou até um utilizador comum que entre em contacto com técnicas de hacking consegue quebrar as primeiras linhas de defesa. E as empresas que detêm a informação, por mera contingência, não porque estão no negócio da privacidade, devem ser as primeiras a preocupar-se com a segurança dos seus clientes, é certo, mas isso deve ser um serviço premium, pago, visto que implica despesas operacionais imensas.

Se é certo que a vasta maioria da população se manteve em silêncio, aparentemente sem vontade de se manifestar contra a mudança nos termos de serviço, dos mais de 950 milhões de utilizadores das empresas do grupo CarbonGentleman, várias minorias muito ruidosas se manifestaram.

Era o segundo ano de existência da aplicação Preal, e do underground de utilizadores que estavam a fazer da aplicação um sucesso discreto mas consistente houve uma reacção visceral. Uma das primeiras acções de protesto foi comprar o domínio freedom.ya, e usá-lo para publicar um manifesto libertário a escarnecer do fundo que geria os interesses do meta-estado para onde se tinha mudado o grupo CarbonGentleman. Ninguém ainda sabia da mudança de sede fiscal e isto foi um golpe que atingiu a imagem do grupo financeiro, pelo menos junto dos consumidores mais atentos ou mais sensíveis a estas questões. A grande maioria continuava alienada. Por outro lado, os domínios .ya, recém criados para o quasi-estado Idioglossya, estando disponíveis para qualquer cidadão, tinham o preço mais caro do mercado, ninguém imaginou que uns hacktivistas comprariam freedom, o mais caro, entre domínios caros, um nome premium, com o fim específico de atacar, procurando descredibilizar, a origem do domínio.

Cidadãos do mundo de cada um! O direito de esmurrar a própria cara é inalienável. Desde que não vá ao bolso dos outros cidadãos, cometendo a violência de lhes roubar o seu sustento para ter o privilégio de comprar luvas de boxe para meu abnóxio luxo, posso esmurrar a minha livre cara até todos os meus dentes caírem, num derradeiro louvor à liberdade. Desde que não exija a mais ninguém que pague a conta do médico, posso esmurrar a minha própria cara, até me incharem os olhos com que vejo o meu mundo, a minha terra, minha tão grande terra. Desde que o movimento de braços não entre no

espaço aéreo de outro livre esmurramento, desde que, inusitadamente, não esmurre outra tão livre cara, posso esmurrar até me faltar a força. Somos livres, cidadãos! Esta liberdade de agir, contra mim e contra todos, de ter iniciativa e de não ter iniciativa, de não pagar os caprichos dos outros, ninguém terá capacidade de limitar, nunca! Cidadãos do mundo, não se unam a quem vos quer esfolar até ao último cêntimo! Cidadãos do mundo, não se unam, sejam unos! Punho erguido, só para evitar mendigos e ladrões!

O manifesto em freedom.ya não resultou como os hacktivistas esperavam. A linguagem que usavam não chegou a muita gente. E, além de não haver nenhuma reacção oficial ao manifesto divulgado a partir de freedom.ya, o domínio e o seu conteúdo foram deixados absolutamente incólumes. Estavam todos preparados para lutar contra a censura, mas ninguém se tinha preparado para ser ignorado. Havia servidores espelho. Havia forma de fazer o relatório de quando e como os maus tinham censurado os bons. Tinham até preparado formas bastante inovadoras de reportar em tempo real todos os ataques que sofressem, um por um. Mas os maus ignoraram os bons. Anos depois, Idioglossya acabou por usar a expressão “não se unam, sejam unos”, “don’t unite, be unique” numa estranha inversão da história. E só quando os hacktivistas decidiram que não valia a pena renovar a assinatura do domínio, passado cinco anos, é que o registrar .ya reservou o nome freedom, passando a ficar indisponível.

Mas as outras iniciativas foram criando ondas de impacto, mais ou menos dispersas. Online, os vários grupos que protestavam contra a medida rapidamente convocaram um ano inteiro de protesto, com uma vigília semanal junto à sede de cada uma das empresas. Nas primeiras cinco semanas, muitos milhares de pessoas se foram juntando e parecia que o movimento de protesto ia crescer inevitavelmente. Pelo mundo eram organizadas vigílias junto aos escritórios e filiais, ou em locais simbólicos. À quarta semana, estimou-se que um total de cerca de 200.000 pessoas, em todo o mundo, se juntaram para protestar contra a medida. Mas foi esse o máximo de manifestantes que se agregaram em volta da causa.

Ao terceiro mês, restavam apenas algumas centenas. Era altamente organizado o resto militante, segundo uma estrutura que se revezava, para que todas as semanas não faltasse um número ainda assim significativo de pessoas em cada uma das sedes das empresas da CarbonGentleman. Foi nessa altura, de relativa estabilidade dos protestos, que se percebeu que a mudança ia ser global. Mais 5 grupos adoptaram a mesma mudança de termos de serviço. Smith Key Investments, Lockheed Group, DigiTall Xiu, CoreSof Corporation e GHJ Tact.

Mais de 65% do mercado digital e de hardware tinha agora a cláusula de privacidade. O argumento tinha sido simplificado. Usava-se um exemplo, uma comparação. Dizia-se simplesmente, em toda a comunicação social: quem adquiria um domínio, desde sempre, tinha dois preços. O preço normal, mais económico. E o preço, pouco mais elevado, para quem deseja pagar pelo privilégio da privacidade. Ninguém fica excluído do direito à privacidade. Mas ninguém fica, de igual modo, excluído da possibilidade de ter um preço mais económico. O que já existia há muito tempo na indústria de alojamento de sites, simplesmente passava a existir de modo mais alargado. Estava a corrigir-se um problema, uma falha do sistema, que com esta alteração seria mais

justo, mais equilibrado e, no fundo, com mais opções, incluindo a opção mais económica.

O público reagiu de forma pouco alarmada. Três meses a falar do mesmo assunto tinham esgotado a tolerância para continuar a discutir os detalhes de algo que, à superfície, parecia não mudar nada. Quase ninguém estava interessado em passar a pagar mais. E como para isso não era necessário alterar nada, para que o assunto fosse embora, bastava deixar de pensar nele. No entanto, os tendencialmente mais activistas viram nas notícias motivos para reagir com mais radicalismo. Comentavam que isto indiciava o início de um ataque generalizado aos direitos dos utilizadores da web.

Por esta altura, as sedes de todas as empresas dos seis maiores grupos do sector tinham morada em Idioglossya. Metade operava já exclusivamente em moeda virtual, todos tinham moeda virtual como opção. Em Idioglossya não havia impostos, nem obrigação de adoptar a moeda local, que era o ØG. E acabara de ser anunciado um direito de qualquer idioglota. Nas palavras de um anúncio a circular online, “É um direito inalienável de qualquer idioglota escolher a sua nacionalidade, mantê-la, alterá-la, dela abdicar”. Ao comprar metros quadrados em Idioglossya, o contrato incluía serviços jurídicos que providenciavam consultoria no sentido de ajudar a obter dupla nacionalidade, mantendo a nacionalidade de origem, abdicar da nacionalidade de origem, renunciar ao conceito de nacionalidade, mudar para qualquer nacionalidade de um estado mais compatível com as liberdades financeiras e políticas desejadas ou qualquer outra situação que fosse desejada.

O quasi-estado funcionava, na prática, como uma gigante operação imobiliária, com certas complexidades financeiras, jurídicas, e diplomáticas. Vendia espaço num atol, que já só tinha apenas alguns dos condomínios mais mais luxuosos à venda, 7 casas, cada uma no valor de 78 milhões de ØG, e tinha anunciado nova fase de expansão do seu território. O segundo atol, a 20km de distância, segundo idioglossya.territory iria estar disponível para colonização dentro de 1 ano. A moeda idioglótica, ao contrário das principais moedas virtuais, não estava indexada ao dólar nem a qualquer outra moeda. Quando os termos de serviço mudaram, para os cinco grupos económicos além da CarbonGentleman, 1 ØG valia 0,27 dólares.

Segundo algumas fontes não oficiais, Idioglossya estava em contacto com Tuvalu, para que este estado intercedesse no sentido de ser aceite no Grupo de Líderes Polinésios, com o estatuto de membro observador. Dizia-se que, sendo verdade, não havia no entanto nenhuma possibilidade de Tonga, estado soberano, Niue, estado autónomo, e a Samoa Americana, membro observador, votarem a favor do convite a Idioglossya, assegurando a unanimidade necessária. De entre os membros fundadores, um destes três estados era suficiente para inviabilizar a entrada no grupo do estado embrionário.

A legitimação de Idioglossya era algo controverso, mesmo paradoxal, na forma como se comunicava para o exterior. A pouca literatura disponível fazia com que se entendesse Idioglossya, se não como um anti-estado, pelo menos como um não-estado. Idioglossya era o sítio para onde ir para estar longe do Estado. O sítio onde os estados não chegavam. O sítio onde, finalmente, os indivíduos poderiam ser livres de exercer a individualidade. Livres de se expressar, sem a intervenção estatal, sem o peso, sem as leis, sem o abuso, sem o desconforto, sem o olhar, sem a condescendência, sem a devassa

constante de um Estado. Então o que era? Um estado, provavelmente, não seria.

Era um projecto privado, de privados, para privados. E o que são privados? Eram pessoas que entendiam as necessidades de pessoas, cansadas como pessoas, de novo, sempre a menção ao estado, cansadas, dizia-se, da perseguição do estado. Ir para Idioglossya não era ir atrás da utopia. Era viver sem a tirania do Estado, construído para impor uma utopia, esmagando o potencial de cada indivíduo, à força de impedir cada um de crescer o máximo, porque o estado apenas pode gerir o que tira dos que mais conseguem para dar aos que conseguem menos, e até desses tira para dar aos que nada conseguem ou nada querem fazer. Tudo isto se encontrava na literatura que ia explicando o que estava por trás, ideologica e filosoficamente, daquela ilha anelar no limite ocidental da Polinésia, ali, já na confluência da Micronésia e da Melanésia.

Elsies™

Mais tarde não houve notícias sobre o comportamento suspeito da polícia. Ambos os grupos se queixaram da apatia com que o destacamento das forças especiais observou o pequeno caos à porta da sede da zEye. As únicas intervenções aconteciam quando alguém se aproximava, cambaleante, dos agentes, munidos de bastões e capacete. Era escoraçado, cirurgicamente, com uma cacetada, com a força e a precisão suficientes para se afastar na direcção de onde tinha vindo. Continuavam os confrontos, até esgotarem toda a sua energia sem que terceiros os procurassem dispersar.

Os primeiros a chegar tinham sido os que protestavam contra a possível mudança. Eram uns 500, 600, tinham a cara tapada e tornaram-se violentos rapidamente. Com alguma organização, arremessavam pedras e outros projectéis pesados, bem como armas incendiárias e houve pelo menos dois tiros disparados, embora não fosse possível determinar a sua origem. Quando o som dos disparos se escutou, já o segundo grupo tinha chegado.

Cerca de 1500 pessoas, sobretudo com cartazes, vinham manifestar o seu apoio à mudança. Alguns tinham armas brancas e um pequeno grupo tinha trazido bastões e outras armas de combate corpo a corpo. Alguns elementos, infiltrados nos dois grupos, tiveram provavelmente um papel activo na escalada da violência. Mas ninguém conseguiu ou quis apurar esse detalhe. A polícia, como habitualmente, teria agitadores e outros elementos à paisana em ambos os grupos cuja acção ninguém soube documentar.

Ninguém morreu.

A descrição nos órgãos informativos contrastou fortemente com a explosão panfletária nas duas frentes militantes. Não houve um único comunicado, nenhuma declaração oficial. Mas, online, os apoiantes da decisão e os seus detractores digladiavam-se ferozmente em argumentos e mesmo ataques cibernéticos aos sites de cada um. Hackers de cada um dos lados revezavam-se, para que 24 horas por dia fosse possível continuar a beligerância. Atacando servidores, negando acesso a contas, tomando conta de domínios alheios, enviando correspondência em nome do adversário, assegurando a continuidade da guerra aberta.

A zLock, por esta altura, já ocupava um dos maiores lotes em Idioglossya, com uma população de mais de 500 habitantes. Tinha-se mudado completa e definitivamente, se é possível dizê-lo. Operava a partir do crypto-estado insular. Tinha reduzido a sua força de trabalho até um mínimo de pouco mais de mil.

Fora do atol do pacífico, os restantes assalariados do grupo eram sobretudo o que se podia chamar de diplomatas empresariais, se se quiser evitar qualquer expressão que contenha a palavra lobby. Havia ainda cerca de 50 operacionais que tratavam de questões burocráticas e jurídicas. E mais 20 que lidavam com a parte financeira e faziam a ligação entre as principais zonas económicas internacionais e a sede. Quando foi tomada a decisão e eclodiu o protesto, houve o boato que a zLock, grupo a que pertencia a zEye, tinha destacado um grupo de 300 operacionais para lidar com a situação. Dizia-se que era composto de algumas dúzias de peritos dos quadros do grupo mas sobretudo de contratados, junto de parceiros e através de algum processo de recrutamento que não se tornou público. Como houve a percepção de que

poderia haver interesse em contratar mais alguém, não tardaram em afluir milhares e milhares de candidaturas espontâneas de apoiantes de todo o mundo e mesmo muitos voluntários dispostos a trabalhar sem qualquer remuneração, no sentido de proteger a empresa do que consideravam um ataque ao qual era necessário reagir.

Um dos grupos de hackers mais activos publicou uma troca de emails que dava a entender que se estava a preparar um atentado contra um escritório da zLock em Moscov, Idaho. O grupo tinha sido o primeiro a abrir escritório na localidade onde Idioglossya tinha embaixada e neste momento também a CarbonGentleman, a DigiTall Xiu, e a CoreSof Corporation tinham na cidade nortenha do Gem State o que chamavam um Proxy Consulate. Na prática era um local onde qualquer empresa ou instituição poderia tratar de investimentos ligados com o grupo, e qualquer outro assunto poderia ser tratado numa fase preliminar, agilizado com Idioglossya ou com outro dos grupos empresariais do mesmo crypto-estado. Ali estava a formar-se um cluster e já tinha sido lançado o convite para outros grupos e fundos de investimento ali abrirem os seus proxies, mesmo que não estivessem ainda a habitar Idioglossya. Obviamente, ninguém necessitava de deslocar-se a Moscov, nem sequer a Idaho, para fazer negócio com qualquer dos interesses ali representados. Mas as sedes reforçavam uma espécie de simbolismo que ninguém ainda compreendia muito bem.

Depois da publicação da troca de emails, deu-se o evento que ficou conhecido como Noite do Milhão de Olhos. Os hacktivistas apoiantes da medida lançaram uma campanha pública para reunir um milhão de drones para passar a vigiar os hackers adversários. Quando publicaram o apelo, tornaram pública a assinatura pessoal zSign, que permite a um drone identificar e seguir uma pessoa, onde quer que ela esteja, de mais de 300.000 pessoas, incluindo muito mais do que as 20.000 pessoas que estavam na mailing list que se referia a um hipotético atentado. A campanha foi um sucesso e conseguiu-se reunir mais de 1 milhão e 300 mil drones. Os hackers fizeram uma pirâmide de prioridades, em que no topo estavam os mais perigosos, que teriam a vigiá-los 10 drones, 24 horas por dia, de todos os ângulos e distâncias. A seguir os muito perigosos, com 3 drones, 24 horas por dia, a seguir os perigosos, com 1 drone, 24 horas por dia. Depois os prioritários, com 1 drone, 12 horas por dia, e os instáveis, com 1 drone 8 horas por dia.

Durante três meses mais de 2 milhões de drones vigiaram cerca de 300.000 pessoas, já que o sucesso da campanha fez com que mais pessoas aderissem e a página Adopt-a-Drone criou mesmo um evento chamado “Two Million Eyes”, cujo objectivo era chegar aos dois milhões, onde quem quisesse poderia patrocinar um drone, para que fosse mais fácil alocar recursos para esta mega campanha de vigilância. Por fim foi quebrado o silêncio.

Um breve comunicado da zEye, dizia o seguinte: *Estamos prontos para seguir em frente. A sociedade civil mostrou que deseja a evolução. Os ecossistemas sabem sempre adaptar-se às mudanças. E o ser humano demonstra o seu sucesso por ser a espécie que melhor sabe adaptar-se. Convidamos os que têm estado a lutar a voltar a entender-se num espírito de cooperação. Foi decidido, porque é esse o caminho do futuro, que as Elsies terão mais opções, incluindo a capacidade de fotografar os outros utilizadores.*

Se representássemos num gráfico o crescimento da empresa zEye, teria apenas dois momentos, bem distintos. Um primeiro, de 21 meses, de

crescimento exponencial. E um outro de estagnação, enquanto durou o impasse e a campanha dos apoiantes da decisão. A estagnação, ainda assim, é explicada pela decisão da empresa de não admitir novos utilizadores, enquanto a decisão ficou pendente. Quando a decisão foi tomada, havia já outro tumulto a ocupar o interesse do público, que tinha a ver com a empresa mãe e com todos os grupos maiores do sector. Deu-se a decisão de mudar os termos de serviço, obrigando os clientes a pagar pelo serviço de net privacy. Quando a zEye voltou a abrir o serviço a novas subscrições, actualizou também os termos de serviço, tal como a maioria das empresas do sector. Quem quisesse privacidade, teria de pagar por ela. Esta medida, como muitas outras, passaram despercebidas do grande público. Mas, instantaneamente, uma parte do hacktivistas apoiantes da mudança, passaram a ser críticos da empresa.

No nano-segundo a seguir à mudança de termos de serviço, uma lista com todos os dados pessoais dos hacktivistas apoiantes foi tornada pública online. E de imediato foi iniciada uma campanha com prank-drones, de resposta aos três meses de campanha de vigilância. Um evento chamado 100 Million Pranks foi criado no Adopt-a-Drone. E a ideia era, já que se tinha a zSign de todos os hacktivistas que tinham apoiado a mudança, enviar prank drones que os iriam assolar com bombas de água, bombas de cheiro, tinta, confettis, espuma, narração-revelação, hologramas embaraçosos e uma parafernália de eventos ao ritmo de 100 pranks por minuto, sempre que se encontrassem ao alcance do drone, até que se conseguisse chegar às 100 milhões de pranks.

Tudo tinha começado cerca de dois anos e meio antes. No BTH, as 1000 pessoas que tinham testado a aplicação tinham dado uma pontuação média de 68% (sendo qualquer valor acima de 65% considerado um êxito estrondoso), e as pessoas que tinham seguido o teste através da aplicação, bem como os académicos que a seguiam através dos canais científicos, tinham também dado classificações altas. Havia uma expectativa enorme quanto à entrada no mercado deste produto. As reservas éticas foram previsível e serenamente manifestadas e, em geral, ignoradas.

Passado o mês de teste no BTH, que se deu depois de um tempo indeterminado e não divulgado de desenvolvimento na zEye, foi lançada no mercado esta novidade. No primeiro dia, mais de um milhão de pessoas se inscreveram através das várias plataformas. E o crescimento foi sempre exponencial. Passado um ano, havia mais de 850 milhões de utilizadores activos. Milhões de pessoas em todo o mundo conseguiam aceder a centenas de milhões de câmaras, do universo zLock e de mais 7 grupos que tinham acordos com a zLock e que, em conjunto, detinham cerca de 93% das câmaras privadas do mundo. As câmaras privadas, estimava-se, eram pelo menos 80% das câmaras em funcionamento em todo o mundo. Com a aplicação zEye, em qualquer dispositivo, bastava um comando e o utilizador ficava a saber quais as câmaras disponíveis em redor. E podia tirar uma elsie. Dependendo da câmara, podia fazer zoom, ou tirar uma elsie de longe. Todas as elsies identificavam o utilizador e ia sendo criado um portfolio público, com uma geotag.

Online, foram-se criando grupos de utilizadores que colecionavam elsies raras, em localizações que ainda não tinham nenhuma foto. Quando, ao clicar na geotag de uma elsie, não aparecia mais nenhuma foto, isso imediatamente

atestava da raridade de uma elsie. Se a foto fosse de um local da terra com algo de exótico, quer pela paisagem quer por alguma outra peculiaridade, pelo momento histórico, ou fosse pelo que fosse, era valorizada. Cada utilizador podia votar nas outras elsies e não podia retirar a votação, uma vez dado o seu voto. Só podia votar depois de ele próprio receber votos. Quantos mais votos recebesse, mais votos poderia distribuir. Não havia limites para os votos que alguém podia dar. Uma foto poderia literalmente ter uma votação de 5.030.987, o que também queria dizer que o utilizador que registou essa elsie iria ter mais 5.030.987 votos para distribuir pelas elsies dos outros utilizadores.

A aplicação só permitia usar as câmaras detectadas para se fotografar a si próprio. Isso era feito porque, quando o utilizador se registava, fazia-o com o seu zSign. E quando tirava uma foto, a câmara, fosse uma câmara de drone, fosse qualquer outra câmara, só tirava a foto depois de passar por essa assinatura.

Taylormaid™

Na 27ª Feed Con, pelo menos um terço das apresentações e dos stands estavam relacionados com o software Taylormaid. #myhappynews tinha inspirado uma série de taylorfeeds, como #happypolitics, #happyworldnews e #myhappygreenplanet, que se dedicavam a fabricar o que os seus curadores tinham desenhado. Durante toda a semana decorria um concurso para os melhores ClonePipes, sendo os prémios entregues no penúltimo dia.

Embora muitos curadores publicassem na página do seu taylorfeed os detalhes com que o desenharam, eram mais populares os feeds em que não se sabia como o resultado tinha sido atingido. Para alguns taylor mais fanáticos e dedicados ao mundo a que este software lhes permitia aceder, havia grande mérito em ter um feed impossível de clonar. Foi até criada uma página que servia de observador e de placard, e que era um podium permanente: o clonecountdown.feed, onde cada curador mais entusiasta queria estar bem classificado. Ter alguma vez estado no top 3 era atingir o estrelato num certo underground. A única forma de um taylor, o nome que os curadores mais imersos nesta cultura usavam para se designar, ver o seu feed no ranking do clonecountdown era fazer login com os dados da sua conta Taylormaid e submeter o seu taylorfeed. Assim que o fazia começava um contador a contar os dias, desde o 0, e qualquer um poderia tentar clonar aquele feed. Havia sempre muitos candidatos. À medida que o feed sobrevivia 30, 60, 90 dias sem surgir um clone, hackers, entusiastas, linguistas, clãs de taylor discutiam as possibilidades e as formas de derrotar aquele feed. Tornava-se um alvo cada vez mais apetecível.

Um dos primeiros a ficar mais de 200 dias sem ser destronado foi #elvislivesiniceland e enquanto durou o seu reinado houve pelo menos uma dúzia de candidatos. Mas não passaram o teste que está estabelecido como prova: o candidato a clone deve funcionar, ao mesmo tempo que o taylorfeed original, e produzir exactamente os mesmos resultados durante exactamente 24 horas. Interessa pouco, portanto, a descrição que o curador faz sobre o seu feed. O que interessa é o conteúdo que é produzido, de facto, para este teste.

Os nomes dos feeds podem ser enganadores, simplistas, irónicos, demasiado optimistas. Ou pode um curador ser inexperiente, descuidado ou inábil com o software, ou intencionalmente querer designar ou descrever erroneamente o conteúdo do seu feed.

Quando se trata de um feed aberto, todos os critérios que foram usados para o criar são conhecidos por quem visita a página. Os taylor mais empedernidos não costumam publicar feeds abertos, embora haja, como noutras comunidades, sites com tutoriais e feeds abertos que servem de exemplo. Mas tudo num nível de principiante. Não se conhece, com meia-dúzia de excepções, que são recebidas como os prestidigitadores que revelam os truques dos seus colegas, casos de taylor que publiquem em aberto feeds realmente interessantes. Um dos casos que a comunidade mais antiga e fanática recebeu mal, foi a publicação em aberto do conhecido feed #thepopeisawoman. Quando no blogue de tr@ckster surgiu um link com o aspecto |#thepopeisawoman|, rapidamente foi partilhado milhares de vezes, porque se sabia que o sinal gráfico | indicava que aquele era um feed aberto.

As objecções dos que não pretendiam espalhar o conhecimento sobre como criar os taylorfeeds mais desafiadores aparentemente faziam sentido.

Pouco depois de tr4ckster ter mostrado como desenhou o conhecido taylorfeed, outros surgiram que pareciam inspirados naquele. Tal como #thebeatlesbackontour, #dinosaurstoday, #nixoncloneforpresident, #niagarafallsfroze. Este último surgiu com uma novidade que era também a grande sensação da Feed Con este ano.

Pedro Önnuson em pessoa tinha vindo, dizia-se, para assistir à apresentação da PrealMaid, aplicação que só por existir tinha criado enorme controvérsia. A Preal estava a considerar um processo pelo uso do nome. Önnuson, CTO da TaylorMaid, já tinha declarado que a companhia não ia avançar com nenhum processo e que de resto não era essa a forma como achavam que as empresas de tecnologia deveriam estar no mercado. O importante era apostar-se na inovação e os empreendedores deveriam ser premiados, não ameaçados com o tribunal.

Estas declarações tinham caído bem nas duas comunidades. A aplicação TaylorMaid era gratuita e havia, segundo documentos divulgados pela CorporateLeaks, que incluíam correspondência privada das mais altas esferas, pressão dos investidores para que o dinheiro comesçasse a entrar. Um novo player vinha deixar todos ainda mais nervosos. Já a Preal era cara. Os seus utilizadores eram os que mais pagavam, em média, segundo os números publicados, mesmo comparados com o nicho GenderCast.

A PrealMaid era a novidade mais aguardada e embora o domínio prealmaid.feed já estivesse reservado e quem visitasse a página visse um contador sincronizado com o momento da apresentação na Feed Con, não se sabia mais além do que o nome sugeria.

Ora, um conhecido taylor e prealist, que usava o nome filther, tinha de alguma forma talvez tentado antecipar-se à apresentação da PrealMaid. Era ele o taylor que tinha criado #niagarafallsfroze. E tinha criado o feed Preal ¶niagarafallsfroze. No dia antes da apresentação da PrealMaid, filther tinha perante si algumas dezenas de taylors e prealists, no espaço Feed showcase. Tinha conseguido reservar 25 minutos para a demonstração, a que chamou “Mono-themed dual feed reality increase – a Preal and TaylorMaid bond experiment”.

Um vikno 50k, virado para a assistência, exibia em grande formato e grande resolução o feed ¶niagarafallsfroze. Ver as Cataratas do Niágara congeladas, águias a voar contra um fundo dramático de idade do gelo tinha um efeito impressionante no enorme ecrã da Preal. Mas todos ali já conheciam este feed, que era um retrato vivo, como a maior parte dos feeds Preal. Este feed em particular era já um clássico, um dos mais conhecidos no mundo prealista. Um outro ecrã, ao lado do vikno, ia mostrando as actualizações do feed #niagarafallsfroze. Notícias, a um ritmo irregular mas frequente, pelo menos uma ou duas a cada dois minutos, iam explicando e reportando o congelamento das Cataratas do Niágara. Filther nunca conseguiu que mais de 15 pessoas estivessem sentadas a escutá-lo. Os espaços na Feed Con estavam concebidos para que fosse fácil circular, espreitar as novidades e continuar para o próximo stand. Antes mesmo que ele comesçasse a falar, dois terços das pessoas já tinham saído. Enquanto falou, continuavam a chegar, espreitar e ir embora curiosos, sozinhos ou em grupos pequenos. Mas poucos o escutaram desde o início. E menos ficaram até ao fim. A possibilidade de

usar um taylorfeed e um feed prealista desta forma, um simplesmente a descrever o outro, já estava prevista e amplamente discutida online. Não lhe atribuíram grande mérito por ser o primeiro a apresentá-lo numa Feed Con. Foi interessante e despertou curiosidade, mas não passou disso.

Ninguém viu Önnuson a não ser no dia seguinte. Esta era uma figura que despertava o interesse de pequenas multidões. Por ser neto de quem era e pelo seu percurso, envolto em sucessos e mistérios. Pedro Önnuson mostrava-se geralmente avesso a câmaras e microfones, o que aumentava ainda mais o culto à volta da sua personalidade. Havia quem dissesse que ele tinha criado um software que bloqueava o sinal dos drones no raio de um quilómetro à volta dele. Diziam também que ele não tinha zSign. Que não tinha telemóvel. Que tinha um implante no crânio e que era com o implante que comunicava. Que a maior parte dos perfis online falsos em nome dele era ele próprio que os criava.

Sabia-se que tinha abandonado o projecto speechCrawler, desde o desentendimento na conferência em Malmö. Randolphsson recusava-se a falar sobre o assunto. Sabia-se que ainda não tinha sequer 25 anos e que o consideravam um anarquista, ou pelo menos, nas palavras de um conhecido jornalista de Silicon Valley, “patologicamente independente”. Não se conheciam os investidores por detrás da TaylorMaid, mas sabia-se que tinham muito dinheiro e que ainda não tinham sede em Idioglossya, porque, quando na última Feed Con perguntaram a Önnuson se a TaylorMaid estava a pensar mudar-se para o crypto-estado e se ele se imaginava a lá viver, a resposta tinha sido, “no fim do mundo já vivemos nós”. Quando o jornalista o pressionou, perguntando-lhe se se referia ao tempo ou ao espaço, ele acabou por responder à primeira parte da pergunta, “espero que eles saibam que se fizerem uma idiotice como essa, eu vou vou à minha vida e fundo a minha própria companhia.”

Duas horas antes da apresentação do PrealMaid, foi visto na companhia de uma mulher que mais tarde se identificou como Ana Bulhim. Várias pessoas os acompanhavam, e era difícil chegar à fala com Önnuson ou Bulhim, que viria a apresentar PrealMaid ao mercado.

Um ano antes, sobretudo nos fóruns prealistas, em algumas comunidades linguistas, no mundo open source, e, na Feed Con com algum destaque, estava a ser apresentada pela primeira vez a TaylorMaid. Havia na altura uma comunidade que fazia web mashups, que acolheu com entusiasmo a nova aplicação. Auto-intitulavam-se pipers e tinham, com relativo sucesso, feito reverse engeneering do extinto Yahoo! Pipes. Discutiam entre si as possibilidades semânticas do que tinham feito e do que era possível fazer noutras áreas. Eram debates imaginativos, mas que ainda não tinham produzido nenhuma outra aplicação prática.

O TaylorMaid, sendo uma ideia original, caiu no seio da sua comunidade como uma caixa de ferramentas pronta a estrear. Já nas comunidades open source, o entusiasmo foi sempre refreado por razões óbvias. O código era fechado. Pedro Önnuson oferecia um novo e excitante conjunto de ferramentas, mas não partilhava o código com que tinha criado estas novas possibilidades. Havia, é certo, protocolos de verificação, certificados, tudo o que havia no mercado e mais meia dúzia de sistemas que Önnuson ofereceu para procurar garantir que nada de estranho e suspeito se estava a passar “under the hood”. Mas ainda assim, o ancião Richard Stallman bem como outras individualidades, quer do Free Software quer das camadas mais

subterrâneas da resistência militante pronunciaram-se contra o uso da aplicação. No seu único comentário, feito numa conferência de imprensa com um tom estranhamente pessoal, Pedro Önnuson parecia desapontado com a não aceitação dos seus heróis. Chegou-se a esperar que ele mudasse o carácter do projecto, disponibilizando o código para todos, e organizando um projecto open source, como nos tempos do speechCrawler. Mas isso não viria a acontecer.

Como geralmente acontece com todas as ferramentas que ganham uma aura de novidade e excitação, a maior parte das pessoas aderiu com entusiasmo. Foram os pipers que lideraram em entusiasmo e em criatividade. Usando o que tinha aprendido em linguagem e semântica e a capacidade desenvolvida para vasculhar a Internet, Önnuson criou um tipo de feeds em que primeiro se definia o que se desejava como conteúdo.

Definia-se quantos e quais os critérios. E depois, o que é que, exactamente, se queria ver como notícia ou actualização. TaylorMaid tratava de vasculhar a Internet procurando conteúdo que se ajustasse ao que se tinha definido. Um exemplo, alguém queria um feed em que todas as notícias confirmavam que não existiam quaisquer indícios de aquecimento global. A TaylorMaid ia procurar fontes para garantir que o conteúdo das actualizações dissesse isso mesmo. Primeiro, no entanto, era necessário explicar à aplicação o que é que se entendia por “notícias que confirmavam que não existiam quaisquer indícios de aquecimento global”. Para um utilizador poderia ser suficiente, ou preferível, eliminar todas as notícias que tivessem referência às mudanças climáticas. A TaylorMaid iria assegurar, funcionando como um filtro, que as notícias habituais eram filtradas e eram retiradas as que dizem existir alterações climáticas. Alguns, ainda próximos desta forma de pensar, poderiam considerar que as notícias em que referências negativas, dizendo que “é mentira que existem alterações climáticas” ainda assim o incomodam porque o fazem pensar em alterações climáticas. Então o filtro remove todas as notícias, quer as positivas, quer as negativas. Podem existir utilizadores que desejam apenas as notícias que negam que existem alterações climáticas e que querem remover as notícias que afirmam existir alterações climáticas. Outros utilizadores, cansados das notícias que insistem na negação das alterações climáticas, podem desejar um filtro que remova apenas estas.

Há utilizadores que passaram a usar filtros muito simples, que procuram música específica. Ou um tema específico de notícias. Ou, de forma voyeurista, escândalos sobre uma celebridade, ou notícias embaraçosas sobre alguém, ou actualizações sobre a vida privada de alguém. Rapidamente os utilizadores passaram a ser criativos, a fazer experiências, tentar testar os limites. A procurar ver se é possível fazer a aplicação falhar. Procuraram criar filtros para notícias sobre a existência de extraterrestres, sobre a conspiração dos governos, sobre a traição do próprio cônjuge, sobre a imortalidade da alma. Sobre absurdos, sobre a pizza dar super poderes, sobre o chão ser de gelatina, sobre o presidente ter pés de flanela e cinco fileiras de dentes, sobre a terra ser quadrada, sobre o Big Bang ser um clube de tiro e o universo uma discoteca de electro.

Milhares de feeds foram criados, e a grande maioria funcionou, havia actualizações a surgir, quando se clicava no famoso botão “TaylorFeedMe”. Havia conteúdo para critérios estranhos. O conteúdo vinha da rede de informação partilhada pelos humanos que vivem na ciberesfera. Era recolhido e

filtrado e conduzido num pipe, de que não se sabia o código, mas cujas directrizes eram os seus curadores que definiam. Curador foi a palavra oficial, que os responsáveis usavam nos manuais e no site da aplicação, para se referirem aos utilizadores. Mas a expressão *taylors* emergiu das comunidades de pipers, muito rapidamente.

Havia a possibilidade de se mostrar aos outros curadores como construir um pipe, expressão dos pipers, por analogia ao que já faziam, para o conjunto de critérios que criavam um *taylorfeed*. Publicado assim, era considerado um open feed. Os mais orgulhosos do que tinham feito, no entanto, gostavam de desafiar outros a conseguir fazer o mesmo. E publicavam o seu feed como um closed feed, sem mostrar o pipe. Quando o faziam, apenas se via o nome, a descrição, se o autor decidisse incluir uma descrição e as actualizações. Não se fazia a mínima ideia de qual o conjunto de critérios, que poderiam ser imensos e bastante complexos, que tinham permitido obter aquele resultado.

Teoricamente pelo menos, não havia limite para o número de critérios que um *taylorfeed* poderia ter. Os critérios eram acrescentados como palavras, cada uma descrevendo uma interacção semântica, de entre um conjunto vasto de possibilidades. Esses conectores, filtros, modificadores e outros semas, identificados pelas palavras correspondentes, eram arrastados para a sua posição de forma visual, e compunham um algoritmo semântico, que produzia um resultado no fim. Um tubo, um pipe, que os pipers foram os primeiros a perceber. Via-se graficamente, quando algo não estava a resultar, quando se estava a tentar usar um sema no sítio errado. Mesmo quem não tinha queda para a semântica poderia ir por tentativa e erro.

Alguns sectores habituais, como o movimento *Jreal*, reagiram com pessimismo. A forma de protestarem foi a criação de vários feeds, como *#thumanbabiesarekillingtheirparents*, *#deathisfun*, *#thecureforaidsismoreaids*. Foram criticados por não publicarem os *taylorfeeds* em aberto, sendo acusados de hipocrisia e duplicidade. A resposta pronta foi de que não queriam incentivar outros a fazer o que consideravam doentio e que era precisamente aquilo que desejavam expor. Os *taylorfeeds* inventavam uma realidade, uma verdade, à medida do curador. Os defensores do “keep it *Jreal*” ficaram completamente isolados nesta argumentação arcaica, considerada condescendente e sem força descritiva.

Alguns, que se tinham no entanto demarcado completamente dos *Jrealists*, chamavam a atenção para o incentivo à criação de conteúdo novo falso para que fosse propositadamente recolhido pelo software *TaylorMade*. Era o caso da velha guarda do Free Software. Tinha saído um relato no *ThinkTankLeaks* com uma lista de 97 novos Think Tanks, criados nos últimos dois anos, que ficaram implicados num esforço de criar spin para certos temas prioritários. A revelação ligava principalmente os governos ocidentais e alguns interesses financeiros obscuros. Os temas revelados eram quase inócuos, quando postos assim, numa lista de itens como a que foi revelada. Sobretudo quando todos estavam habituados a pensar e a esperar o pior. O próprio documento haveria por ser considerado spin, e tornar-se uma anedota no universo dos sites de revelações.

Ainda assim tudo indicava que nunca como agora existiram tantos Think Tanks nem tanta capacidade de gerar acontecimento e produzir verdade. O próprio evento dos 97 Think Tanks ainda deixava todos baralhados. Usava-se a

expressão com a verdade me enganas para se referir a essa fuga de informação.

Os hackers mais velhos andavam a tentar coligir dados sobre a quantidade de sites e organizações devotadas à pseudo-ciência e à desinformação. Falava-se mesmo em criar um observador online. Em convidar Önnuson, em criar software novo, de rastreamento, que usasse a capacidade computacional de análise semântica em larga escala que existia para fazer algo brilhante e revolucionário.

Mas nada aconteceu. Ninguém falou com Önnuson ou ele não quis trabalhar com quem o abordou. O sucesso da aplicação só aumentou e a críticas dos detractores ajudaram no processo.

Ei-lo, na primeira fila. Ana Bulhim fala. Diz apenas palavras introdutórias, antes de a tela por detrás de si mostrar o que ali foi apresentar. PrealMaid pegou no código open source da Preal e desenvolveu algo novo. Ana Bulhim não precisa de falar muito. Usa um comando e clica. O que ali tem, mesmo se uma boa parte é texto, fala por si. A Preal não vai gostar, obviamente. Mas a TaylorMaid terá razões para ficar muito nervosa, também.

Há um novo protocolo. Como é que foi possível fazê-lo, ninguém percebe, mas a PrealMaid criou um feed que é ao mesmo tempo um taylorfeed e um feed prealista. Aliás, as palavras de Ana Bulhim são simples, modestas. Ela não é uma porta voz. Talvez tenha estado na equipa de desenvolvimento. Não se apresentou, foi directa para o que os presentes esperavam e passou a falar da novidade. Não é eloquente.

O exemplo que traz é básico. §moonfeedcon é um feed que mostra a 27ª Feed Con a acontecer numa base lunar. As notícias sobre a Feed Con são actualizadas com frequência e surgem como linhas que se sucedem no canto esquerdo. Ana mostra algumas das opções de visualização das notícias, que podem surgir em qualquer parte do ecrã, com qualquer grau de transparência, com ou sem imagens. O retrato é uma imagem do interior do espaço da Feed Con, que inclui o sitio onde eles estão, com alterações visuais. Ana parece uma astronauta, bem como centenas de outras pessoas, que devem fazer parte da apresentação como figurantes, tendo os avatares ligados. As paredes, a iluminação, os materiais estão alteradas, como o software Preal faz, para que pareça estar-se num cenário clássico de ficção científica, numa base lunar.

Houve alguns aplausos, fora de sincronia, tímidos, mas sinceros. E o ambiente em geral foi receptivo. O pouco que Ana explicou foi que a PrealMaid iria continuar como um projecto open source para sempre e que contava com a colaboração e com o entusiasmo das comunidades de taylor e prealistas. Disse ainda, de forma um pouco trapalhona e sem verve, que não era o nome da aplicação que fazia a diferença mas o nome dos seus utilizadores. Era uma referência à possibilidade de ter de se mudar o nome por questões legais. Houve de novo aplausos, ainda tímidos e escassos, mas mais sincronizados. E foi então que Ana Bulhim disse. “Quero ainda apresentar-vos o nosso CTO.” Alongou o braço e olhou em frente. E Pedro Önnuson levantou-se e juntou-se a ela.

ActuaLove

Junta-te ao MOO_c5! Amanhã, o teu orgulho sai à rua.

Enfiou o telefone no bolso do casaco, para abafar a voz não solicitada e resfolegou como um equino impaciente. Esquecia sempre que o modo receptivo fazia com que facilmente captasse um anúncio. Bastava que tocasse com o telefone numa etiqueta publicitária NFC que não estivesse assinalada como era obrigatório.

Havia etiquetas NFC dissimuladas por toda a cidade. Era inevitável tocar em alguma, involuntariamente. E o assédio Bluetooth também se tornava cansativo. O seu telemóvel parecia uma central com tantos avisos, sinais luminosos, vibrações, sempre que ligava o ActuaLibido. Muitas aplicações, não só a ActuaLove, tinham optado por usar esta estratégia, nas semanas a seguir à Lei da Discrição.

Impedidas de publicitar as suas aplicações, usando anúncios convencionais, já que a publicidade tinha sido abolida, as aplicações, para funcionar plenamente, requeriam um conjunto ainda maior de permissões. No caso da ActuaLove, os utilizadores tinham de permitir que a aplicação tivesse acesso a todos, literalmente todos os sistemas e processos possíveis e era além disso necessário que o aparelho estivesse completamente visível e conectável, com tudo o que era conectividade ligado, dados móveis, Wi-Fi, bluetooth, infra-vermelhos, NFC, todas as formas possíveis de ligação ao exterior, com outros aparelhos e utilizadores.

Tinha vestido um LoveBody para homem, um ActuaPSpot inserido e a aplicação permitia-lhe controlar os estímulos que Katerina recebia remotamente através do ActuaGSpot. O jogo que agora estavam a jogar tinha pontos e castigos. Eram castigados sempre que, em situações sociais, com outras pessoas à volta, o seu parceiro remoto conseguia, através do aparelho inserido, produzir excitação sexual, verificada em lubrificação, intumescência dos genitais, ruborescência da pele ou outros indicadores, como alteração da respiração ou do fluxo sanguíneo, que a aplicação ia medindo, através dos LoveBody e dos aparelhos inseridos, na vagina de Katerina, no ânus de Mitch.

Os castigos variavam, poderiam ser a publicação de uma foto dos genitais de um deles, com um comentário e uma hashtag reveladores e com referências à aplicação, num site como 9chan.shame, ou a aplicação de uma rotina de castigo pelo prazer, que implicava estimulação rítmica crescente através dos LoveBody e dos estimuladores ActuaSpot durante vários minutos, o que implicava novo castigo, mais severo, já que se verificaria de novo inevitavelmente, excitação sexual. Havia castigos indutores de prazer e supressores de prazer. Castigos que castigavam a obtenção de prazer ou de excitação sexual. Castigos que se baseavam em pequenas humilhações e nestas as que eram efémeras ou que poderiam ter consequências futuras. A existência de castigos fazia parte do jogo ActuaKinky II, que tinha como slogan, turn your daily routines into a pleasure realm. Havia ainda a corrida-ao-orgasmo, que poderia ser accionada a qualquer momento por um deles, mas que quando o era, nunca se sabia se seria na modalidade primeiro-ganha ou primeiro-perde. No caso da modalidade primeiro-ganha, se ambos pressionassem o botão vale-tudo, poderiam masturbar-se. No caso da modalidade primeiro-perde, ambos se entretinham a regular as intensidades e

ritmos dos LoveBodies e ActuaSpots do parceiro, quer segundo rotinas recomendadas, quer manualmente, passo a passo.

O que ambos mais gostavam era de accionar estes jogos em situações embaraçosas. Tinham-se tornado bastante competentes na arte de disfarçar as acções à distância do parceiro. E de cada vez se procuravam suplantar na originalidade, na surpresa, até na intensidade com que renovavam a mesma provocação de sempre.

la para uma reunião da enkrate.ia, e estava nervoso. Gostava do nervosismo, porque o poderia ajudar a ganhar o jogo. Em geral, este nível de ansiedade era incompatível com a excitação sexual, embora fosse uma forma de contenção perigosa. Uma jogada certa, no momento mais inesperado, e no passado ela já tinha demonstrado grande habilidade de inventar trunfos, e poderia ser derrotado precisamente por causa dos nervos. Às vezes o medo, a culpa, o receio de ser descoberto, a mistura entre o sentido de responsabilidade e um secreto gozo da irresponsabilidade dão um poderoso cocktail afrodisíaco.

Por enquanto, sente apenas dores no estômago. A reunião é importante e receia passar vergonha perante os seus pares, sair humilhado, perder a sua posição, ver o status por que lutou estilhaçado. É medo o que sente, mas sem qualquer valor erótico.

Nesta fracção de segundo, em que o elevador abrande e sabe que vai ter de avançar, já a um par de minutos do primeiro apertar de mãos, olha para a porta, fingindo-se confiante. Leu em qualquer sítio que é possível enganar o próprio cérebro, ou que o cérebro se engana a si próprio, ou que o sistema nervoso central engana o cérebro, ou que o cérebro engana as emoções. Seja o que for, é bom convencer-se de que está confiante. Abriu-se a porta de elevador. E o ActuaPSpot vibrou 5 vezes em modo guerrilha.

Churchland Test

“Ouvii falar do Teste de Churchland?”

“O Churchland Test? Isso é uma anedota.”

“Porque é que diz isso?”

“Quer uma resposta académica ou o que me vai na alma?” As duas últimas palavras foram acentuadas por uma expressão de desprezo que lhe contorceu os lábios.

“O que lhe parecer mais adequado.”

Uma pausa, pontuada por uma única exalação. E a seguir, discurso. Sem nenhuma inflexão de raiva. Apenas um olhar que se diria desnecessariamente intenso.

“Os proponentes do Churchland Test falavam em parcialidade inevitável de quem elabora o teste de Turing. Diziam que os testes de Turing eram, inevitavelmente, feitos para provar que uma IA conseguia imitar uma IH.”

“E isso é uma anedota?”

A pergunta funcionou apenas como uma pausa.

“Então propuseram um teste feito para provar que uma IA não conseguia imitar uma IH.”

“Ok. Foram culpados do crime que apontavam.”

“A anedota não é essa. É que o Turing Test pode provar isso. Quer dizer, perante uma entidade, fica estabelecido que conseguimos detectar que é uma máquina ou não conseguimos simplesmente detectar.” A irritação começava a notar-se de novo. “A premissa está simplesmente errada. Eles não perceberam o que é um Turing Test. E obviamente não perceberam o que estavam a propor. Ignorantes”.

O adjetivo foi comprimido. Proferido de uma forma quase monossilábica.

“Estou-lhe sinceramente grato por não ter optado por uma resposta académica. Nesta matéria, receio que o ignorante seja eu. Sou um financeiro. Um estratega. Sei avaliar risco e sei investir. Mas tenho a cautela de não querer fingir conhecer as áreas que não domino, que são bastantes. Chamei-o aqui, porque me garantiram que é o maior perito da sua área. E eu devo reconhecer que a sua capacidade já me tinha chegado aos ouvidos. Já tinha lido alguns dos seus textos e tenho um livro seu, inacabado, por incapacidade minha, reconheço.”

“Perito?”

“Bem. Não o queria insultar. Estou certo que tem um conhecimento vasto e que é capaz de.”

“Não me sinto insultado com facilidade. Gostava apenas de saber em que área é que me considera especialista, em que condição é que estou aqui.”

“Ah, com certeza. Foi como especialista em Inteligência Artificial que o chamei, espero não ter cometido nenhum erro.”

“Espero que não, continue”.

Houve uma pausa para averiguação mútua de ironias. E para se procurar que fio de que meada seria melhor retomar.

“Sr. Rui Addaura, alguma vez jogou poker?”

“Bem, Sr. Ansgar, quando estava no segundo ano na faculdade criei um algoritmo baseado nas probabilidades e nas tácticas do jogo e o meu melhor

amigo criou o seu próprio algoritmo com as suas próprias ideias. Na cadeira de IA desenvolvemos cada um o seu programa de computador durante a apresentação de projecto. E fazíamos partidas em que os nossos programas se defrontavam, usando algoritmos de poker. Isso conta como jogar poker?”

“Talvez seja melhor fazer-lhe outra pergunta. Quando estava a fazer lá as suas programações, usou as denominações Tight, Loose, Passive, Aggressive, sabe o que significam, no poker?”

“Do que me lembro, estudámos esses estilos de jogo, mas vimos outras denominações também e na minha versão havia 8 estilos de jogo que formavam um total de 8x3, ou seja, 24 combinações. Quanto ao meu amigo, ele nunca desvendou que sistema usava na sua programação, mas conhecendo a sua aptidão para a redundância, imagino que teria bem mais combinações.”

Desta vez Ansgar fechou os lábios, fazendo aparecer um arco com a forma de um sorriso invertido, pontuado com duas rugas na testa. Foram subtis e fugazes os sinais da sua irritação e pareciam escapar a Addaura, que quando falava dava a impressão de olhar para dentro.

“Escute, o que estava a tentar dizer-lhe é que, nos meus negócios, vou poucas vezes a jogo, mas quando vou sou agressivo.”

“Entendo.”

Voltou a existir alguma empatia. O olhar a direito de Rui Addaura dizia que a palavra entendo era a versão curta de: muito bem, entendo que é altura de passar a escutar o que tem para me dizer. Ansgar Sigborgson passou a falar. Regressou ao tom inicial, de uma espécie de humildade serena, de quem está confiante que não dirá mais do que é necessário ou justo. Esse tom tinha intrigado Addaura desde que se cumprimentaram e ele começou a falar. Não parecia exhibir nenhuma nota de tensão e, sendo talvez fruto de alguma disciplina ao longo do tempo, não transparecia qualquer conflito interior ou aresta mais aguçada. Era confortável, principalmente para o interlocutor. Por isso, a pequena expressão de impaciência tinha resultado, há pouco. Entendeu-a como uma reacção espontânea a algo que tinha feito, ou causado. Não queria que o seu conforto se transformasse em laxismo ou falta de reciprocidade para com a rigorosa correcção do seu anfitrião.

“Sr. Addaura, tenho muito dinheiro investido em dois ou três dos grupos que.”

“Dois ou três? Como é que isso pode ser? Dois, ou três?”

Desta vez, as rugas aparecem na testa, mas acompanhadas de uma espécie de sorriso neutro, um traço nos lábios que parecia perguntar a quem o visse: devo sorrir?

“Continuando. Muito dinheiro investido em grupos que conhece, pois são dos principais do mercado de aplicações mobile. Além disso, represento um fundo de investimento, digamos, bastante vasto que tem por sua vez investido muito do seu capital em alguns sectores estratégicos. Estou proibido contratual e eticamente de falar sobre a estratégia de investimento do fundo que referi e também não há interesse nenhum em falar em detalhe sobre o dinheiro que eu tenho investido, digamos, de forma mais pessoal.”

Houve uma pausa que funcionou de forma estranha. Rui Addaura continuou em silêncio, contemplando a ausência de rugas na testa de Ansgar Sigborgson, apercebendo-se que provavelmente era a primeira vez que estava numa reunião deste tipo em que a sua maneira de vestir era semelhante à do

seu interlocutor. Ambos usavam fato de cores claras, não muito caro, mas de boa qualidade, sem gravata, e camisa lisa. Como que a aperceber-se que Addaura estava já perdido em pensamentos divergentes das suas palavras, Sigborgson continuou e dir-se-ia que um botão, algures, lhe tinha aumentado alguns pontos percentuais no entusiasmo com que falava.

“Há um produto em fase muito adiantada, que irá ser colocado no mercado. Como lhe disse, vou a jogo poucas vezes. Mas entro para ganhar. Já perdi, como pode imaginar pelos meus cabelos brancos. Mas acredite que de cada vez que perco aumenta a minha tenacidade e a minha vontade de não voltar a perder.”

Addaura estava impaciente. Havia uma intersecção, um terreno comum para aquelas duas mentes. Algum do pragmatismo do financeiro cruzava-se com um certo discurso científico do académico. Mas fora isso, a paixão científica pela pura descoberta, a curiosidade quase infantil, aborreciam e irritavam o financeiro. E esta até agora desconhecida propensão para a auto-promoção do ego, juntada à forma turva de falar do que não se quer revelar, em vez de simplesmente não se falar disso, deixavam o académico impaciente.

“Qual é o seu jogo de poker, aqui? Imagino que eu sirvo para lhe dar as informações, as estatísticas de jogo, para elaborar um programa que consiga computar tudo. O que posso fazer por si?”

Desta vez houve uma certa ferocidade no olhar de Sigborgson, que, no entanto, simplesmente perdeu os pontos percentuais no entusiasmo, regressando ao habitual tom humilde e eficaz com que explicava tudo. “Chamei-o aqui porque algumas pessoas, com méritos académicos do nível do seu, nos aconselharam a usar o Teste de Churchland.”

“Bem, gostaria de saber quem são esses neo-Rosmundurianos e que argumentos.” O seu interlocutor continuava a olhá-lo em silêncio. “Aconselharam a usar? Usar em... quê?”

“Eu tenho muito gosto em explicar os argumentos dos neo, dos académicos que nos aconselharam. Dizem eles que pode ser muito perigoso uma entidade que consiga de facto passar o Teste de Turing. E que, para quem quer lançar um produto viável no mercado, pode ser mais cauteloso o foco numa forma de averiguar se a entidade é humana ou não.”

As expressões faciais de Addaura mudaram, como numa escala, começando numa extremidade que misturava choque e entusiasmo, passando pelo zero, que era desprezo e desapontamento, até à outra extremidade, que era quase fúria e certamente um paroxismo de impaciência.

“Isso não tem nenhuma base científica. É ridículo.”

“Se está aqui, é porque a sua opinião é mais valiosa do que a de um grupo de neo-académicos.” Sigborgson tinha perdido o tom humilde, embora continuasse a ser impossível detectar onde e se a ironia surgia.

“Um grupo de. O que é que tem em mãos e o que quer?”

“Como imagina, antes de avançarmos, haveria que assinar um acordo de confidencialidade. No entanto, parece-me que existe talvez uma outra dificuldade.”

“Que dificuldade?”

“Preferia que fosse o Sr. Addaura a esclarecer. Na minha opinião, julgo que já está a pôr em causa a legitimidade científica de algo mesmo sem saber do que se trata. Por acaso pensa que o trouxe aqui para fazer perder o seu tempo?”

“Quero apenas saber em que é que posso ajudá-lo. Disse-me que foi como especialista em IA que me chamou. Nessa condição digo-lhe que a ideia de um Churchland Test não faz sentido. Porque é que há sequer necessidade de fazer um teste, seja ele qual for?”

“Como lhe disse, nisto sou eu o ignorante. Sobre o Teste de Turing tinha ouvido falar, mas nem sabia o que era. Eu estava a falar com a equipa de especialistas que fizeram parte do desenvolvimento do produto. E eles disseram que seria importante fazer um Teste de Turing. E eu perguntei em que é que isso poderia melhorar o produto. Não me deram nenhuma resposta convincente e devo dizer-lhe que fiquei até com a impressão que eles queriam apenas impressionar a comunidade científica com o resultado do teste. Era uma espécie de triunfo do ego científico, que eles queriam, como prémio tangível do seu envolvimento no projecto. Eu asseguro-lhes que já são, de todo o projecto, os empregados mais bem pagos que tenho. Que mais podem eles querer.”

A pausa foi perscrutadora, mais no sentido Sigborgson-Addaura que no sentido Addaura-Sigborgson. Addaura, num botão, algures, tinha aumentado alguns pontos percentuais na sua disponibilidade para escutar. Não comentou, nem quis pensar por um instante se as referências à ciência eram pistas para intervir. “Sim?”

“A minha pergunta é simples. Com tudo o que aqui estamos a desenvolver, eu não preciso de nenhum teste que me diga se o que fizemos é ou não uma boa imitação dos seres humanos. O que preciso é de um teste que o consiga distinguir dos humanos. É possível desenvolvermos uma forma de verificação que o consiga distinguir?”

“Que consiga distinguir o quê, Sr. Sigborgson?”

Desta vez a curiosidade de Rui Addaura foi quase um tónico, um elogio à forma como tudo estava a correr. Sigborgson sorriu.

“É possível distinguir a Inteligência Artificial da Inteligência Humana, Sr. Rui Addaura?”

“Se pretende uma resposta de perito, concreta, só lhe posso responder em laboratório, empiricamente. E sabendo do que é que estamos a falar quando dizemos Inteligência Artificial. É uma expressão que já foi usada para significar tantas coisas diferentes.”

“Li o seu livro. É verdade que não tive capacidade para entender tudo, ou para o acabar. Mas foi o suficiente para perceber que acredita e defende que inevitavelmente a capacidade de computação vai aumentar até um ponto em que a inteligência das máquinas vai ser muito difícil de distinguir da inteligência dos seres humanos. Compreendi mal o que escreveu?”

Pela primeira vez, Rui Addaura sentiu-se desconfortável na cadeira, teve o impulso de colocar a perna esquerda por debaixo da coxa direita, como fazia em casa, quando precisava de se concentrar mais, a meio de uma frase encravada, ou de uma fórmula por resolver. Colocou as mãos nos braços da cadeira como que a sobrelevar-se, mas a seguir percebeu o gesto automático que estava prestes a fazer e continuou sentado da mesma forma, desconfortável, mas não tanto.

“Penso que entendeu o sentido geral do que escrevi. Mas isso é do apêndice em que publico dois ou três artigos mais antigos. E estão escritos de forma mais, digamos, pessoal. Não têm um carácter científico. São sobre, são especulação, se quiser entender dessa forma. Na minha actividade como

cientista lido com factos. Embora acredite que nesses artigos estou a referir-me a tendências que se verificam, não é aí que está a essência do meu trabalho.”

“Compreendo. Ainda assim, se o escreveu é porque acredita nisso. Pode, se quiser, responder de forma especulativa. É possível distinguir uma máquina de um humano?”

“Olhe, pegando nos Rosmundurianos. O que eles defendem, em geral, é que o dogma vigente tem sido sempre, desde o texto de Alan Turing, o «Computing machinery and intelligence», que devemos esquecer tudo o que não seja criar uma imitação da inteligência humana. E que basta uma máquina passar o tal Imitation Game. Ou seja, o testador não saber se está perante uma máquina ou um humano, para se considerar que se atingiu esse ponto chamado Inteligência Artificial. Começam logo mal, porque têm uma visão muito reduzida de toda a investigação que está a ser feita e não têm em consideração a diversidade de ideias que existe na comunidade científica.”

Bastaram duas rugas numa testa, para Rui Addaura perceber que o seu interlocutor queria que a sua contextualização gerasse algo pragmático muito em breve.

“Qual é a base com que o Sr. Sigborgson foi aconselhado a usar um Churchland Test? Conhecendo a argumentação Rosmunduriana é fácil perceber. Eles acreditam que a investigação na área da IA pode progredir muito mais numa lógica eliminativa. Já lhe explico o que isso significa. Se vamos usar um teste, concluem, o teste deve ter o intuito específico de detectar que estamos perante uma IA. Depois, não sei se tem consciência disso, há imensos ramos, não vou entrar em pormenor. A grande maioria dos neo-Rosmundurianos são os chamados multi-eliminativos, por isso tenho razões para acreditar que o que lhe propuseram foi nessa lógica. A detecção de uma IA, numa lógica multi-eliminativa, é a de usar não um teste, mas uma bateria de testes e verificações. Alguns multi-eliminativos sugerem mesmo quebrar a regra que determina que se façam testes cegos, nos testes de Turing. Ou seja, sugerem passar a ver a máquina. Para termos uma inteligência artificial, segundo os multi-eliminativos mais radicais, teria de ser uma imitação perfeita de um humano, ou seja, um software perfeito a comandar um andróide orgânico perfeito. Isso, como qualquer pessoa razoável consegue entender é ridículo. O que eles propõem não é analisar a inteligência mas, digamos, a qualidade da imitação.”

“Não necessita de continuar na sua crítica espontânea e deveras brilhante. Penso que compreendi.”

Aqui a ironia de Sigborgson era subtil mas quase inegável. Ainda seria possível negá-la perante um tribunal, mas por pouco.

“Addaura, diga-me”

Uma estranha pausa, em que Sigborgson fechou as mãos e olhou para elas. “No caso de ser precisamente isso que se pretende, distinguir a qualidade da imitação. Imagine que isso um dia é necessário, pensa que o Teste de Churchland podia ser útil?”

Outra pausa, desta vez mais perscrutadora no sentido Addaura-Sigborgson do que no sentido Sigborgson-Addaura. Mas foi Sigborgson que falou.

“Antes de responder, deixe-me dizer-lhe que foi a minha equipa, os tais neo-qualquer-coisa que me recomendaram o seu nome. E a seguir, de novo quase toda a gente voltou a falar em si. Até os seus adversários o têm em

muito boa conta. É admirado pelos seus pares. Eu não posso dizer o mesmo de mim, invejo a sua reputação.”

“Sr. Ansgar Sigborgson, faz-me perguntas, ou melhor, faz-me repetidamente a mesma pergunta sem me dar nenhum dado concreto para eu analisar o problema. Se tudo isto tem a ver com protocolos de segurança, no que toca a lidar com a possível autonomia de uma IA, a questão já foi longamente debatida e está, até certo ponto, resolvida. Até na Ficção Científica. Há as três leis da robótica, do Asimov. Cujo espírito pode facilmente ser adaptado para software em vários tipos de utilizações. E existem propostas sobre a limitação da auto-consciência, da autonomia, da capacidade de tomar decisões, e de outras formas de controlar o que, por desconhecermos, não sabemos se se poderá virar contra nós.”

“Agradeço a sua contribuição, mas quanto a ficção científica não estou muito interessado. Chamei-o aqui enquanto cientista. Obrigado.”

“Porque é que me apertou a mão? Terminou a reunião?”

“A não ser que tenha alguma pergunta.” O mesmo tom humilde, impecável.

“Mas... fica por aqui? Só queria saber se eu acho que o Churchland Test é viável?”

“Agradeço a sua disponibilidade. Obrigado.” Sigborgson sorriu pela segunda vez. Desta vez de forma calorosa, dir-se-ia.

“E o vosso projecto? Quer dizer, como eu não lhe posso ajudar a fazer o teste que queria não vai incluir-me na equipa?”

Sigborgson olhou para o pulso direito e tocou no ecrã, perante o olhar atento, quase paranóico de Rui Addaura. Não era nenhuma marca de smartwatch que o seu nervoso interlocutor conhecesse. “Addaura, se consultar a sua conta bancária pode verificar que o valor combinado já foi transferido, como pagamento pelos seus serviços de consultoria. Mais alguma coisa em que eu possa ajudar?”

“Mais alguma coisa? Não. Mas não chegámos a assinar nada, nenhum acordo de confidencialidade, não tem medo de que eu fale?” O terceiro sorriso, acompanhado com umas rugas na testa, interrogativas, divertidas, atingiu o académico.

“Claro, o que é que eu ia dizer, que falei com um tipo que não faço ideia quem é, num escritório de São Paulo? Que existe uma empresa ou um conjunto de empresas a trabalhar num projecto que envolve inteligência artificial?”

“Sr. Rui Addaura, prefere que seja eu a sair, para ter algum tempo para si? O mini-bar está cheio.”

GenderCast™

Não é possível contar a história do sistema GenderCast™. Foram publicados muitos livros. Histórias oficiosas. Relatos oficiais descartados geralmente como propaganda e marketing. Grandes e pequenas reportagens. Investigações mais ou menos rigorosas. As habituais teorias da conspiração. A que se tornou mais popular foi a que emergiu quando um tal João Semil quis convencer o mundo da sua própria teoria da conspiração. O sistema GenderCast seria produto de uma série de agentes subversivos, ao longo de vários anos, que conseguiram tornar-se influentes nas várias comunidades necessárias para acabar por tornar possível o projecto.

Os livros contradizem-se entre si e as teorias da conspiração acusam-se mutuamente da autoria material, em camadas sucessivas de paranóia e grandiosidade. Muitas investigações apenas optam por pretender desmascarar algumas das teorias da conspiração, ou algumas das contradições dos relatos oficiais. Outras, em vez de voltar a investigar, aplicam o método que no mundo académico se chamaria uma meta-análise. Pegam em todas as investigações já feitas e procuram encontrar um sentido que ainda não tenha sido descoberto, talvez confiando numa intuição ou num talento que aos outros investigadores não estivesse disponível.

Os relatos oficiais sucederam-se a um ritmo regular e discreto, como literatura comemorativa. Os próprios títulos têm sido ao mesmo tempo portadores de autoridade e modéstia. “GenderCast: A história de uma aplicação”. Sem se arrogar contar a história de outra coisa que não seja a aplicação que os utilizadores têm disponível, ainda assim, era contada “A história” e não “uma história”. Era, modestamente, a história de “uma aplicação”. A opção era interessante, longe dos discursos messiânicos e optimistas de outras empresas, “Saiba como trouxemos o futuro até si” ou “Tudo sobre a empresa que mudou a forma como pensávamos que pensávamos”. Vinham quando havia uma actualização de software assinalável, ou quando se dava uma significativa alteração de design, ou quando chegava uma data importante, ou outro evento de monta. Era o caso agora.

A GenderCast tinha adoptado o alfabeto unificado, expressão nova para designar algo já em uso. Essa decisão estava a criar ondas de controvérsia na comunidade que usava a aplicação. Estimava-se que 42% dos utilizadores de computador, em algum momento, já tinham instalado a aplicação, gratuita, e que quase 7% de toda a população mundial com acesso à Internet tinha comprado o GenderKit, por 8Gĩ. Por algum motivo, a moeda virtual que a GenderCast tinha criado, o Gĩ, valia 12,5 dólares, tendo sido indexado ao dólar, de forma a que 8Gĩ valessem sempre 100 dólares. Por esse preço, recebia-se em casa não um mas dois kits. O BloodPrint, que permitia recolher amostras de sangue e de ADN e enviar os dados respectivos através da web, e o GenderKit.

Não se sabia quantas pessoas, exactamente, tinham usado o kit da GenderCast. Estes números, os escassos números existentes, eram da empresa. Quem quis cruzá-los com os números das pessoas que tinham acesso à Internet, dizia que não poderia haver mais de 350.000 pessoas com o kit, se fôssemos a acreditar na empresa, mas tendo em conta que os números pudessem estar inflacionados, esse número poderia ser consideravelmente inferior. O que tornava tudo isto mais complicado, muito recentemente, era a

crescente popularidade de uma empresa rival, que toda a gente esperava pudesse ser adquirida pela GenderCast, num negócio bilionário, mas tal ainda não tinha acontecido, nem nenhum indício de tal negócio tinha sequer sido noticiado. A VirtualGender era uma aplicação, com enorme capacidade de integração com outras aplicações e com a possibilidade de gerar avatares para jogos, ambientes virtuais e para qualquer tipo de site, que foi imediatamente adoptada pelas comunidades entusiastas do software Preal. Tendo apenas dois anos, metade do tempo de existência da GenderCast, a VirtualGender afirmava ser usada regularmente por cerca de 40% dos utilizadores da Internet, quase o mesmo dos que alguma vez tinham feito download da GenderCast. O que poderia explicar o sucesso da VirtualGender? Dois milhões de utilizadores contra apenas trezentos e cinquenta mil?

O sistema GenderCast, na sua página, afirmava ser “um sistema que libertava o ser humano dos grilhões do género alter-atribuído e permitia aos indivíduos emanciparem-se, descobrindo e assumindo a sua identidade e sexualidade”. Na prática, havia dois passos e dois processos. Nenhum dos dois era simples. O GenderKit era um conjunto de hormonas, DNA boosts, self-replicating nanocybots e outros ingeríveis. Havia um manual que explicava como combinar cada um destes elementos, para que se pudesse depois passar pelo que era conhecido pela GenderMorphosis. No final de 6 meses, usava-se o BloodPrint, que recolhia uma amostra de DNA e de sangue, e fazia-se o GenderTest, que consistia numa entrevista vídeo em que se respondia a uma série de cerca de 500 perguntas. O BloodPrint também funciona como uma espécie de detector de mentiras, durante a entrevista, embora essa função fosse mencionada através de um nome que pretendia ser mais atractivo: emoCheck. Usar o GenderCast era passar pelos dois passos iniciais de comprar e usar os kits e pelos dois processos de tomar os ingeríveis e submeter os resultados, quer do BloodPrint, quer do GenderTest, à comunidade GenderCast. Assim que a aplicação recebia o BloodPrint, o utilizador podia fazer o GenderTest, e assim que este fosse completado, a conta do utilizador aparecia com o status “em GenderMorphosis”, sendo o utilizador assegurado que o resultado seria fornecido exactamente em 48 horas. Não num máximo de 48 horas, mas em 48 horas exactas.

No primeiro ano de funcionamento a aplicação mostrava a contagem decrescente, mas com a primeira grande actualização de software, a contagem decrescente foi substituída por uma animação, que simbolizava uma metamorfose, sendo que no final das 48 horas, a animação revelava qual o género que tinha sido atribuído/confirmado.

Durante as 48 horas prometidas, o que acontecia é que a comunidade de utilizadores que já tinham passado por todo o processo, avaliava os dados do utilizador em GenderMorphosis. No sistema criado, cada utilizador, para poder continuar a usar a aplicação GenderCast, tinha a obrigação de votar em todos os processos de GenderMorphosis que dissessem respeito ao seu género/casta e pelo menos num processo de outro género/casta de 24 em 24 horas. Era avisado através da aplicação. E, depois de um aviso de incumprimento, ao segundo incumprimento era expulso da aplicação e da comunidade. A única forma de voltar à comunidade era voltar a comprar a aplicação, como se fosse um novo utilizador, e fazer tudo de novo, submeter amostra de DNA e sangue através do BloodPrint e responder às 500 perguntas através do GenderTest, esperando o julgamento da comunidade em relação ao

seu pedido relativo ao género escolhido. Arriscando, de novo, a que o julgamento da comunidade não coincidissem com o pedido.

O peso relativo que a avaliação da comunidade, as amostras de DNA e sangue, as respostas às perguntas, e o emoCheck tinham de facto era diferente para cada género/casta. E tinha sido decidido e alterado, ao longo do tempo, pela própria comunidade. Fazia parte de um documento open source. A designação open source tinha sido sugerida pela empresa e a sua política geral ainda era imposta pela GenderCast, mas a designação foi sempre disputada. O documento tinha a contribuição de todos os utilizadores que passavam pela GenderMorphosis e que desejassem contribuir para o seu melhoramento, desde que respeitassem o artigo constituinte, que dizia algo como, este artigo é o único que não pode ser alterado e estabelece que o documento que aqui se inicia só pode ser acrescentado e melhorado pela comunidade GenderCast, constituída por quem já completou GenderMorphosis e cujo objectivo é ajudar a receber todos os que vão passando pelo mesmo processo. Como mais ninguém podia contribuir, diziam muitos, não era realmente open source este projecto. Era até, avisavam, um projecto bastante fechado, fruto de uma comunidade fechada em si mesma.

Muitos, na comunidade GenderCast, defendiam que se abrisse este documento à contribuição de qualquer pessoa e a discussão sobre os géneros da constelação GenderCast ao mundo inteiro. As duas coisas eram impraticáveis. A constelação GenderCast pertencia a uma empresa. O documento que a regulamentava tinha como única regra fixa que só a sua comunidade podia criar as suas regras. Os defensores dessa regra viam nisso a sua maior virtude. Diziam que longe ia o tempo em que os polícias, os médicos, os políticos e os padres usavam e abusavam da sua autoridade para mandar na sexualidade dos outros. Quem pode identificar e assumir um género/casta é o indivíduo que vive na sua própria pele. Mais ninguém. Esta discussão era circular e, na verdade, passava-se fora da aplicação, em fóruns a que chegavam pessoas que não usavam a aplicação.

O que se especulou é que um dos principais fundadores da VirtualGender foi Croßfitt, ou melhor, quem estava por detrás desse nome de utilizador nos fóruns. Croßfitt era um dos membros mais activos na comunidade GenderCast, pertencendo ao que era chamado de GenderPast – os pioneiros que lançaram as bases, enquanto utilizadores, do que viria a ser uma comunidade nova, nos anos a seguir à implantação da aplicação, que se estabeleceu com um léxico feito de ferramentas que até então não existiam. Mas essa era apenas uma das versões. Outra era que a VirtualGender tinha sobretudo capital de um fundo de investimento que também estava comprometido com a CarbonGentleman, que detinha a GenderCast. O que mostrava que criar a VirtualGender ou comprá-la ou nela investir, logo no início, era apenas uma forma de o poder, o verdadeiro poder, se assegurar que continuava na dianteira não perdendo dinheiro quando as tendências dos consumidores mostravam o mais pequeno indício de se diversificar.

Com a VirtualGender bastava escolher, simplesmente escolher, qual o género que se pretendia. E imediatamente se podia assumir esse género online. Em qualquer serviço, de qualquer forma já existente. E de várias outras formas, que a aplicação trouxe para o mercado. Era mesmo possível, algo impensável para a comunidade GenderCast, ter vários géneros, simultânea ou consecutivamente. Algo que na aplicação VirtualGender se tornava possível

com os GenderPersonnas, que eram geridos de forma semelhante à que os programas de passwords usavam para gerir sessões diferentes ou utilizadores diferentes. Para um ambiente de trabalho, ou para um browser, ou para um jogo, ou para uma aplicação, poderíamos ter uma persona pré-definida, e assim que entrávamos nesse browser, ou jogo, ou ambiente de trabalho, desde que estivéssemos com a aplicação VirtualGender, era assumida a persona, e para outro jogo ou browser ou aplicação, poderíamos ter outra persona como default.

Várias expressões entraram na linguagem corrente a partir da cultura VirtualGender, algo que a GenderCast não tinha conseguido. Se alguém perguntasse “isso é uma persona, ou és sempre assim?”, a grande generalidade das pessoas saberia relacionar a pergunta com um género virtual.

Algo que tinha sido mérito da GenderCast ou, numa linguagem empresarial, opção estratégica, era a capacidade de cada género estabelecer, em razoável autonomia, regras, linguagens, rumos, dentro de uma certa coerência global. Quer a autonomia, quer a coerência, tinham sido sempre a marca GenderCast. Isso tinha permitido um caos com um certo gozo cósmico. Como que uma entropia que se sabe vir de um Big Bang primordial que faz todo o sentido. E cujo sentido é simplesmente acelerar, euforicamente, depois de se encontrar a galáxia a que se pertence. Acelerar, para ficar cada vez mais longe de um centro onde já se foi perigosamente uno e explosivo e impossível de conter para sempre igual, com tantas energias e partículas e matérias exóticas demasiado perto e em mutação.

A GenderCast adoptou o alfabeto unificado. O anúncio oficial era, sobretudo, um manual. Foi apresentado como um presente para a comunidade “Castiana”, palavra que foi usada em cerca de 50 traduções/adaptações fonéticas, incluindo Castian, Castienne, Castir, Castió, com muito poucas variações, pela primeira vez, no que foi considerada uma manobra de diferenciação, e apresentado oficialmente como um esforço sincero de localização. O manual passava a vir incluído nas novas aquisições, e continha um conjunto de 15 cartões, de 2 polegadas de lado, contendo todos os 15 morphemas da constelação de géneros GenderCast, agora fixada no alfabeto unificado. Vinha incluído ainda um voucher NFC que oferecia um design à escolha de qualquer um dos géneros (qualquer uma das combinações 15xY) na aplicação Tactoo. Até então o alfabeto usado tinha sido o alfabeto Brahmi. As quinze primeiras letras deste alfabeto eram usadas para representar os 15 morphemas primordiais da constelação GenderCast. Nunca foram amplamente usadas nessa forma, mas a ideia de usar letras de um alfabeto arcaico foi inspiradora e, nas sub-comunidades, popularizou-se o hábito de usar caracteres como forma de distinção, quer para identificação própria, quer para identificar outros GenderCasters, quer para designar out_casters. Todo o tipo de letras, ideogramas e hieróglifos passaram a ser usados. Houve uma ou outra convenção, de uso restrito. E a que teve mais adeptos foi o alfabeto fenício. Originalmente, a GenderCast tinha passado a identificar, com o alfabeto Brahmi, cada um dos quinze morphemas, com cada uma das primeiras quinze letras do alfabeto aramaico, usando a sua representação gráfica do alfabeto Brahmi. Com o mesmo conceito, a representação gráfica que acabou por ser mais popular entre os castianos foi a do alfabeto fenício.

No universo GenderCast, a palavra cast acabou por ganhar um outro significado, com o tempo. Cada um dos 15 morphemas se foi com o tempo

tornando algo que inspirou uma prática que os seus membros consideraram justo designar por casta, ou clã, por agregar pessoas segundo uma mesma forma de classificação, um mesmo entendimento, um mesmo olhar sobre o género. Com o tempo, cada morphema evoluiu e as pessoas que, depois da GenderMorphosis, tinham confirmado pertencer à mesma família morphémica, foram contribuindo para definir a identidade de cada grupo de género.

Um morphema não é um género. É uma unidade de classificação. É a unidade mínima, dentro do sistema GenderCast, com que se classifica o género. No GenderCast há três tipos de morphemas: escalas, variações e elementos. Isso permite que uma pessoa se defina com mais do que um morphema. Por exemplo, alguém pode afirmar-se e, mais importante ainda, ser confirmado, após GenderMorphosis, como Bēth Gæmæl Tēth. Neste exemplo a primeira letra do alfabeto fenício, beth, é um morphema com 5 variações, a letra gamal um morphema com 3 elementos e teth um morphema com 5 variações. O que os acentos gráficos permitem saber sobre a pessoa que se identifica da forma referida no exemplo é, de forma extensa, que se trata de alguém, traduzindo cada morphema: *tendencialmente autosexual, eclipse, não identificado com o sexo morfológico*. Através do alfabeto unificado, três símbolos:



Depois dos primeiros ataques de out_casters a escritórios e interesses da GenderCast, durante as marchas MOO_c, com prank drones a escrever palavras de ordem com mensagens de ódio nas paredes e no asfalto, houve um recuo no à-vontade castiano. Muitos deixaram de exhibir as Tactooos que se tinham habituado a usar, ostentando o alfabeto mórphico. Outros usavam precisamente camuflagem da Tactoo para esconder tatuagens com letras fenícias, para que ninguém percebesse a sua identidade castiana. Foi nessa altura também que surgiu uma posição, conhecida pela posição singular, ou então referida como a posição dos genesíacos.

Nos fóruns, em trocas de email, em LAN parties, à porta fechada, em cada oportunidade, ia-se debatendo a ideia de que não fazia sentido a actual situação de completo caos pós-gendermórphico e que uma maior equanimidade deveria ser procurada. Isto, traduzido, tinha a ver com o seguinte, o sistema que confirmava a casta atribuída estava em constante melhoramento, tal como outros projectos open source. As regras iam mudando. Cada casta ia fazendo as suas regras. E, inevitavelmente, no início, as castas nem sequer tinham membros. Os primeiros membros beneficiaram da, ou foram prejudicados, pela falta de regras, e foram eles que começaram a estabelecer as primeiras regras da sua casta. São conhecidos, estes primeiros membros, como os geNerics. O nome deve-se ao facto de, na maior parte dos casos, não haver sequer base, ainda, para distinção dentro da própria casta.

O que era agora reivindicado, apenas por uma minoria, entenda-se, é que se voltasse a passar pela GenderMorphosis, para que a casta atribuída

fizesse sentido. Um grupo crescente de reivindicadores defendia que todos, sem excepção, voltassem a passar pela transição. Chamavam a esse momento algo como GenderCast 1.0, ou o Início, ou GeneSys ou Singularidade. Muitos temiam que essa vontade vingasse, porque o processo era desgastante, porque a possibilidade de irem parar a uma outra casta lhes desagradava e porque viam tudo isto como uma imposição alheia, uma violência exterior.

Houve quem chamasse a isto uma forma de transformar castianos em out_castianos internos. Houve alguns conflitos entre aliados de longa data. E consta que houve mesmo quem saísse da GenderCast definitivamente. Os números de utilizadores da VirtualGender continuavam a aumentar, havendo até, com uma ironia amarga, um clã com o nome out_caster. Alguns membros dos clãs GenderCast, num acto derradeiro de protesto, juntaram-se às marchas MOO_c, no que foi considerado o mais odioso self-hating.

Casandra

“Bem-vinda aos futuros.”

Baixaram a cabeça, para passar debaixo de um pano escuro e pisaram com cuidado, caminhando por entre tábuas e caixas.

“Por aqui, entre.”

Um gesto com o braço em semicírculo e um sorriso vaidoso.

Encontravam-se no centro de tudo. Um espaço vazio, com a forma negativa de um imenso cilindro, que em cima terminava numa clarabóia. A superfície do cilindro era sugerida por sucessivas salas, limítrofes, de tamanhos diferentes, que se abriam para o espaço central. As paredes que delimitavam as salas teriam quase meio metro de largura.

“Como lhe explicámos, estamos a inverter a lógica que usámos até aqui. Os nossos clientes vinham e entravam directamente para as salas que aqui vê. Hologramas iam alterando a forma como interagiam com este espaço aqui onde nos encontramos.”

A pessoa que explicava, um galante trintão, vestido com um fato caro acabado de estrear, parecia estar a beneficiar mais da explicação do que a pessoa que escutava, uma mulher nos seus quarenta, com roupa formal, calças e blusa, mas menos ostensiva no gosto e sobretudo no preço. A ouvinte tirava notas num dispositivo com ecrã, com um discreto ar de aborrecimento, mais atenta às indagações do seu olhar em volta e às respostas que Feron lhe dava às suas perguntas ocasionais que ao discurso dele.

Ele dava o ar de estar a aproveitar a ocasião de ter diante de si uma perita numa área em que ele se considerava um amador bastante competente. Patri Coleman, no entanto, tinha estudado em pormenor todos os sistemas, todos os manuais, todos os diagramas de tudo o que ali estava em uso, antes de falar com Feron Laszlo.

“Quando voltarmos a abrir, daqui a dois meses, virá apenas um cliente de cada vez. Vamos ser ainda mais exclusivos do que sempre fomos. O cliente vem para a consola central. E terá acesso aos futuros, enquanto investe. O anterior modelo não tinha grande capacidade de representar aquilo em que os clientes estavam a apostar. Planeamos abrir mais 8 Caszandras pelo mundo fora.”

Coleman olhou em volta, rodando os pés, fazendo um círculo com o corpo, enquanto ia passando os olhos por cada uma das 20 salas, tendo o seu movimento circular apenas uma interferência, uma silhueta humana. Feron, no seu fato escuro, sorridente.

“A sua equipa consegue ter tudo pronto para os primeiros testes daqui a um mês?”

“Daqui a três semanas começamos os testes preliminares. Dentro do seu mês pode contar com a primeira demonstração.”

As duas frases fora proferidas falando de forma mecânica, olhando alternadamente do ecrã que segurava nas mãos para o espaço em volta voltando o olhar para Feron apenas nas três últimas palavras.

“Ótimo, ótimo. Ótimo.”

“Sabe, ajudava muito o meu trabalho se eu conseguisse perceber o que é que os seus clientes de facto iam visualizar naquelas salas. Gosto de saber

em que é que estou a trabalhar. Há uma série de parâmetros, de materiais, de opções”

“O rosto de Feron Laszlo tornou-se sombrio, como se uma personagem macabra o possuísse. Ou, pensou Coleman por um instante, como se a máscara da sua personagem jovial e pateta se tivesse dissolvido instantaneamente. Foi o suficiente para que ela interrompesse a sua interpelação. Tinha experiência suficiente neste tipo de contratos para não estragar um bom negócio por falar demais. Ainda assim, Laszlo não deixou cair.

“Estou à sua disposição para esclarecer qualquer especificação técnica. O que é contratado pelos nossos clientes, como decerto compreende, a eles lhes diz respeito. No que for necessário, ainda assim, saber para cumprir aquilo para que foi contratada, eu terei todo o gosto em ajudar, respeitando sempre quer a confidencialidade a que nós estamos obrigados para com os nossos clientes, quer aquela a que a sua empresa se obrigou, quando assinou contrato connosco.”

À medida que ia reforçando pela redundância a mesma ideia, mantinha o olhar fixo num ponto do rosto de Coleman, o centro da testa, parecia-lhe. As palavras não aumentavam de intensidade, pelo timbre, volume ou rispidez. Mas aquela forma de olhar trazia um carácter obsessivo. De novo uma sombra, uma ameaça firme, que ela fez por acatar, serenamente, seguindo em frente. Não lhe apetecia qualquer tipo de jogo, averiguação da sanidade do seu interlocutor ou das manobras do seu contratante. Estava ali para fazer um trabalho relativamente simples, complexo apenas pela sua magnitude. Não seria ela a criar as complicações.

Afastou-se, antecipando a recolha de algumas notas que realmente necessitava tirar, fazendo por ter alguns metros a separá-la de Lazlo. Ele foi coerente. Sempre que ela abandonava o registo de ouvinte passiva, adoptando o de técnica a fazer trabalho de campo, fez o mesmo. Passou de um falso diálogo, que só admitia perguntas convergentes na sua narrativa, que o confirmassem, para uma retórica que parecia auto-celebrativa, pelo entusiasmo da vaidade, pelo prazer em brilhar, pelo abandono ao puro exercício do discurso, embora o tema fosse sempre a Caszandra.

“Os criadores da Caszandra, durante anos, tinham a ideia de usar o conceito de alguns pubs tradicionais ingleses. Os clientes entram para um compartimento com uma mesa, que tem uma abertura para o balcão. O barman vê os compartimentos, onde cada grupo de clientes é servido, mas nenhum grupo de clientes vê os outros, apenas vê o barman. Isto permite que cada grupo possa tratar dos seus negócios em privacidade, embora todos eles tenham acesso ao bar, possam ser servidos e estejam, na prática, no mesmo sítio, ao mesmo tempo. Podem ser inimigos, podem ser amigos, podem estar a ser urdidas conspirações, intrigas, nos compartimentos do lado. Ninguém sabe quem vem e o barman está obrigado a manter a confidencialidade. Tudo isto resulta porque os clientes sabem que a sua identidade irá ser mantida em segredo.”

Patri Coleman caminhava lentamente. Parava, de tempos a tempos. Mais para se concentrar nas palavras que Laszlo proferia, como se lhe agradasse o efeito do eco curto e cheio que provocava, do que para se concentrar nas palavras que escrevia. Pensava que o multitasking era o mais cruel dos mitos.

“O que interessou aos meus empregadores foi esta dinâmica de ligar um espaço central, gerido por quem fornece um serviço, a um certo número de clientes interessados no serviço.”

A pausa inquietou Coleman. Esperava que Feron Lazlo continuasse o seu discurso. Tinha a esperança que a sua vaidade o tornasse loquaz. Não queria ceder ao impulso de perguntar, por exemplo, que serviço, afinal que serviço, concretamente, vendem.

“A longa experiência que temos nas áreas em que fazemos negócio, ajudou-nos a perceber que o conceito já era, praticamente, o próprio produto. Os nossos clientes estão habituados a determinar o curso dos acontecimentos do mundo.”

Afinal, pensava Coleman, já não resistiu a usar a primeira pessoa do plural. Não tarda nada, vai começar todas as frases com a palavra eu e acaba por só falar dele e de como o mundo todo o devia adorar e fazer-lhe estátuas.

“Tem notas suficientes? Em que é que posso ser-lhe útil? Sabe que estou à sua disposição.”

O tom neutro da voz, de novo.

“Sim, de momento é tudo. Às 15h00, estará aqui a minha equipa para uma avaliação completa. Quando sair daqui vou-me reunir com eles para preparar a visita deles à Caszandra.”

“Perfeito. Já conhece o Smith, que vos acompanhará.”

A redundância com que repetiram o que já sabiam, tinha uma perfeição de ritual. Era quase um reverso da timidez fabricada com que um par romântico comunica o interesse mútuo. Lazlo e Coleman mostravam um ao outro, ostensivamente, que não tinham nada a declarar, que tudo decorria conforme esperado. Coleman porque queria muito que aquele contrato não se perdesse. Laszlo porque não tinha interesse em falar mais do que o necessário. Usavam, aparentemente, a redundância como uma forma de realçar os contornos. Como uma forma de aumentar a nitidez da realidade que não queriam deixar escapar.

Alfabeto castiano unificado

Ɑ

Ɱ

Ɐ

Ɒ

ⱱ

Ⱳ

ⱳ

ⱴ

Ⱶ

ⱶ

ⱷ

ⱸ

ⱹ

ⱺ

ⱻ

Alap – 5 variações



<Ālap – 2 sexos morfológicos e
identificação com 2 sexos



Ālap – 2 sexos morfológicos e
identificação com 1 sexo



Alap – Andrógino



Alāp – 1 sexo morfológico e
identificação com 2 sexos



Alāp> – 1 sexo morfológico e
identificação com 1 sexo

Beth – 5 variações



Bēth – Em mutação
tendencialmente
indefinível



Bēth – Indefinível
tendencialmente
autossexual



Bēth – Autossexual



Bēth – Compatível
tendencialmente
autossexual



Bēth – Em mutação
tendencialmente
compatível

Gamal – 3 elementos



Gamal – Sol



Gæmæl – Eclipse



Gama| – Lua

Dalath – 12 variações



Dālath – De origem alien
humano curioso



Dālath – De origem alien
interessado apenas em humanos



Dālath – De origem alien
interessado em aliens e humanos



Dālath – De origem alien e humana
interessado apenas em humanos



Dālath – De origem desconhecida
interessado apenas em aliens



Dālath – De origem desconhecida
interessado em aliens e humanos



Dālath – De origem alien e humana
interessado em aliens e humanos



Dālath – De origem desconhecida
interessado apenas em humanos



Dālath – De origem alien e humana
interessado apenas em aliens



Dālath – De origem humana
interessado em aliens e humanos

Dālath – De origem humana
interessado apenas em aliens

Dālath – De origem humana
alien curioso

He – 3 variações



Hě – Assexual identificado como feminino



Hē – Assexual andrógino



Hě – Assexual identificado como masculino

Waw – 5 variações



Waw – tendencialmente mechanóide



Waw – favorecendo a hibridização



Waw – horizonte de eventos



Waw – integrando alguma tecnologia



Waw – tendencialmente humanóide

Zain – 4 elementos



Zain – Solo



Zain – Este



Zain – Oeste



Zain – Água

Heth – Escala



Heth 1 – Indeterminado
grau de incerteza 1



Heth 2 – Indeterminado
grau de incerteza 2



Heth 3 – Indeterminado
grau de incerteza 3

Teth – 5 variações



Ṭēth – Identificado como M morfologicamente F



Ṭeth – Morfologicamente F e M identificado como F



Teth – Identificado com a morfologia



Tēth – Morfologicamente M e F identificado como M



Tētḥ – Identificado como F morfologicamente M

Yodh – 11 variações



Yodh – 2 personalidades
1 sexo morfológico
identificado com 2 sexos



Yodh – 2 personalidades
1 sexo morfológico
identificado com 1 sexo



Yodh – 2 personalidades
1 sexo morfológico
andrógino



Yodh – 2 personalidades heteroeróticas
1 sexo morfológico
identificado com 1 sexo



Yodh – 2 personalidades heteroeróticas
1 sexo morfológico
identificado com 2 sexos



Yodh – 2 personalidades adversativas
pós-gênero
andrógino



Yodh – 2 personalidades heteroeróticas
2 sexos morfológicos
identificado com 1 sexo



Yodh – 2 personalidades heteroeróticas
2 sexos morfológicos
identificado com 2 sexos



Yodh – 2 personalidades
2 sexos morfológicos
andrógino



Yodh – 2 personalidades
2 sexos morfológicos
identificado com 1 sexo



Yodh – 2 personalidades
2 sexos morfológicos
identificado com 2 sexos

Kap – 5 elementos



Kāp – Estrela



Kāp – Ar



Kāp – Mão



Kāp – Fogo



Kāp – Seiva

Lamadh – 2 elementos



Lāmadh – Orpheu



Lāmadh – Eurídice

Mem - Escala



Měm – Touro



Mèm – Unicórnio



Mem – Centauro



Mēm – Ninfa



Mēm – Virgem

Nun – 2+2 variações



N-n – DURO



Nün – SUAVE



N^n – EMOCIONAL



N~n – RACIONAL

Semkath - Escala



Semkath^ DEMÔNIO – Capaz e disposto
a usar a própria energia sexual e manipular
a energia sexual alheia



Semkath~ BAPHOMET – Capaz e disposto
a usar a própria energia sexual



>Semkath< ALQUIMISTA – Capaz mas não disposto
a usar a própria energia sexual e manipular
a energia sexual alheia



^Semkath~ QUERUBIM – Incapaz mas disposto
a usar a própria energia sexual e incapaz e não disposto
a manipular a energia sexual alheia



Semkath ANJO – Incapaz e não disposto
a usar a própria energia sexual ou manipular
a energia sexual alheia